



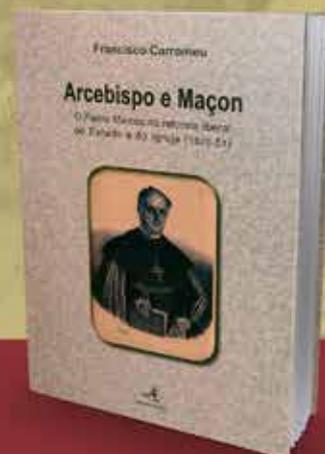
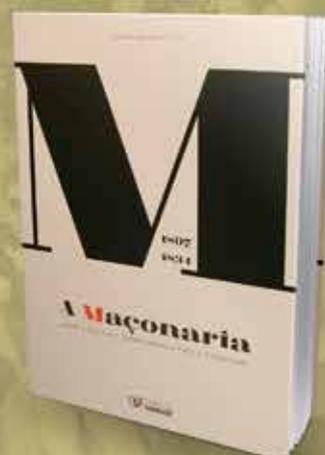
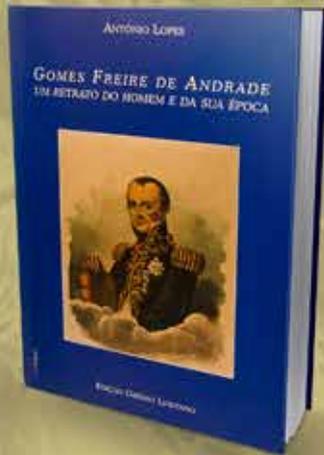
Grémio Lusitano

ANO 10 | Nº 22
1º SEMESTRE 2021
12.50 €

RITUAIS E PENSAMENTO MAÇÓNICO



OBRAS DISPONÍVEIS SOBRE MAÇONARIA E LIBERALISMO



MUSEU MAÇÓNICO
PORTUGUÊS



Facebook | Instagram
Museu Maçónico Português

ÍNDICE

- 1 EDITORIAL
António Lopes

RITUAIS E PENSAMENTO MAÇÓNICO

- 4 OS RITOS E OS RITUAIS MAÇÓNICOS -
INFLUENCIA SOBRE O PENSAMENTO E O COMPORTAMENTO
DO MAÇOM
Fernando Lima
Grão-Mestre do Grande Oriente Lusitano
- 7 RITUAIS:
UMA ESSENCIALIDADE INICIÁTICA
José Meira da Cunha
- 11 ISTO NÃO É UM BOCADINHO RIDÍCULO?
J. Xavier de Basto
- 15 PARRÉSIA COMO COMPONENTE DO TRABALHO MAÇÓNICO
Eduardo Silva
- 29 RITUAL E RITUAIS: PORQUÊ?
António Lopes
- 38 ACERVO DO MUSEU MAÇÓNICO PORTUGUÊS
- 43 PODE O MÉTODO MAÇÓNICO AJUDAR-NOS
A COMPREENDER MELHOR O MUNDO?
Joaquim Grave dos Santos
- 47 RITUAL MAÇÓNICO - UM EXERCÍCIO DE ESTILO
Manuel Pinto dos Santos
- 51 A GEOMETRIA E O TEMPLO A MENTE E A CONSCIÊNCIA
Roman (n.s.) / Loja Salvador Allende
- 61 A IMPORTÂNCIA DO RITUAL
PARA O CONHECIMENTO DO MAÇON NO SÉCULO XXI
DDM
- 63 RITUAL E FORMAÇÃO DE ENTENDIMENTO: UMA VISÃO PESSOAL
Jorge Sousa Mota
- 67 A QUEDA DA JERUSALÉM TERRESTRE
OU DA IMPORTÂNCIA DO RITUAL NOS ESQUEMAS
DE PENSAMENTO DOS MAÇONS
Fernando Marques da Costa



CAPA

Capa – O maçon e os seus instrumentos de trabalho. Gravura inglesa - 1754.

Fotografia **Ponto de Vista**.

ESTATUTO EDITORIAL

A revista *Grémio Lusitano* é um espaço de livre debate de ideias, tendo por base os valores da Liberdade, Igualdade e Fraternidade. As opiniões expressas sob a forma de artigos, são orientadas por critérios de rigor e criatividade editorial, diversidade temática, visando abranger diferentes campos do Saber, respeito pela opinião alheia e rigor histórico.

Pauta-se ainda pelas ideias inerentes ao Livre Pensamento, à liberdade de consciência e de expressão, à tolerância e ao pluralismo de pontos de vista.

Consideramos que a existência de uma opinião pública informada, ativa e interveniente é condição essencial para o exercício pleno da cidadania e para que cada pessoa exerça

os seus direitos e deveres conscientemente, contribuindo para o Bem Comum. Por isso, a revista *Grémio Lusitano* entende dever participar no debate das grandes questões que se colocam à sociedade portuguesa, numa perspectiva de tolerância, de respeito pelo outro e de uma formação individual.

A revista *Grémio Lusitano* reconhece como seu limite o espaço privado dos cidadãos e todas as matérias para as quais não está vocacionada, conforme o art.º 17º/1 da Lei da Imprensa, assumindo como seu objetivo primeiro a sua credibilidade e como objetivo último a formação de cidadãos plenos.

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE:

Grémio Lusitano

EDITOR

Grémio Lusitano

SEDE E REDAÇÃO

Rua do Grémio Lusitano 25 -
1200-211 Lisboa – Portugal

NIPC

500 929 270

DIRETOR

António Lopes

COORDENAÇÃO

António Lopes
Álvaro Carrilho

TEXTOS

António Lopes

Fernando Lima

José Meira da Cunha

J. Xavier de Basto

Eduardo Silva

Joaquim Grave dos Santos

Manuel Pinto dos Santos

Roman (n.s.)

DDM

Jorge Sousa Mota

Fernando Marques da Costa

REVISÃO DE TEXTO

Sílvia Rato

FOTOGRAFIA

Ponto de Vista

Museu Maçónico Português

GRAFISMO

Álvaro Carrilho

IMPRESSÃO

Gráfica Digital, Lda.

TIRAGEM (Digital e Papel)

3000 exemplares

PERIODICIDADE

semestral

DEPÓSITO LEGAL

198408 / 09

REGISTO ERC

127398

ANTÓNIO LOPES

A Maçonaria está habituada a viver dificuldades. Sempre foi assim desde o seu nascimento. Como todas as entidades que pugnam pela mudança, pela ambição de tornar os seus membros pessoas melhores, amantes da Liberdade e cidadãos conscientes da sua obrigação cívica em prol do Bem Comum, conheceu as perseguições da Inquisição, dos defensores do absolutismo ou das Ditaduras políticas. Ser um defensor da Liberdade, Igualdade e Fraternidade tem o seu preço. Neste século XXI a Maçonaria conheceu um novo inimigo: a pandemia. Mais do que aconteceu há cem anos com a designada gripe espanhola, a Maçonaria vê-se hoje confrontada com a redução da sua atividade, com os necessários cuidados redobrados e com a partida para o Oriente Eterno de alguns Irmãos. As reuniões de Loja foram suspensas, os ágapes que estreitavam laços não se têm realizado, as conferências, tão necessárias à evolução intelectual de cada um de nós, estão reduzidas ao ambiente virtual, frio e distante que um écran nos permite.

Mas tal como no passado, saímos desta pandemia reforçados. Saímos com a vontade de estarmos juntos. De podermos dar um abraço, um sorriso ou um gesto de fraternidade ao nosso Irmão. Saímos com a alegria de sabermos de mais um que venceu a pandemia. Tal como no passado saímos com mais vontade de retomar o nosso trabalho maçónico. Tal como no passado saímos com mais certeza da importância do nosso trabalho. E é sobre o nosso trabalho que refletimos neste número

da revista Grémio Lusitano. Até que ponto a prática do ritual tem influência nos esquemas mentais de cada um dos maçons? Até que ponto esse ritual nos obriga a ter um pensamento organizado, objetivo e eficaz? Até que ponto nos torna racionalmente mais elaborados e que relação tem isso com a prática maçónica e a sociedade que nos rodeia?

Os textos aqui apresentados não pretendem ser uma resposta, mas apenas motivo de reflexão. É uma velha tradição maçónica não impor quaisquer ideias ou conclusões. Apenas e tão só motivar a reflexão para que cada um construa o seu caminho, certos que estamos de que os nossos valores, de entre os quais a Fraternidade, são mais atuais que nunca. Também certos de que a Maçonaria é um lugar de pensamento, de reflexão e de espiritualidade, estaremos então a fazer Maçonaria, retomando mais fortes uma prática que iniciámos no século XVIII. Estaremos, assim, a honrar todos os Irmãos que partiram e todos os que antes de nós se esforçaram por construir o grande templo da Maçonaria.







A maçanaria
está nos
antípodas de
uma seita, não
tem nenhum
ensinamento
doutrinário ou
obrigação

Fernando Lima
Grão-Mestre do Grande Oriente Lusitano

FERNANDO LIMA
GRÃO-MESTRE DO GRANDE ORIENTE LUSITANO

Os Ritos e os Rituais Maçónicos - influência sobre o pensamento e o comportamento do Maçom

Síntese reflexiva de capítulo do livro a publicar:
A Maçonaria e o humanismo

As ciências sociais e os estudiosos sobre o facto social e cultural complexo que é a Maçonaria dita especulativa estão maioritariamente de acordo que estamos perante uma ordem iniciática, baseada na tradição, e com uma prática discursiva e método de pensamento próprio, fundado em ritos e rituais, estudo e apreensão analógica e pessoal do significado de símbolos, mitos e narrativas lendárias.

Método de pensamento com o fim genérico de um melhor conhecimento pessoal e do outro, e para uma intervenção na cidade, de acordo com princípios e valores de aperfeiçoamento da humanidade, nomeadamente a busca da Verdade, a liberdade de consciência e de ação, o respeito pela diversidade de crenças e convicções, a tolerância, o repúdio de todas as formas de totalitarismo, a igualdade como justice social e de oportunidades, a solidariedade e filantropia, a fraternidade.

A maçonaria está nos antípodas de uma seita, não tem nenhum ensinamento doutrinário ou obrigação, e vive com a liberdade de ficar ou partir. Por isso mesmo, a Maçonaria, reflexo da sociedade, apresentou sempre, ao longo da história, diversas facetas segundo os ritos, os rituais, as obediências. Os contextos históricos, religiosos, sociais, filosóficos ou políticos, e o papel do temperamento e entendimento das personalidades fundadoras, moldaram uma multitude de ritos e rituais, dando-lhes perspectivas diferentes, mais ou menos expressas ou herméticas, e a sua influência no pensamento e comportamento dos maçons ao longo do tempo. Apesar disso, qualquer que seja o rito, a tradução e mensagens transmitidas pelo ritual, há um princípio comum da iniciação maçónica, caminho iniciático endógeno de progressão permanente, que aprofunda e enriquece a personalidade daquela ou daquele que o vive.

Os ritos maçónicos são métodos de progressão individual, organizados em graus, que fixam os princípios gerais do rito e o seu conteúdo simbólico. Os rituais descrevem a organização das cerimónias das iniciações, elevações, exaltações e sessões em loja, e veiculam mensagens de diversas maneiras ou formas idênticas de ver o mundo. Os ritos e os rituais têm subjacente uma visão ideológica, espiritual e ética próprias, e as suas especificidades, os seus códigos, as suas liturgias, que não se reduzem, apenas, às decorações, às posturas ou aos gestos, mas, sobretudo, afectam no seu sentido profundo o maçom, segundo os símbolos, os mitos e lendas escolhidas, a forma como são narradas, encenadas, sacralizadas ou laicizadas.

Os ritos hoje mais conhecidos e praticados são o Rito Escocês Antigo e Aceito (REAA), o Rito Francês (RF), o Rito Escocês Rectificado (RER), o Rito Antigo e Primitivo de Memphis-Misraim,



o estilo Emulação, o Rito de York, o standard da Escócia. Entre outros, menos expressivos, poderíamos, ainda, citar o Rito Shroder, o Rito Operativo de Salomão, a Estrita Observância Templária, o Rito Francês Moderno Restabelecido, o Rito Francês Filosófico, o Rito Adhoranimita. Todos com a sua idiosincrasia própria. Os rituais, a sua prática, são ora de pura oralidade, ou constituídos por uma dúzia de páginas para os menos praticados ou para os que são simplesmente comunicados, ou por dezenas para os mais importantes, declinados em variantes que se multiplicam.

Esta diversidade de método maçónico veiculado por ritos tão diversos, leva à consideração das suas características dominantes, e qual a influência que os rituais, muitas vezes tão diferentes num mesmo grau, podem ter sobre o modo de pensamento e comportamento dos iniciados, pois diversas podem ser as suas interpretações, os valores e símbolos estudados durante os trabalhos em loja, a incidência social que se descobre no seu conteúdo, ou o uso repercutido na vida corrente. Os rituais, apesar

da sua diversidade, têm aspectos de funcionamento comum, como a abertura e fecho dos trabalhos, o cerimonial, o protocolo, os gestos, a linguagem, as aclamações, as narrativas partilhadas que dão sentido de pertença. Sentido de pertença sublinhado por saber escutar, pedir a palavra, exprimir-se com ponderação, medida e respeito. São práticas admitidas por todos, bem como o gostar do trabalho bem feito, ser tolerante, fraternal, solidário, trabalhar sobre si, elevar-se espiritualmente, intervir fora dos Templos pelo aperfeiçoamento da Humanidade, tudo contribuindo para que cada um procure uma resposta às eternas questões sobre o sentido da vida e a arte de viver, com uso da inteligência, da intuição, da sensibilidade, encontrando a sua via inspirado no rito que pratica.

A condição humana, instável e impermanente, é sempre a mesma com as suas interrogações existenciais, as suas contradições, o querer viver bem. A relação entre Maçonaria, ciência e filosofia é estreita e permanente. A Maçonaria é proteiforme: aquela do ritual que une e protege, a da Irmã e Irmão que

despertam e ensinam, a que obriga a ser esclarecido pela emoção, a Razão e dá vida. A Maçonaria faz uso das diversas filosofias, para pensar a analogia, a consciência, o imaginário, o conhecimento de si mesmo, a justiça, a Liberdade, a moral, a morte, as paixões, o segredo, o simbolismo, o tempo, a tolerância, o trabalho, a verdade. E o humanismo, um pensamento crítico e uma via de esforço e fé na dignidade humana, no seu incomparável valor e na extensão das capacidades do homem que se transcende e visa assegurar plenamente a pessoa.

O método maçónico, os ritos e os rituais, são sobretudo portadores de mensagens de reflexão e de ensinamentos para esse mesmo pensar, impulsionados por uma consciência e vivência comum em Loja. Uma verdadeira escola de método de pensamento e imersão, num mundo à parte de transformação pessoal. E nessa medida influenciam, de forma diversa, o pensamento e o comportamento do maçom. ■

Nota do autor: o capítulo completo tem 62 páginas.



Handwritten Arabic text on the page, including the Basmala: *Bismillah ar-Rahman ar-Rahim*

Handwritten Arabic text at the bottom of the page, including a circular seal and a signature: *...مفتي ...*

JOSÉ MEIRA DA CUNHA

Rituais: uma essencialidade iniciática

Há uma imensidade diversa de ritos e de rituais que lhes dão forma expressiva. Há-os para quase tudo na vida dos indivíduos e das sociedades, de grupos humanos e dos outros seres que nos precederam na escala evolutiva. É, portanto, coisa antiga e estratificada.

De certa forma, dir-se-ia que os rituais pertencem à própria natureza da evolução. Entre outros, destacam-se rituais biológicos ou integrados na biologia dos seres vivos, ritos e rituais de passagem, de integração social, políticos, religiosos, socioprofissionais, contratuais, da vida e da morte, de mudança de ciclos da natureza... e também ritos e rituais de natureza ou de Ordem Iniciática. Dir-se-ia que a *ritualidade* na sua simplicidade ou na sua complexidade faz parte dos processos de organização dos sistemas de vida. Parafraseando o poeta, a ritualidade “é uma constante da vida, tão concreta e definida como outra coisa qualquer”.

São os ritos de ordem iniciática e mais precisamente os rituais da Franco-Maçonaria que abordarei nesta breve reflexão. Não que este texto pretenda ser síntese de questões tão complexas e envolvendo múltiplas perspetivas. Além do mais esta temática é objeto

de abundante e rica literatura disponível em suportes diversos de acesso fácil. Tão grande acervo só mostra o interesse que a Franco-Maçonaria desde sempre tem despertado aos estudiosos e curiosos.

O que é que um simples e desprezível artigo como este pode acrescentar ao enorme caudal de estudos, informações, reflexões e análises sobre o tema? Quase nada, a não ser algumas impressões e sentimentos que resultam da participação já bastante longa na sua prática. E mesmo o sentir das vivências ritualísticas mudam, assim como as permanentes mutações das ressonâncias que os símbolos em ação produzem. Da mesma forma que os espaços ritualísticos são constantemente reinventados em função de múltiplas circunstâncias e fatores. Tal como nós próprios caminhamos e o caminho nos vai transformando com novos olhares, novas descobertas, novas visões e aprendendo sempre.

E, no entanto, também existem constâncias que conferem identidade e operacionalidade agregadora e referencial ao Ritual. Há nele estáticas formais e dinâmicas simbólicas que se articulam harmoniosamente para libertar as forças criativas e desvendadoras que caracterizam os trabalhos maçónicos. Há, sem dúvida, uma harmoniosa conjugação do rigor com a liberdade em que assenta o método da arte da construção maçónica.

A pergunta que já me fiz é: seria possível existir Franco-Maçonaria sem os seus rituais? Muito conscientemente acho que não. Melhor dito: sem rituais, faltaria à Maçonaria uma componente que quanto a mim é um elemento estrutural essencial da sua maneira de ser.

Da mesma forma que a Maçonaria não é o ritual, também o ritual não é a Maçonaria. Há que ter uma perspetiva holística da entidade maçónica: a Maçonaria, como um



Fotografia Pontio de Vista

organismo vivo, é um somatório de partes integrantes. E o ritual desta Ordem Iniciática é uma dessas partes. A Franco Maçonaria como organismo é constituída por vários e diferentes órgãos, cada um com os seus atributos, funções e papéis articuláveis e interativas entre si e com a totalidade das partes, incluindo o ambiente que a rodeia.

A Maçonaria é constituída, desde logo, por pessoas maçons e maçonas, por ideias, princípios e valores, agregados em estruturas diversas e diferentes entre si, orientando-se por muitos ritos e praticando ainda mais rituais, consoante os trabalhos e os graus que possuem e as características específicas dos trabalhos (o ritual de iniciação, por exemplo, é completamente diferente do ritual de celebração solsticial). Digamos que é um sistema complexo, mas igualmente coerente e principalmente construtivo de um percurso em busca da Luz. Uma coerência que resulta dos seus princípios constitutivos. E desde logo por

ser uma Ordem Iniciática. O que significa que os seus membros se reconhecem como pessoas iniciadas nos mistérios da Maçonaria. A iniciação maçónica, cujo ritual tem uma matriz comum inconfundível que supera todas as pequenas diferenças que possam existir entre rituais, é o chão comum onde mergulham as raízes e/ou alicerces ancestrais que certificam a qualidade evolutiva e a identidade maçónica dos maçons e das Lojas.

Não há, pois, uma uniformidade maçónica, nem no tempo nem no espaço, o que não retira nem pouca – antes reforça e enriquece – a sua natureza evolutiva e universalista. Tal e qual como os seres humanos formam a Humanidade porque nascem livres e iguais. Não são uniformizáveis, como não o são as impressões digitais de cada um de nós. É neste contexto alegórico que o universo maçónico reconhecido como tal é muito diverso. E por isso existem e são praticados muitos e

diferentes ritos e ainda mais rituais que se baseiam e dão expressão a esses mesmos ritos. E não há perda de coerência por isso. Pelo contrário: são diferenças criativas e criadoras, da mesma forma que “não há duas folhas iguais em toda a criação. / Ou nervura a menos, ou célula a mais, / não há, de certeza, duas folhas iguais./

Limbo todas têm,/ que é próprio da folhas;/ pecíolo algumas;/ bainha nem todas”. (...) (António Gedeão)

Como qualquer outro sistema vivo, também a Franco Maçonaria tem evoluído e continuará certamente a evoluir no respeito da tradição iniciática. É constituída por pessoas pertencentes a uma Ordem Iniciática que transmite através do ritual maçónico as ancestralidades que garantem a autenticidade e a perenidade das suas origens. É nesta matriz, que se situa o centro do círculo da Maçonaria no qual as Obediências e os maçons poderão sempre colocar-se sem receio



de se perderem em ocasiões mais turbulentas ou problemáticas.

A Franco Maçonaria tem neste seu ADN a capacitação para lidar com a sua própria evolução como Ordem Iniciática, mas igualmente como Sociedade de homens e mulheres livres e de bons costumes. Embora fragmentária na sua (in)estrutura (não possui uma Direção ou liderança única, não tem uma sede única, reconhece a autonomia das Lojas, aceita a diversidade da forma ritualística e o livre pensamento nas suas práticas, mas exigindo sempre a regularidade iniciática), nem por isso é menos universalista, como se fundamenta no que atrás foi referido e pelos seus valores identitários mais conhecidos em defesa e promoção da Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

É neste quadro (in)organizativo que a Franco Maçonaria tem procurado criar um ambiente alargado de Fraternidade, projetando e afirmando clara e inequivocamente um dos elementos mais vivos

e universalmente aceite da sua prática ritual: a cadeia de união fraterna, na qual se explicita formalmente o desejo que ela se estenda a toda a Humanidade. Este é, sem dúvida, um dos sentimentos maçónicos mais fortes que o próprio Ritual explicita.

Neste quadro e supondo que a ideia pode ser transposta para a metáfora orgânica da Franco Maçonaria, seja-me permitida uma citação do grande neurocientista António Damásio forrageada no seu livro “A Estranha Ordem das Coisas – a vida, os sentimentos e as culturas humanas”:

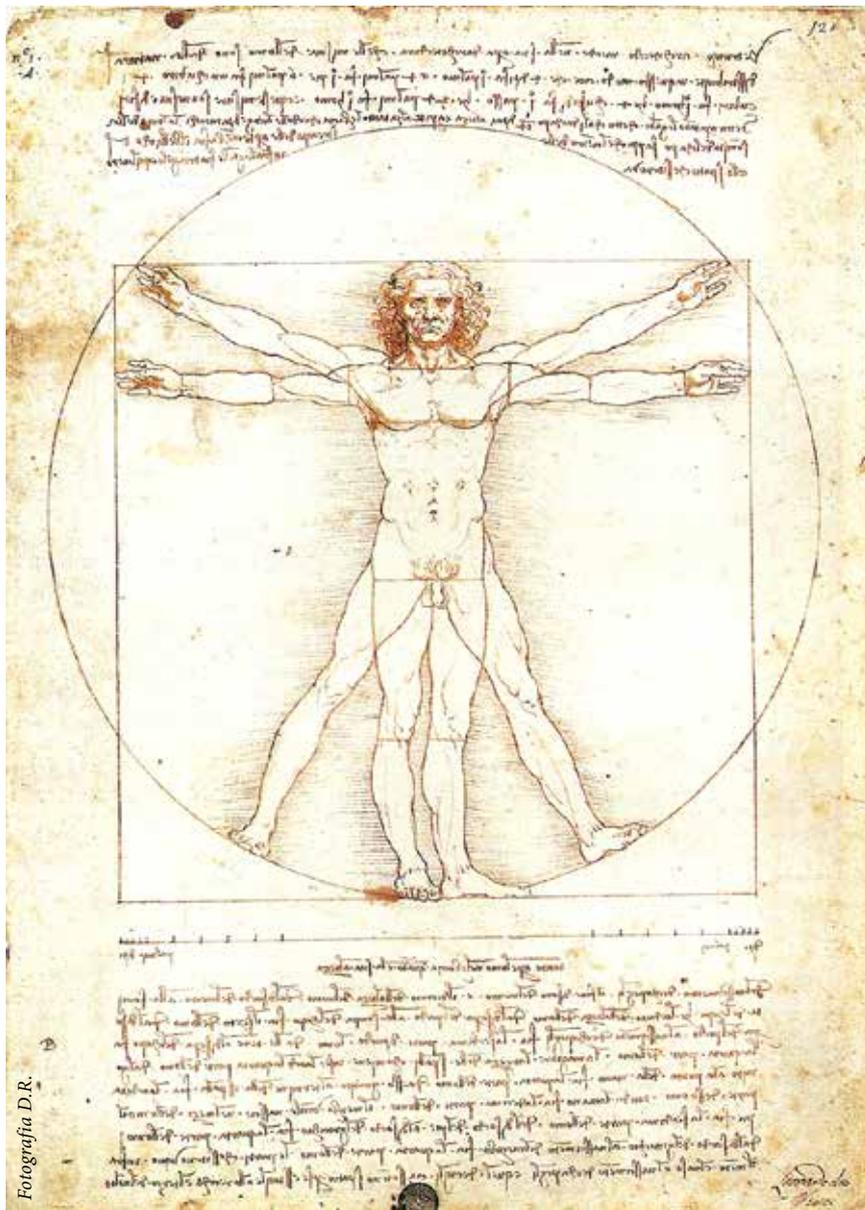
“Os sentimentos não são apenas acontecimentos neurais. O corpo está profundamente implicado, num envolvimento que inclui a participação de outros sistemas importantes e homeostaticamente relevantes, como por exemplo os sistemas endócrino e imunitário. Os sentimentos são, simultânea e interactivamente, fenómeno tanto do corpo como do sistema nervoso.

Um fenómeno puramente neural e puramente mental não seria capaz de apreender e arrebatrar os seres conscientes da forma intensa, coisa que os sentimentos fazem sem qualquer dificuldade. Um fenómeno puramente neural não corresponderia àquilo que a vida complexa de seres conscientes requer para que se sobreviva”.

É por isso que devemos estar abertos às verdades que se sentem e não se exprimem.

Escrevo este texto numa situação de “isolamento profilático” enquanto aguardo a possibilidade de fazer um teste que indique se fui ou não contaminado pelo vírus SarsCov2, uma vez que estive em contato direto com pessoa infetada. Ao escrevê-lo e tendo usado a alegoria do organismo humano com os seus órgãos diferentes e colaborativos para manter a vida na sua abrangente totalidade, não posso deixar de pensar sobre as

A Franco Maçonaria tem neste seu ADN a capacitação para lidar com a sua própria evolução como Ordem Iniciática, mas igualmente como Sociedade de homens e mulheres livres e de bons costumes.



Fotografia D.R.

incidências na Franco Maçonaria da Pandemia Covid19. Ocorreu-me imediatamente um pormenor marcante do ritual: *colocado no centro do círculo o Mestre nunca se perde* (cito de cor). E pensei para comigo (e agora ousou partilhar com os leitores): “Será que é no centro do círculo que reside o sistema imunitário da Franco-Maçonaria? Deduzo que sim ao pensar que constitui a iniciação é a matriz originária da Ordem Iniciática Maçónica, que permite alargar ou diminuir escalas circulares concêntricas de acordo com os ciclos

evolutivos, defendendo-a de agentes patogénicos em circunstâncias mais problemáticas que possam afetar o seu ADN e garantir a perenidade.

A propósito de sistema imunitário seja-me permitido voltar a António Damásio na obra citada, ao subcapítulo “De onde vêm os sentimentos”, onde afirma que *os organismos simples, quer unicelulares, quer multicelulares dispunham já de um sistema homeostático capaz de obter e de incorporar fontes de energia, de proceder a transformações químicas, de eliminar resíduos, tóxicos ou não, e de substituir ou reconstruir os elementos estruturais*

que já não funcionassem bem. Quando a integridade do organismo era ameaçada, o repertório da defesa incluía a libertação de certas moléculas e movimentos protetores. Quando os sistemas nervosos apareceram na evolução e com eles os sentimentos, além dos sistemas imunitários inatos passou a haver sistemas imunitários adquiridos, os quais podem ser ensinados, treinados e aprimorados, por exemplo com vacinas.

Posta esta nota e apelando aos leitores que façam a possível contextualização,

concluo com uma referência a uma excelente e oportuna reflexão do meu querido Amigo e Irmão Fernando Marques da Costa que foi publicado sob o título “Rever Rituais”, e com o qual concordo na quase totalidade (este “quase” podia ser o superlativo “quasíssimo” se houvesse este grau em advérbios e não afeta a essencialidade do seu pensamento com o qual me identifico inteiramente).

Este muito ilustre e esclarecido Maçon, depois de salientar que “a revisão que se quer fazer não deve partir de um texto, mas de um conceito” apresenta a seguinte conclusão:

“É preciso passar do “coup de poing” à “miniaturização do instrumental”: da imposição à liberdade, de uma dogmática uniformizadora à autonomia de percursos individuais das lojas. As lojas já não são (ou não devem ser), como o foram em diversas fases do passado, agentes e instrumentos de uma causa, mas de muitas e diversas causas, que, se têm nalguns princípios um denominador comum, voltam a agregar pessoas com motivações e interesses cada vez mais díspares. Ainda que cada loja, naturalmente, desenvolva sempre uma tendência de interesses dominantes dentro de si”. ■

J. XAVIER DE BASTO

Isto não é um bocadinho ridículo?

Aqueles que, como eu, assumem publicamente a sua filiação maçónica são, por vezes, confrontados com uma bateria de perguntas dos nossos amigos e conhecidos, quando descobrem esta nossa condição.

A maioria das perguntas são descabidas e explicam mais sobre a mentalidade de quem as coloca do que sobre a Maçonaria. Somos todos satanistas? Do mesmo partido? Matamos pessoas? Serve para arranjar empregos? Contractos? Etc. Já agora, a resposta é “Não”.

Depois de se explicar a nossa visão do que é e como funciona a Maçonaria, uma das perguntas mais inteligentes, que vem a seguir é: “Isso não é um bocadinho ridículo?”. O “isso” é o avental, as expressões saídas do século XVIII e XIX, a decoração dos Templos, em suma o Ritual. E a questão é, muito resumidamente, se não se poderia ter as mesmas discussões sobre os mesmos temas sem essa carga ritualística. A resposta é, tal como uma publicidade recente repetida à exaustão “poder podia, mas não era a mesma coisa”.

A razão por que os maçons aceitam voluntariamente as limitações impostas pelo Ritual é que, muito simplesmente, o Ritual serve o seu propósito. Não é só por devoção à Tradição, é também por utilitarismo, entre outras razões.

O propósito é ajudar os Maçons a trabalharem melhor, e serve esse propósito através de vários efeitos.

O QUE É O RITUAL

Por Ritual os Maçons entendem um conjunto de regras que definem o funcionamento das nossas reuniões (chamadas Sessões). Essas regras incluem desde a decoração da sala, vestuário (aventais, luvas, etc.), forma como decorrem as Sessões, tratamento, etc. etc.

O Ritual e a Simbólica, que lhe está intimamente associada, são elementos identificadores e distintivos da Maçonaria e elementos estruturantes do método maçónico.

O EFEITO PEDAGÓGICO

A principal característica do Ritual é o efeito pedagógico que tem sobre os Maçons. Os diversos elementos do Ritual servem para reforçar os valores que os Maçons consideram importantes.

Sem entrar em detalhes ritualísticos que seriam descabidos numa revista destinada também ao grande

publico, permito-me ilustrar este ponto de vista com exemplos:

- A decoração do templo, nomeadamente os símbolos que aí se encontram, são um recordatório permanente dos valores que representam.
- As fórmulas como nos dirigimos uns aos outros (“Venerável Mestre” e “Queridos Irmãos”), que são herdadas do passado e que podem parecer descabidas no século XXI (não bastava “Oh pah”?), são um símbolo permanente da Fraternidade e do respeito pelo colectivo.

Claro que poderíamos começar todas as nossas reuniões com a leitura de uma lista exaustiva dos valores que nos unem e dispensarmos o Ritual e os Símbolos. Mas seria, seguramente, muito menos eficiente. E esta é a via que nós escolhemos.

O EFEITO REGULADOR/ HARMONIZADOR

O segundo efeito positivo do Ritual é a forma como regula as reuniões. O ritmo da Sessão, o ritmo das intervenções e a impossibilidade



Fotografia Ponto de Vista

de confronto, as pausas, a repetição, a abertura e o fecho, são tudo elementos que ajudam ao decorrer harmonioso das Sessões e, mais importante, ajudam a que os presentes se concentrem no(s) tema(s) da Sessão, sem influências externas ou internas perturbadoras.

O Ritual, pela sua influência moderadora das reacções mais impetuosas e pela atenção redobrada sobre os temas em estudo, vai garantir uma maior qualidade dos debates e do efeito desejado sobre os participantes.

O EFEITO UNIVERSALISTA E ACOLHEDOR

Um outro efeito do Ritual e dos seus componentes, e que é pouco mencionado, é o reforço da universalidade da Maçonaria. Que me seja permitido uma história pessoal para recordar a primeira vez que participei a uma Sessão maçónica na Grande Loja de Itália. Nessa época o meu domínio do idioma era pouco desenvolvido

e, ainda menos, em assuntos afastados da minha área profissional. Vários eram os pontos de diferença entre a Sessão e as Sessões a que estava habituado, da minha Loja Mãe. E, no entanto, senti-me “em casa”. Como aliás me sentiria “em casa” nos anos seguintes em que participei nos Trabalhos dessa Oficina.

A Fraternidade e o carinho com que a Loja me recebeu foi, obviamente, a principal razão porque me senti entre amigos/entre Irmãos. Mas foi a existência de um Ritual e de Símbolos em que me reconheci que me fez, mais que qualquer outra coisa, reconhecer a universalidade da Ordem Maçónica. E isto, apesar de várias diferenças como Rito, idioma, personalidade da Loja, etc. etc.

A simbólica e a ritualística, peças estruturantes do método maçónico, é que garantem não só a estrutura iniciática da Ordem mas também a sua especificidade e universalidade.

O EFEITO TRANSFORMADOR

Tudo o que escrevi até agora é válido para todas as Sessões maçónicas sejam elas as Sessões ordinárias (aquelas onde se debatem temas de interesse para os Maçons), seja as Cerimónias (Iniciação, Aumento de Salário, Elevação/Exaltação) ou outras Sessões cerimoniais.

No entanto, é nessas importantes Cerimónias que o Ritual assume a sua maior relevância. Isto porque se trata de Sessões exclusivamente Ritualis onde o único objecto é, precisamente, o Ritual de Iniciação ou de Aumento de Salário ou de Exaltação. Nessas Cerimónias, a atenção do Maçon é focada, de uma forma codificada pelo Ritual, nos símbolos próprios do Grau. E, nessas Cerimónias, tudo é Símbolo, desde a palavra aparentemente mais inócua ao mais simples gesto.

O objectivo das Cerimónias é marcar importantes etapas no percurso maçónico através da teatralização de uma (ou várias mensagens) que os Maçons

Fotografia Ponto de Vista



Fotografia D.R.

reputam de relevantes. Pela importância da ocasião e pelo valor intrínseco do que é transmitido, os Maçons recordam essas Cerimónias, mesmo passado anos. É aqui que o valor do Ritual mais se afirma porque, se a cerimónia for bem preparada e bem executada vai deixar uma impressão duradoura naqueles que por elas

passam e, conseqüentemente, ser um agente da mudança interior que, esperemos, a Maçonaria provoca nos seus membros.

PODEMOS DISPENSAR O RITUAL?

E é importante reforçar a importância do Ritual em todas as

Sessões e não só nas principais Cerimónias. Sem Ritual não fazemos Maçonaria, somos uma tertúlia. Uma tertúlia bem intencionada e de mérito mas apenas uma tertúlia.

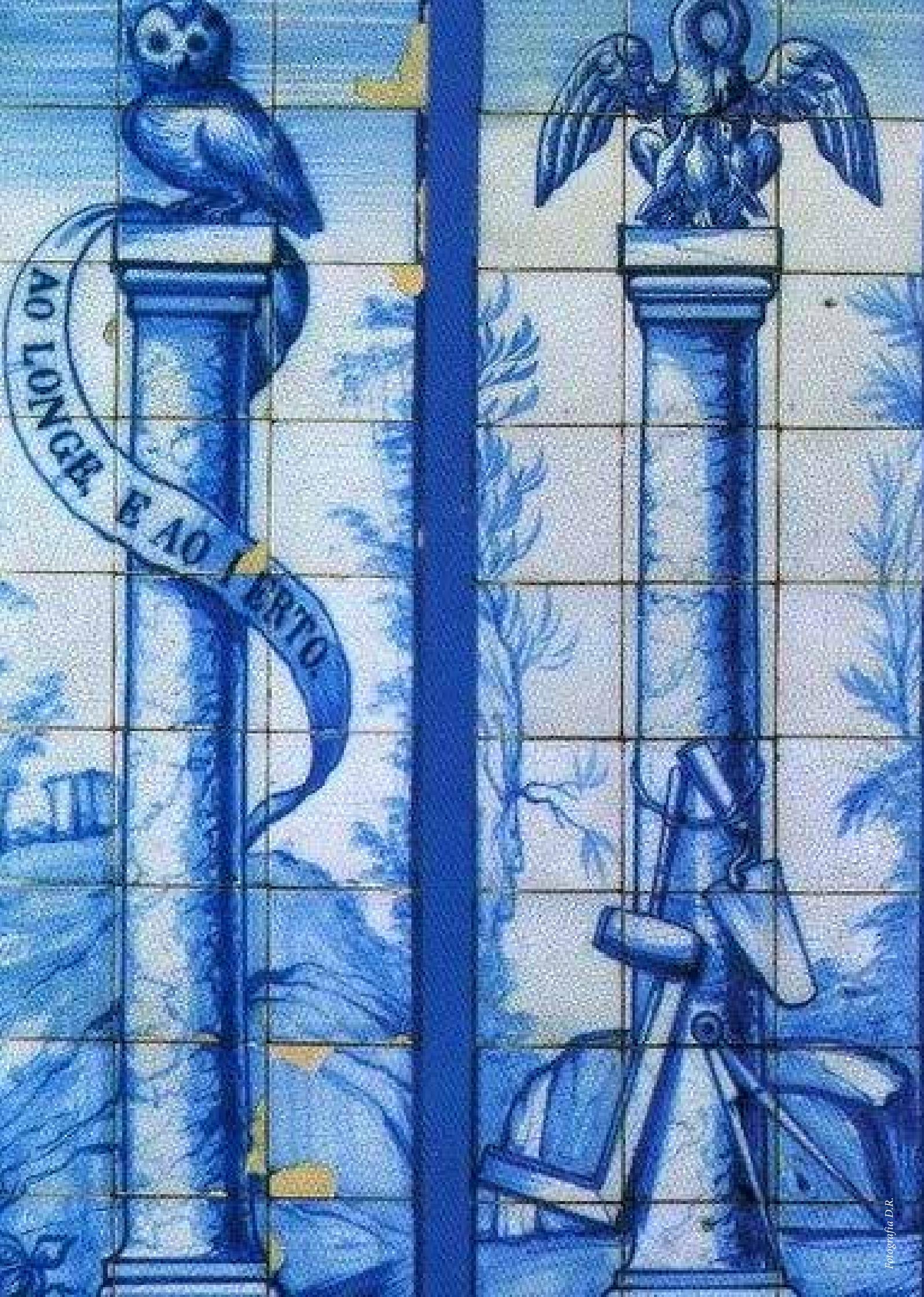
Claro que o Ritual não é um fim em si mesmo. Seguir correctamente o Ritual é apenas um meio de se obter o que se pretende que é a melhoria dos Maçons. E, quando este objectivo for conseguido, quando os Maçons individualmente, forem pessoas livres de parte dos seus defeitos, capazes de ter uma discussão com elevação, sem atropelos e sempre orientada por valores morais o Ritual é desnecessário.

O fim da Maçonaria é melhorar as pessoas e influenciar uma sociedade para que ela não seja necessária. Pelo menos nomeu caso, ainda estamos longe. Quantas vezes, mas oh quantas vezes, ainda me apetece interromper alguém...

A MUDANÇA

A corrente crise pandémica obriga-me a terminar esta reflexão com uma nota sobre a evolução dos Ritual. Eu venho de uma Tradição em o Ritual, como tudo o que foi idealizado pelos homens, pode e deve evoluir. Os cadernos ritualísticos dos diferentes Graus podem ser alterados desde que essas alterações sejam maduramente pensadas e respeitem a construção do edifício simbólico e ritualístico dos 3 Graus e o espírito e a filosofia do Rito a que se dirigem.

Devemos evitar alterações de momento, só porque nos pareceu bem uma novidade qualquer. Na dúvida, a Tradição é um guia de muito mérito. É descabido adaptar apressadamente os rituais previstos para um Templo a uma Sessão suportada por meios electrónicos. Pode ser que, um dia, exista um Ritual apropriado para essa realidade, mas não será tão cedo que isso vai acontecer. ■



EDUARDO SILVA

Parresia como componente do trabalho Maçónico

A Maçonaria ao longo dos tempos foi ganhando todo um conjunto de idiosincrasias, as quais servem hoje sobretudo para uma cristalização à volta daquilo a que lhes deu origem. Há como que uma espécie de hermenêutica, travestida de epistemologia, que arreda a Maçonaria, dos desafios que os nossos dias colocam.

O encanto pelo mistério, que possui o manto de sagrado, é imenso. O hermetismo característico das reuniões maçónicas consolida uma procura da validação do imaginado. A esotérica da Maçonaria, fundamental, com os seus ritos, para a contemplação e construção individual, tem aberto portas a um descolar da capacidade de intervenção dos Maçons. Maçons que não são imunes aos novos estímulos, que muito contrariam esta esotérica maçónica e que lhes inocula um desencanto no que diz respeito a anseios societários legítimos.

Mesmo naquela forma de Maçonaria que tenta, de alguma maneira, trabalhar os problemas da sociedade de forma mais incisiva, a inoculação dos novos estímulos acaba por trazer ainda mais efeitos nocivos, já que muitas vezes tende a colocar em causa o ritual e portanto, o trabalho Maçónico, propriamente dito. A tendência da falta de profundidade de tratamento dos temas, fruto desta mesma inoculação, é cada vez maior. A informação toma o lugar do debate, do confronto de ideias, da busca do

real conhecimento, aquele que em muitas épocas colocou os Maçons na linha da frente na resposta, - como observado acima, aos desafios do seu tempo e do futuro.

Este pequeno ensaio nada mais é que, como a palavra ensaio indica, uma espécie de reflexão experimental sobre um recentrar do trabalho maçónico, de modo a potenciar uma capacidade cada vez maior, de produzir propostas à sociedade, que tão necessitada está, no sentido do seu progresso efetivo. Não se trata de desvalorizar, muito menos de atacar a tradição, tão importante no processo Maçónico. Tão pouco se trata de aquilatar da divulgação dos valores Maçónicos ou até da essência destes. É precisamente a partir da tradição e dos valores, que muitos consagram, que se parte, na explanação de um pensamento que induz a um desconforto para com o instituído e impele a uma adaptação à realidade dos nossos dias, sobretudo à aceleração que a caracteriza.

Será como que uma viagem sem início e, assumidamente, sem fim, num deambular algo aleatório pela ligação das essências da *parresia*

ao trabalho Maçónico. É de fazer refluir estas essências, mais ou menos consagradas, de transmitir a verdade sentida, que se vai tratar. Um refluir que, durante a exposição, desagua no caudal do (re) pensar a Maçonaria.

OS SENTIDOS DA PARRESIA

A palavra grega [*παρησία*] *parresia* aparece pela primeira vez na literatura grega em Eurípides [c.484-407 BC], aparecendo em vários escritos do tempo clássico grego a partir do fim do século V aC. Pode no entanto, também ser encontrado nos textos patrísticos dos séculos IV e V dC, por exemplo em São João Crisóstomo.

Mas qual é o sentido geral da palavra *parresia*? Etimologicamente, *parresiazesthai* significa “dizer tudo” - de pan [*πάν*] (tudo) e rhema [*ῥήμα*] (raiz que se encontra, por exemplo, nas palavras retor ou retórica, e que significa “o que se diz” ou “o que é dito”). Aquele que usa de *parresia*, o parresiasta, é alguém que diz tudo (pan-resia) o que pensa; o parresiasta é aquele tipo de orador que

ao falar, expõe o seu pensamento, sem esconder ou dissimular o que quer que seja, i.e., é alguém que abre o seu coração e a sua mente aos outros através do seu discurso.

A palavra *parresia* significa portanto uma relação entre o sujeito que fala e o que ele diz, em que ele manifesta claramente a sua opinião. Opinião, aqui entendida, como a verdade em que ele acredita profundamente. Deste modo, embora podendo, muitas vezes, confundir-se com uma técnica de retórica, podemos até, de acordo com Foucault, dizer que pode ser o ponto zero da retórica.

Parresia é o ponto zero daquelas figuras retóricas que intensificam as emoções da audiência.¹

afasta-se dela, na medida em que na retórica o objeto daquilo que é dito, não constitui, na sua generalidade, uma verdade em que o orador acredita, podendo até nem se constituir de uma verdade “verdadeira” mas construída.

O conceito de *Parresia*, ainda não completo, aparece como termo de estudo sistemático de Foucault na sua aula de 10 de Março de 1982 no Collège de France, de onde se transcreve:

O termo parresia refere-se, por um lado, 1a uma qualidade moral, à atitude moral, ao ethos, se quisermos, e, por outro, ao procedimento técnico, à tékhne, que são necessários, indispensáveis para transmitir o discurso verdadeiro a quem dele precisa para a constituição de si mesmo como sujeito de soberania de si mesmo e sujeito de verificação de si para si. Portanto, para que o discípulo possa efetivamente receber o discurso verdadeiro como convém, quando convém, nas condições em que convém, é preciso que o discurso seja pronunciado pelo mestre na forma geral de parresia. A parresia é etimologicamente o “dizer-tudo”. A parresia diz tudo. Ou melhor, não é

tanto o “dizer-tudo” que está em causa na parresia. Na parresia, o que está fundamentalmente em questão é o que poderíamos chamar, de uma maneira um pouco impressionista: a franqueza, a liberdade, a abertura, que fazem com que se diga o que se tem a dizer, da maneira como se tem vontade de dizer e segundo a forma que se crê ser necessário dizer. O termo parresia está tão ligado à escolha, à decisão, à atitude de quem fala, que os latinos traduziram parresia pela palavra libertas. O “dizer-tudo” da parresia tornou-se libertas: a liberdade de quem fala. E muitos tradutores franceses utilizam para traduzir parresia – ou para tradu-

Parresia é o ponto zero daquelas figuras retóricas que intensificam as emoções da audiência.

zir libertas neste sentido – a expressão franc-parler (fala franca), tradução que me parece a mais adequada.²

No entanto existem dois sentidos para *parresia*. Uma, na sua forma pejorativa, muito perto da noção de tagarelice, que consiste em dizer qualquer coisa que vem à cabeça sem qualquer qualificação. Esta forma aparece, por exemplo, nos escritos de Platão, como a caracterização de uma má constituição

democrática que dava o direito a qualquer um dirigir-se aos seus concidadãos, dizendo-lhes qualquer coisa, inclusive, as coisas mais estúpidas e perigosas para a cidade. Este sentido pejorativo aparece com mais frequência em literatura Cristã em que esta “má” *parresia* surge como se opondo ao silêncio como disciplina ou como requisito da contemplação de Deus. Como atividade verbal que traduz o movimento do coração e da mente, *parresia* neste sentido negativo é um obstáculo à contemplação de Deus.

Mas na maior parte das vezes, *parresia* não possui este sentido pejorativo, toma aquele indicado acima, de dizer a verdade em que acredita, i.e., o *parresiasta* diz a verdade porque acredita que é a verdade. Temos então que a outra característica da *parresia* é a da exacta coincidência entre crença, no sentido daquilo em se acredita, e a verdade.

A QUALIDADE MORAL NA PARRESIA

Ao compararmos a *parresia* grega com o conceito moderno (cartesiano) de evidência, percebe-se que para Descartes a coincidência entre crença e verdade é obtida a partir de uma dada experiência (metal) evidencial. Para os gregos essa coincidência não aparece desta forma, mas sim na atividade verbal, a que chamam *parresia*. Aparentemente, neste sentido que os gregos lhe dão, *parresia* não ocorre na nossa estrutura epistemológica moderna.

Como observa Foucault a diferença entre o problema Cartesiano e a atitude *Parresiasta* assenta no fato de que em Descartes a evidência clara e indubitável é obtida, não sem antes, colocar em dúvida aquilo em que a acredita, ao passo que o *Parresiasta*, não tem qualquer problema sobre a aquisição da verdade uma vez que este “ter” a verdade lhe

¹ cf. Foucault, Michel, Discourse and Truth: the problematization of Parrhesia (six lectures at Berkeley) oct-nov 1983, foucault.info - p. 7

² cf. Foucault, Michel, A hermenêutica do Sujeito (curso Collège de France 1981-1982), Martins Fontes, São Paulo 2006, pp. 450 e 451



Fotografia Ponto de Vista

advém da posse de certas qualidades morais³. Quando alguém possui determinadas qualidades morais, então essa é prova que ele tem acesso à verdade e vice versa. O “jogo *parresiasta*” pressupõe que o *parresiasta* seja alguém com as qualidades morais, primeiro, para conhecer a verdade, e segundo, para transmitir essa verdade aos outros.

A “prova” da sinceridade do *parresiasta* é a sua coragem. O fato de que o orador diga algo completamente, muitas vezes perigosamente, diferente do que a maioria acredita é uma indicação forte de que estamos perante um *parresiasta*.

Esta noção do perigo intimamente ligada à prática da *parresia* é muito importante, já que se considera que esta prática se consuma, quando de fato existe algum perigo em transmitir a verdade. Por exemplo um professor, quando está a ensinar

uma dada matéria, ele está, em princípio, a transmitir uma verdade em que acredita, mas isto não é *parresia*. *Parresia* será, por exemplo, alguém se dirige a um tirano, dizendo-lhe a verdade, fazendo-o ver que a sua tirania está errada, correndo o risco de ser penalizado por isso⁴.

É claro que o risco não assume sempre este risco extremo, a mera observação a um amigo sobre uma ação errada, é também um exemplo de *parresia*, uma vez que a possibilidade de magoar o amigo é grande. Do mesmo modo um político, que num debate ou comício ouse perder popularidade por estar a dizer a verdade, aquela em que acredita, constitui *parresia*.

Parresia está assim completamente ligada ao perigo, um perigo que um rei ou tirano nunca corre, i.e., não lhes é, geralmente, possível usar de *parresia*.

Quando alguém aceita o “jogo *parresiasta*”, assume-se uma relação específica consigo próprio, aquela em que se assume o risco da “morte” ao invés de assentar a sua vida numa realidade em que a verdade não é dita. O risco de “morte” vem do outro, pelo que requer uma relação consigo próprio. O *parresiasta* prefere-se a si como alguém que diz a verdade do que como alguém que vive de uma maneira falsa consigo próprio.

PARRESIA, CRÍTICA E DEVER

Se, durante um julgamento, alguém disser algo que o possa prejudicar, não está a usar de *parresia*, apesar de estar a ser sincero, a dizer aquilo que acredita ser a verdade e a colocar-se em perigo. Na *parresia* o perigo advém sempre do fato de que o que é dito poder causar dano, trazer algum tempo de consequência ao interlocutor. *Parresia* é

³ Foucault afirma não ter encontrado qualquer texto grego antigo, em que os *parresiastas* parecessem ter qualquer dúvida acerca da sua posse da verdade.
Foucault, *Discourse and Truth*, Op. Cit., p. 3

⁴ Vide situação de Platão com Dionísio em Siracusa, com referência na *Carta VII* de Platão e na *Vida de Díon* de Plutarco.



sempre um “jogo” entre o orador e interlocutor. Pode constituir-se como conselho ao interlocutor relativo ao seu comportamento. Ou pode ainda assumir-se como uma confissão ao interlocutor que de exerça algum tipo de poder sobre ele e que possa censurá-lo, puni-lo de alguma forma. É claro então, que a função da *parresia* não é a de demonstrar a verdade a alguém, mas tem a função de crítica, crítica ao interlocutor e a si próprio como orador. *Parresia* é uma forma de crítica, quer para com os outros, quer para conosco, mas sempre na situação em que o orador está numa posição inferior em relação ao interlocutor.

Contudo, nem todos podem usar de *parresia*. Este ponto vai mostrar-se essencial, mais à frente na explanação em termos maçónicos. Embora

exista um texto em Eurípidés em que um servo usou de *parresia*, normalmente esta requer que os *parresiastas* conheçam a sua genealogia. Na verdade, aquele que está privado de usar de *parresia*, está na mesma situação que aquele que não pode tomar parte na vida política da cidade, nem tão pouco participar no “jogo *parresiasta*”.

*Na “parresia democrática” -- onde cada um fala à assembleia, a ekklesia -- tem de ser um cidadão; de fato, tem de ser dos melhores entre os cidadãos, possuindo essas qualidades pessoais, morais e sociais que lhe garantam o privilégio de falar.*⁵

A última característica da *parresia* assenta na visão do dizer a verdade como um dever. Aquele que diz a verdade a quem não a aceita, correndo o risco de algum tipo

de punição é livre de permanecer calado. Ninguém o força a dizer a verdade, mas ele sente que é seu dever fazê-lo. Em contraponto, aquele que é forçado, coagido a dizer a verdade, não usa de *parresia*. Um criminoso que seja obrigado pelos seus juizes a confessar o seu crime, não usa *parresia*. Mas se ele de forma voluntária, confessa o seu crime a outro, então dá-se o ato *parresiasta* de criticar um amigo incapaz de reconhecer o mal feito. *Parresia* aparece assim relacionada com liberdade e dever.

Sumarizando tudo o que foi dito até aqui, *parresia* é uma espécie de atividade verbal que possui uma relação específica com verdade através da franqueza, uma certa relação com a sua vida através do risco, uma certa relação consigo próprio através da crítica (ou autocrítica) e uma relação específica com a moral através da liberdade e do dever.

*Mais precisamente, parresia é um processo verbal no qual o orador expressa a sua relação pessoal com a verdade, e arrisca a sua vida porque reconhece que dizer a verdade é um dever que assume para melhorar e ajudar outras pessoas (bem como a si próprio). Na parresia, o orador escolhe a franqueza em vez da persuasão, verdade em vez de falsidade ou do silêncio, o risco da morte em vez da vida ou da segurança, crítica em vez da lisonja, e dever moral em vez do interesse pessoal e apatia moral.*⁶

A PRÁTICA DA PARRESIA

Faça-se agora uma análise da *parresia* a partir da sua prática, com a extensão que um texto desta natureza o permite.

Esta análise vai iniciar-se com a caracterização de uma prática diferenciada da *parresia* na figura de Sócrates. Para tal, Foucault numa das suas aulas em Berkeley em 1983, recorre ao diálogo de Platão conhecido como Laques ou “Da

⁵ cf. Foucault, Michel, Discourse and Truth: the problematization of Parrhesia (six lectures at Berkeley) oct-nov 1983, foucault.info - p. 5

⁶ Ibid.

Coragem”. Neste diálogo, que se constitui como um falhanço em fornecer uma definição racional, verdadeira e satisfatória para coragem, Lisímaco, Melésias, Nícias e Laques concordam que que Sócrates seria o melhor professor para os seus filhos. Sócrates aceita, afirmando que cada um deveria sempre fazer o melhor para tomar conta de si e dos seus filhos. Traz para o texto conceito de *epimeleia heautou*, o “cuidar de si”, o que é um movimento visível, através deste diálogo, da figura *parresiasta* de Sócrates para o problema de cuidar de si. Esta figura de *parresiasta* de Sócrates aparece sobretudo sublinhada quando Nicias explica porque deixará a sua alma ser “testada” por Sócrates, i.e., porque é que ele aceita participar no jogo *parresiasta* de Sócrates.

Pois pareces ignorar que quem se aproxima de Sócrates para conversar com ele, à maneira das mulheres que confabulam, muito embora se trate no começo de assunto diferente, de tal modo ele o arrasta na conversa, que o obriga a prestar-lhe contas de si próprio, de que modo vive e que vida levou no passado. Uma vez chegados a esse ponto, não o solta Sócrates sem o ter examinado a fundo. Eu já estou habituado com a maneira dele e sei que todos temos de passar por isso. Sendo assim, Lisímaco, de muito bom grado conversarei com ele; não vejo nenhum mal em sermos lembrados de algum torto que tivéssemos feito ou que estejamos a fazer; quem não se furta a esse exame, passará necessariamente a tomar mais cuidado consigo mesmo, de acordo, nesse particular, com Solon, quando disse que devemos aprender durante toda a vida, por ser de opinião que a sabedoria vem com a velhice. Para mim não é nem insulto nem desagradável ser examinado por Sócrates; em verdade, desde o começo eu sabia que, estando Sócrates presente, a conversa não iria desenvolver-se em torno dos rapazes, mas de

*nós mesmos. Mas, como disse, de meu lado nada impede conversarmos com Sócrates da maneira que ele quiser.*⁷

O discurso de Nícias descreve o jogo *parresiasta* de Sócrates sob o ponto de vista do que é sujeito a teste. Mas diferentemente dos

(...) consegue usar parresia e falar livremente porque (...) fala de acordo com o que pensa, e aquilo que (...) pensa está de acordo com as suas ações.

parresiastas que se dirigem ao demos na Assembleia, por exemplo aqui temos o jogo *parresiasta* que requer uma relação pessoal, cara a cara. A este ponto segue-se aquele em que existe uma certa passividade do interlocutor, que não é a mesma que de alguém que está numa assembleia. A passividade de quem ouve numa assembleia onde se estabelece o jogo político *parresiasta* consiste em ser persuadido pelo que ele ouve. Neste caso, o do jogo *parresiasta* socrático, aquele que ouve é levado pelo logos socrático ao *didonai logon*, ou seja, a dar-se conta de si próprio.

A pedra de toque surge na resposta de Laques, a quem interessam mais as ações que as palavras, utilizando a comparação

com a harmonia dórica⁸.

*O que eu penso, Nicias, a esse respeito é muito simples, ou, se o preferires, não é simples, é dúplice. Algumas pessoas poderão achar que eu sou amigo de discursos, e outras, que sou inimigo deles. Quando ouço alguém discorrer sobre a virtude ou sobre qualquer outra modalidade de sabedoria, algum homem de verdade e à altura do seu tema, alegre-me sobremodo e comprazo-me em comparar o orador com suas palavras, e em verificar como ambos se combinam e completam. Considero o indivíduo nessas condições um músico afinado em harmonia mais perfeita do que a da lira ou de qualquer outro instrumento frívolo: a harmonia da sua própria vida, estando sempre em consonância suas palavras com seus atos, harmonia dórica, não jônica, quero crer, nem mesmo frígia, nem lídia, mas a única verdadeiramente helênica. Um indivíduo nessas condições deleita-me sobremodo, mal comece a falar, não havendo quem, então, não me considere amigo de discursos, tal é a atenção com que ouço o que ele diz. Quem procede de modo contrário, ofende-me os ouvidos, e em tanto maior grau quanto melhor se me afigura o seu falar, do que resulta parecer que me horrorizam discursos. Das palavras de Sócrates não tenho nenhuma experiência, porém há muito conheço as suas ações, que o revelam como capaz de exprimir-se com elegância e franqueza. Se houver na sua pessoa, de fato, essa concordância, declaro-me disposto a dialogar com ele, deixando-me de muito bom grado examinar, sem me sentir envergonhado de aprender.*⁹

Sócrates é capaz de usar um discurso racional, eticamente válido, fino, e um belo discurso; mas ao contrário dos sofistas, ele consegue usar *parresia* e falar livremente porque ele fala de acordo com o que pensa, e aquilo que ele pensa está de acordo com as suas ações. Assim Sócrates é realmente livre e

⁷ c.f. - Platão, Diálogos (Tradução por Carlos Alberto Nunes), Edições Melhoramentos, São Paulo s/d pp.125 e 126

⁸ Existem 4 tipos de harmonia grega: a lídia que Platão não gostava por ser muito solene; a frígia que Platão associava com as paixões; a jônica que ele considerava demasiado feminina; e a dória que era corajosa.

⁹ c.f. - Platão, Diálogos, Op. Cit., pp.126 e 127

Pois não apenas estas práticas [parresiastas] devem dotar o indivíduo de autoconhecimento, como este autoconhecimento deve conceder acesso à verdade para maior conhecimento.

corajoso, portanto funciona na perfeição como figura de *parresiasta*.

Em primeiro lugar esta *parresia* é de carácter filosófico e em segundo lugar alvo desta *parresia* não é o de persuadir uma assembleia, mas o de convencer alguém de que deve tomar conta de si e dos outros. Isto significa que tem de mudar a sua vida. Este tema de mudança de vida, de conversão, ganha grande importância a partir do século IV antes de cristo até aos inícios do Cristianismo. É essencial às práticas filosóficas *parresiastas*. É claro que conversão não é completamente diferente da mudança de ideias que um orador, usando a sua *parresia*, pretende trazer quando pede aos seus concidadãos para acordarem, para recusarem o que tinha previamente aceiteado, ou que aceitem o que tinha previamente recusado. Mas na prática filosófica a noção da mudança de ideias toma um significado mais geral

e expandido já que, não se trata apenas de alterar as crenças de cada um ou opinião, mas de alterar todo o estilo de vida, a relação com os outros e a relação consigo próprio.

Em terceiro lugar, estas práticas *parresiastas*, implicam um conjunto de ligações complexas entre o ser e a verdade. Pois não apenas estas práticas devem dotar o indivíduo de autoconhecimento, como este autoconhecimento deve conceder acesso à verdade para maior conhecimento. O círculo que implica conhecer a verdade sobre si mesmo para conhecer a verdade, é característico da prática *parresiasta* desde o século IV antes de Cristo e tem sido um dos enigmas problemáticos do pensamento ocidental (por exemplo em Descartes e Kant), que se encontra presente, também, na prática maçónica desde sempre.

Esta visão da *parresia*, ganha novos contornos, em termo de vida comunitária a partir das ideias dos Epicuristas e dos Estóicos. Pese embora existirem muito poucos textos relativamente ao pensamento epicurista, existe um de Filodemo, que reproduz os ensinamentos de Zenão de Sídon, intitulado “Da crítica franca”, em que Filodemo vê a *parresia* não só como uma qualidade, virtude, ou atitude pessoal mas também como uma *téchne* comparável quer à arte da medicina quer à arte de pilotar um barco. A comparação entre medicina e o pilotar um barco era muito comum na cultura grega e é bastante interessante por duas razões:

- Para além do conhecimento teórico indispensável a cada uma das *téchne*, é essencial o treino intensivo para que a ação possa ser efetiva. Mais, para que as técnicas funcionem, não basta só ter em conta as regras e os princípios da arte, mas também os dados que caracterizam uma dada situação. Temos de ter em conta circunstâncias específicas

de um momento e também o que os gregos chamavam de *kairos* ou momento crítico. O interesse de Filodemo ao associar *parresia* à arte da medicina e à arte de pilotar um barco, liga-se com o carácter individual dos casos, especificidade das situações e com a escolha do *kairos* ou momento decisivo.

- Outra razão para a associação é a de que em ambas as técnicas, de medicina e de pilotar um barco, uma pessoa é que toma as decisões, dá ordens e instruções, exerce poder e autoridade, enquanto os outros devem obedecer para que objetivo seja alcançado. Consequentemente medicina e navegação estão ambos relacionado com a política. Pois na política, a escolha da oportunidade, do melhor momento é também crucial e alguém tem, também, de ser mais competente que os outros e portanto possui o direito de dar ordens e os outros de obedecer. Então na política, existem técnicas indispensáveis que afirmam as raízes do estadista que se consideram como arte de governar pessoa.

Esta caracterização da *parresia* como *téchne* relacionada com a medicina, pilotagem e política é indicativa na transformação da *parresia* numa prática filosófica.

Uma outra perspectiva é adicionada pela prática da *parresia* pelos Cínicos¹⁰, que assenta na pregação crítica, comportamento escandaloso e no diálogo provocatório.

Pregação é ainda uma das formas de dizer a verdade praticadas na nossa sociedade e que envolve a ideia de que a verdade não deve ser dita e ensinada apenas a alguns mas a todos. Na pregação cinica não existe afirmação direta do bem ou do mal. Refere-se antes a liberdade, *eleutheria*, auto suficiência, *autarkeia*, como critérios básicos para avaliar

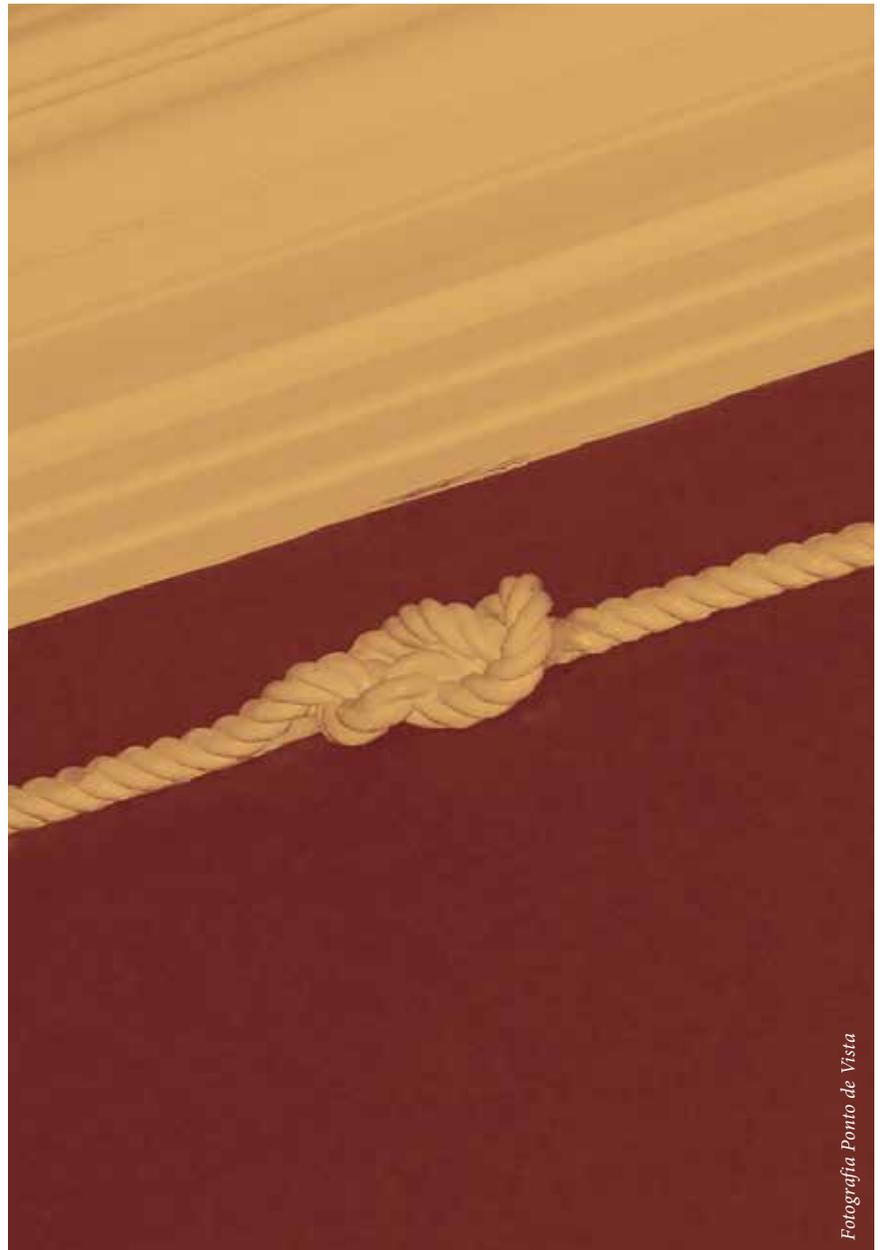
¹⁰ Cinismo, corrente filosófica que se consubstancia na ideia de que a pessoa nada mais é do que a sua relação com a verdade e que essa relação com a verdade ganha corpo ou toma forma na sua própria vida.

qualquer tipo de comportamento ou modo de vida. Para os cínicos, a principal condição para a felicidade humana é a liberdade, *autarkeia* e a autossuficiência ou independência, onde o que se precisa ter ou o que decide fazer depende de nada além dele próprio. Consequentemente, a maior parte de sua pregação parece ter sido dirigida contra as instituições sociais, a arbitrariedade das regras da lei e qualquer tipo de estilo de vida que dependesse de tais instituições ou leis. Em suma, sua pregação era contra todas as instituições sociais, na medida em que tais instituições impediam a liberdade e a independência.

A *parresia* cínica também recorreu a comportamentos ou atitudes escandalosas que questionavam hábitos coletivos, opiniões, padrões de decência, regras institucionais e assim por diante.

Os cínicos também usaram outra técnica *parresiasta*, a saber, o “diálogo provocativo” que deriva, em certa medida, da *parresia* socrática. Enquanto o diálogo socrático traça um caminho intrincado e tortuoso de uma compreensão ignorante a uma consciência de ignorância, o diálogo cínico é muito mais como uma luta, uma batalha ou uma guerra, com picos de grande agressividade e momentos de calma pacífica - trocas pacíficas que, claro, são armadilhas adicionais para o interlocutor. O principal efeito dessa luta *parresiasta* com o poder não é levar o interlocutor a uma nova verdade, ou a um novo nível de autoconsciência; é levar o interlocutor a interiorizar essa luta *parresiasta* - lutar dentro de si mesmo contra suas próprias faltas.

Alguns problemas técnicos, poderão subsistir, na definição da *parresia*. Alguns desses aspectos, foram colocados por Plutarco num texto dedicado à *parresia*, onde pretende responder à questão: “Como distinguir um verdadeiro *parresiasta* ou alguém que fala verdade?” e de forma similar: “Como é possível distinguir um *parresiasta* de um lisonjeador?”



Fotografia Ponto de Vista

Há a necessidade aqui de sublinhar algumas questões. Primeiro porque necessitamos na nossa vida de algum amigo que tome o papel de *parresiasta*, de alguém que nos diz sempre a verdade? A razão apontada por Plutarco é encontrada no tipo predominante de relacionamento que muitas vezes temos conosco mesmos, a saber, uma relação de *philautia* ou “amor próprio”. Esta relação de amor próprio é, para nós, a base de uma ilusão persistente sobre o que realmente somos:

Este facto fornece ao adulator terreno largo para passar através da amizade, porque tem no nosso amor-próprio uma base de ataque propícia contra

nós, que leva a que cada um seja para si próprio o primeiro e o maior adulator, e por isso não é nada difícil acolher junto de si alguém de fora como testemunha e confirmação das coisas que tem no pensamento e na vontade. É que aquele que é criticado por gostar de adutores é um amator tenaz da sua pessoa, e o afecto que dedica a si mesmo leva-o a desejar ter, e a pensar que tem, todas as virtudes.

Ora, este desejo em si não é anormal, mas já o pensar comporta riscos e necessita de muita cautela. Pois se, segundo Platão, a verdade “é divina”, e é o princípio “de todas as coisas boas para os deuses e para os homens” [Leis 730C], há o risco de o adulator

ser um inimigo para os deuses, em particular do deus Pítio. De facto, ele contradiz sempre o princípio “Conhece-te a ti mesmo”, desenvolvendo em cada um o engano, e mesmo a ignorância, não só sobre si próprio, mas também sobre as coisas boas e as coisas más que lhe dizem respeito, tornando as primeiras imperfeitas e inacabadas, e as segundas completamente impossíveis de corrigir.¹¹

Nós somos os nossos próprios bajuladores, e é para nos desligarmos dessa relação espontânea que temos connosco, para nos livrarmos da nossa *philautia*, que precisamos de um *parresiasta*.

Mas é difícil reconhecer e aceitar um *parresiasta*. Pois não só é difícil distinguir um verdadeiro *parresiasta* de um adulator; por causa de nossa *philautia*, também não estamos interessados em reconhecer um *parresiasta*. Entramos então no jogo de como encontrar critérios que possam, indubitavelmente, distinguir um *parresiasta* que nos faça sair da nossa *philautia*.

Para responder à pergunta: ‘Como podemos reconhecer um verdadeiro *parresiasta*?’, Plutarco propõe dois critérios principais. Primeiro, há uma conformidade entre o que o verdadeiro contador da verdade diz e como ele se comporta - e aqui reconhece-se a harmonia socrática do Laques, onde Laques

explica que ele podia confiar em Sócrates como um contador da verdade sobre a coragem, visto que viu que Sócrates era realmente corajoso em Delíu e, portanto, que exibia um acordo harmonioso entre o que dizia e o que fazia.

Há também um segundo critério, que é: a permanência, a continuidade, a estabilidade e a firmeza do verdadeiro *parresiastas*, o verdadeiro amigo, quanto às suas escolhas, suas opiniões e seus pensamentos:

...é preciso contemplar a uniformidade e a constância no seu modo de pensar: se ele se alegra sempre com as mesmas coisas, se elogia o mesmo, se conduz e organiza a sua própria vida sob uma só orientação, tal como sucede com o homem livre, apreciador da amizade e da convivência com o que lhe é próximo. Essa é a conduta de um amigo.

Já o adulator, contudo, não tem para o seu carácter uma morada só,

Nós somos os nossos próprios bajuladores, e é para nos desligarmos dessa relação espontânea que temos conosco, para nos livrarmos da nossa *philautia*, que precisamos de um *parresiasta*.

e vive, não a própria vida, mas a que outros escolheram, moldando-se e adaptando-se a partir de outro. Por isso não é nem simples, nem uno, e sim variado e complexo, mudando constantemente de lugar e transformando-se conforme os que o acolhem, tal como a água que é mudada de um recipiente para outro.¹²

Podemos perceber dois temas principais. Primeiro, o tema da autoilusão e sua ligação com a *philautia* - o que não é algo completamente novo. Mas no texto de Plutarco pode ver-se que a sua noção de autoilusão como consequência do amor próprio é claramente diferente de estar num estado de ignorância sobre a própria falta de autoconhecimento - um estado que Sócrates tentou superar. A concepção de Plutarco enfatiza o fato de que não apenas sermos incapazes de saber que nada sabemos, mas também de sermos incapazes de saber, exatamente, o que somos.

O segundo tema é o da estabilidade da mente. Há uma relação óbvia entre estes dois temas - o tema da autoilusão e o tema da constância ou persistência da mente. Pois destruir a autoilusão e adquirir e manter a continuidade da mente são duas atividades ético-morais que estão ligadas uma à outra. A autoilusão que o impede de saber quem ou o que é, e todas as mudanças nos seus pensamentos, sentimentos e opiniões que o forcem a passar de um pensamento a outro, de um sentimento a outro, ou de uma opinião a outra, demonstram esta ligação. Pois se é capaz de discernir exatamente o que é, então permanecerá no mesmo ponto e não será movido por nada. Se é movido por qualquer tipo de estímulo, sentimento, paixão, etc., então não é capaz de ficar perto de si mesmo, depende de outra coisa, é levado a diferentes preocupações e, conseqüentemente, não é capaz de manter autodomínio completo.

Estes dois elementos - estar iludido a respeito de si mesmo e ser movido pelas mudanças no mundo e nos seus pensamentos - desenvolveram-se e ganharam importância na tradição cristã.

Na espiritualidade cristã primitiva, Satanás é frequentemente

¹¹ cf. Plutarco, Como distinguir um adulator de um amigo, tradução do grego, introdução e notas por Paula Barata Dias, Universidade Coimbra 2010, pp. 75 e 76

¹² Ibid., pp. 86 e 87

representado como o agente tanto da autoilusão (em oposição à renúncia de si mesmo) e da mobilidade da mente - a instabilidade da alma em oposição à *firmitas* na contemplação de Deus. Prender a mente a Deus era uma forma, primeiro, de renunciar a si mesmo para eliminar qualquer tipo de autoilusão. E foi também uma forma de adquirir uma estabilidade ética e ontológica.

Mas terá o *parresiasta* que ser um amigo? Peguemos numa das análises de Foucault a partir de um texto de Galeno [130-200 DC], “Das paixões e erros da alma”, onde explica que para um homem se libertar de suas paixões precisa de um *parresiasta*; pois assim como em Plutarco um século antes, a *philautia*, o amor-próprio, é a raiz da autoilusão:

...por que vemos as falhas dos outros, mas permanecemos cegos para aquelas que nos dizem respeito. Todos os homens admitem a verdade disto e, além disso, Platão dá a razão para isso [Leis 731e]. Ele diz que o amante é cego no caso do objeto de seu amor. Se, portanto, cada um de nós ama a si mesmo acima de tudo, ele deve ser cego no seu próprio caso...

há paixões da alma que todos conhecem: raiva, ira, medo, tristeza, inveja e luxúria violenta. Na minha opinião, a veemência excessiva em amar ou odiar qualquer coisa também é uma paixão. Acho que o ditado “moderação é melhor” está correto, uma vez que nenhuma ação imoderada é boa. Como, então, um homem poderia eliminar estas paixões se não soubesse primeiro que as tinha? Mas como já dissemos, é impossível conhecê-los, pois amamo-nos em excesso. Mesmo que este ditado não permita que se julgue, permite que possa julgar os outros que não ama nem odeia. Sempre que ouvir alguém na cidade a ser elogiado por alguém, porque não lisonjeia ninguém, associe-se a esse homem e julgue por

experiência própria se ele é o tipo de homem que dizem ser. Primeiro, se o vê a ir continuamente às casas dos ricos, poderosos ou mesmo monarcas, certifique-se de ter ouvido falsamente que esse homem sempre fala a verdade, pois tal adulação leva a mentiras.

Em segundo lugar, certifique-se igualmente de que sua reputação é falsa se o vir a cumprimentar essas pessoas pelo nome, visitando-as e até mesmo jantando com elas. Quem quer que tenha escolhido tal vida, não só não fala a verdade, mas é totalmente mau, porque ama alguns ou todos os seguintes: riqueza, governo, honras, reputação.

Quando um homem não cumprimenta os poderosos e ricos pelo nome, quando não os visita, quando não janta com eles, quando vive uma vida disciplinada espere que o homem fale a verdade; tente também chegar a um conhecimento mais profundo de que tipo de homem ele é (e isso acontece por longa associação). Se encontrar tal homem, chame-o e converse com ele um dia em particular; peça-lhe que revele imediatamente qualquer das paixões mencionadas acima que ele possa ver em si. Diga-lhe que será muito grato por esse serviço e que o considerará seu libertador mais do que se ele o tivesse salvo de uma doença corporal. Faça-o prometer revelá-lo sempre que o vir afetado por qualquer uma das paixões que mencionei.¹³

Podemos assim constatar, que em Galeno, o *parresiasta* não necessita de ser um amigo, mas tão somente alguém que não o ama ou o odeia. Um bom *parresiasta* pode ser alguém com quem nunca se teve um relacionamento particular.

Mas é claro que não pode ser escolhido ao acaso. Devem verificar-se alguns critérios para saber se ele realmente é capaz de revelar as nossas faltas. E por isso deve ter

ouvido falar dele. Ele tem uma boa reputação? Ele tem idade suficiente? Ele é rico o suficiente? É muito importante que aquele que desempenha o papel de *parresiasta* seja pelo menos tão rico, ou mais rico do que aquele com quem ele exerce de *parresia*. Pois se ele é pobre e o outro é rico, então as chances serão maiores de que ele seja um adúlador - uma vez que agora é do interesse dele fazê-lo.

Para concluir quanto à prática da *parresia*, quando esta apareceu no contexto da orientação espiritual, o mestre foi quem revelou a verdade sobre o discípulo. Mas na elaboração de Epicteto e Seneca, com o uso de exercícios, o mestre ainda usa a franqueza de falar com o discípulo para ajudá-lo a tomar consciência das falhas que não pode ver (Sêneca usa a *parrhesia* para Sereno¹⁴, Epicteto usa a *parrhesia* para os seus discípulos¹⁵); mas agora o uso da *parresia* é colocado cada vez mais sobre o discípulo como seu próprio dever para consigo mesmo. Nesse ponto, a verdade sobre o discípulo não é revelada apenas por meio do discurso *parresiástico* do mestre, ou apenas no diálogo entre o mestre e o discípulo ou interlocutor. A verdade sobre o discípulo surge de uma relação pessoal que ele estabelece consigo mesmo; e essa verdade agora pode ser revelada a si mesmo ou a outra pessoa. E o discípulo também deve testar-se a si mesmo e verificar se é capaz de atingir o autodomínio (como nos exemplos de Epicteto).

Em segundo lugar, não é suficiente analisar esta relação pessoal de autocompreensão como meramente derivada do princípio geral *gnothi seauton* - “conhece-te a ti mesmo”. Claro, num certo sentido geral, pode ser derivado desse princípio, mas não podemos parar neste ponto. Pois as várias relações que

¹³ Galeno, *On the passions and errors of the soul*, translation from the greek by Paul W. Harkins with an introduction and interpretation by Walter Riese, Ohio University press, 1963

¹⁴ Seneca. *De Ira e De Tranquillitate Animi*, tradução e introdução por José Eduardo Lohner, Editora Schwarz, São Paulo 2014

¹⁵ Epicteto, *Encheiridion*, tradução do grego, introdução e comentário Aldo Dinucci & Alfredo Julien, Imprensa da Universidade de Coimbra 2010



temos consigo mesmas estão embutidas em técnicas muito precisas que tomam a forma de exercícios espirituais - alguns deles lidando com ações, outros com estados de equilíbrio da alma, outros com o fluxo de representações, e assim por diante .

Terceiro ponto. Em todos esses diferentes exercícios, o que está em jogo não é a revelação de um segredo que deve ser escavado nas profundezas da alma. O que está em jogo é a relação do eu com a verdade ou com alguns princípios racionais.

O que devemos sublinhar aqui é o seguinte: se a verdade do ser nesses exercícios nada mais é do que a relação do ser com a verdade, então essa verdade não é puramente teórica. A verdade de si mesmo envolve, por um lado, um conjunto de princípios racionais que são baseados em geral em afirmações sobre o mundo, a vida humana, a necessidade, a felicidade, a liberdade e assim por diante e, por outro lado, regras práticas de comportamento. E a questão levantada nestes diferentes exercícios é orientada para o seguinte problema: Estamos suficientemente familiarizados com estes princípios racionais? Eles estão suficientemente bem estabelecidos nas nossas mentes para se tornarem regras práticas para nosso comportamento diário? E o problema da memória está no cerne dessas técnicas, mas na forma de uma tentativa de nos lembrar do que fizemos, pensamos ou sentimos para que possamos reativar nossos princípios racionais, tornando-os tão permanentes e eficazes quanto possível em nossa vida.

Estes exercícios fazem parte do que poderíamos chamar de “estética de si mesmo”, pois não é necessário assumir uma posição ou papel em relação a si mesmo como o de um juiz que pronuncia um veredicto. Pode comportar-se no papel de técnico, de artesão, de artista que, de vez em quando, pára de trabalhar, examina o que está a fazer, lembra-se da regra de sua arte, compara essas regras com o que alcançou até agora. Esta metáfora do artista

que pára de trabalhar, dá um passo para trás, ganha uma perspectiva distante e examina o que está realmente a fazer com os princípios da sua arte pode ser encontrada no ensaio de Plutarco, “Sobre o controle da raiva” e traz-nos à lembrança o trabalho maçónico.

É este repetir que nos leva à questão do encaixe da *parresia* na questão do ritual, enquanto modelador fundamental do processo de aperfeiçoamento utilizado na Maçonaria.

PARRESIA E RITUAL

Não é possível fazer uma ligação coerente da proposta da *parresia* em termos de Maçonaria sem a conformar com o ritual, essa peça fundamental do trabalho desenvolvido por todo aquele que assume a condição de Maçon.

A *parresia* na sua relação com a verdade parece apontar à autenticidade. Todavia trata-se de uma autenticidade baseada na construção do eu, na convicção sincera da posse da verdade intimamente ligada à real qualidade moral do indivíduo reconhecida pela comunidade. Não se trata da imagem de autenticidade baseada na imagem narcisista, cada vez mais em voga nos dias de hoje, objeto de uma produção incessante da sua imagem em termos de realização pessoal. Este narcisismo é completamente antagónico à ideia de comunidade e portanto à forma do ritual. O culto de si mesmo, coloca fora de cena a interação ritual, conjunto de processos de consolidação de comunidade, de consolidação de uma forma de estar perante a vida e a sociedade, como é o caso da Maçonaria.

O culto da autenticidade, no sentido atual, erode o espaço público, desintegrando-o em espaços privados portáteis. A *parresia*, neste estado, sai do seu ponto zero da retórica e entra no campo da *parresia* má. O de mostrar-se de forma pornográfica, numa transparência construída no intuito de uma moral supérflua.

O templo maçónico, local de

encontro comunitário, fechado ao mundo, deve cada constituir-se como um dos últimos redutos de combate a esta transparência, a esta autenticidade narcisista. É o sítio, da atenção profunda, obtida a partir de prática eminentemente religiosa no sentido etimológico de *relegere*, de religar, onde a individualidade de cada um, não pode ser confundida com espaços privados de divulgação unívoca, mas como produto de um trabalho de progressão, onde a *parresia* assume o seu papel de favorecimento do conhecimento do eu no âmbito da prática ritual.

A cada sessão ritual é inerente o encerramento, há um ciclo que abre e se encerra. Este encerramento fixa o local, mais um ponto da descoberta. O processo de aperfeiçoamento não é contínuo, tal como nos exercícios da *parresia*, há que parar para contemplar, para comparar, para se situar, para conhecer. Este processo repetitivo, é um processo de aprendizagem do tipo *apprendre par coeur*, só as repetições chegam ao coração e permitam a estabilização. Nos processos de contínuos de otimização da eficiência, nada se termina, deixa-se uma etapa para entrar de imediato noutra. Nada é definitivo, o espaço de contemplação dá lugar à digitalização e à informação por contraponto do conhecimento. A técnica simbólica de instalação no lugar, a prática simbólica que dá ao significante muito para além de um significado através do jogo, perde em favor do signo que exaure o significante no significado e reduz tudo a mera informação, estrangulando o conhecimento.

A *parresia* bem o desenvolvimento do conhecimento em sentido lato, carecem de todo este aparelho simbólico, que acentua a verdade. Uma acentuação alicerçada numa diversidade feita pela negatividade da confrontação de ideias e de formas de pensar, da transmissão de verdades que incomodam, da rejeição da lisonja. Enfim, um processo ritual, que não só não está deslocado, como encontra toda a sua premência neste mundo tão globalizado, onde a Maçonaria possui a responsabilidade de acomodar o seu

processo, como objetivo da liderança na reflexão sobre os desafios que se colocam à humanidade.

O ritual nesta repetição, traduz uma força, que advém da ideia da morte, uma ideia de força moral, que podemos constatar naquele que usa de *parresia*. Aquele que teme a morte, que a retira da vida, quando esta última é parte da primeira, subtrai o sentido da vida. Numa sociedade como a de hoje, em que a partir do capital parece conseguir-se ilimitar a vida, o poder simbólico da contraposição, do jogo da vida e da morte perde-se, esvaziando o significado da vida. O jogo simbólico com a morte e renascimento que dá origem à vida, trazem uma dimensão de humanidade que distingue os seus representantes dos outros seres vivos e sobretudo de qualquer tipo de autómatos reduzido à sua eficiência.

Esta dimensão humana traduz-se também naquilo que Nietzsche definiu como vontade da verdade. Uma vontade tão cara à prática da *parresia* e em última análise à construção do edifício maçónico. Construção esta que se quer, sempre, de carácter agonal face à superficialidade que embrutece a sociedade, no sentido da sua massificação, da sua igualização. Duelo permanente pela especificidade do sujeito enquanto elemento da comunidade.

PARRESIA COMO CATALISADOR DA ÉTICA MAÇÓNICA

Este ensaio que se pretende inserido numa reflexão ampla, talvez mais do que desconstrução, sobre aquilo que Maçonaria possui na sua estrutura de trabalho, que, de alguma forma, possa estar cristalizado e que impeça que esse trabalho se adeque aos desafios que se se colocam à humanidade cada vez de forma mais acelerada.

À maneira *parresiasta*, o conjunto de valores (que se dizem de) maçónicos, termo muito gasto e de conteúdo que poucos sabem explicitar e muito menos explicar, por circunstâncias várias devem adquirir uma forma que possibilite acompanhar as dinâmicas dos tempos. Não está em questão a qualidade moral, mas sim a sua efetivação. Esta não é conseguida à custa da rigidez de um edifício moral ancestral que visava os problemas à época e onde os de hoje, bem como os de amanhã não eram sequer imaginados. Inclusivamente, por muito que doa. as nocões de Liberdade.

O simples acto de re-conhecer é já um acto ritual, um processo simbólico, que nos situa, que nos traz ao lugar que nos é comum, à Maçonaria.

Igualdade e Fraternidade necessitam, no mínimo, de uma reformulação à custa do aprofundamento das várias perspectivas à luz dos anseios e das experiências dos humanos nos tempos que correm. A repetição *ad nauseam* das mesmas expressões possuem o mesmo efeito que o discurso político eivado de termos estereotipados, i.e., criam desconfiança e, pior, descrença.

Esta experimentação, com a reflexão à volta da *parresia*, possui o efeito imediato da sensação de re-conhecer algo que parece fazer parte da nossa condição de Maçons. O simples acto de re-conhecer é já um acto ritual, um processo simbólico, que nos situa, que nos traz ao lugar que nos é comum, à Maçonaria. Tudo no jogo *parresiasta* nos impele a regressar à essência da Maçonaria, o conhecimento de si próprio, o levar a que o outro se conheça, também a si próprio, num processo de aprimoração da verdade que exige qualidades que nem todos possuem, mas que pretendem inatas em todo aquele que é sujeito à morte simbólica e ao renascimento iniciático.

A *parresia* implica uma sujeição à verdade, que traz com ela toda uma ética que não se contem entre as paredes dos templos. Não, ela grita por exposição à sociedade. Sociedade que deve ganhar a percepção do limite de vontade de verdade do povo Maçónico. O risco característico da *parresia*, o de transmitir a verdade apesar de tudo, deve, com certeza, obter alicerce nas lojas, i.e., possuir a sua infraestrutura no trabalho de loja superestrutura deve ser construída na e para a sociedade.

Numa sociedade cansada da retórica, de uma globalização assente apenas na informação e no digital, o jogo *parresiasta* pode-se assumir como contrabalanço às correntes que apelam aos instintos primários da humanidade e que urge combater.

É claro, que a tentação de passar da *parresia* à retórica é muito grande, mas é um risco inerente à prática da transmissão da verdade em que realmente se acredita. No entanto o povo, mesmo que configurado nas três acepções principais¹⁶, tem a capacidade, e grande parte, para perceber onde está a verdade, sobretudo quando elas dizem respeito aos aspectos micro que impactam a

¹⁶ povo político, démos; o povo definido sua própria história, cultura e tradições, ethnos; o povo, antes dito “miúdo”, feito de pessoas vulgares e das classes populares miseráveis ou “desfavorecidas”, plebs

comunidade a nível macro. A noção de comunidade no sentido agregador do termo não deve ser confundido com sociedade, na medida em que esta não exprime os laços de fixação no tempo e espaço tão necessários ao progresso da humanidade.

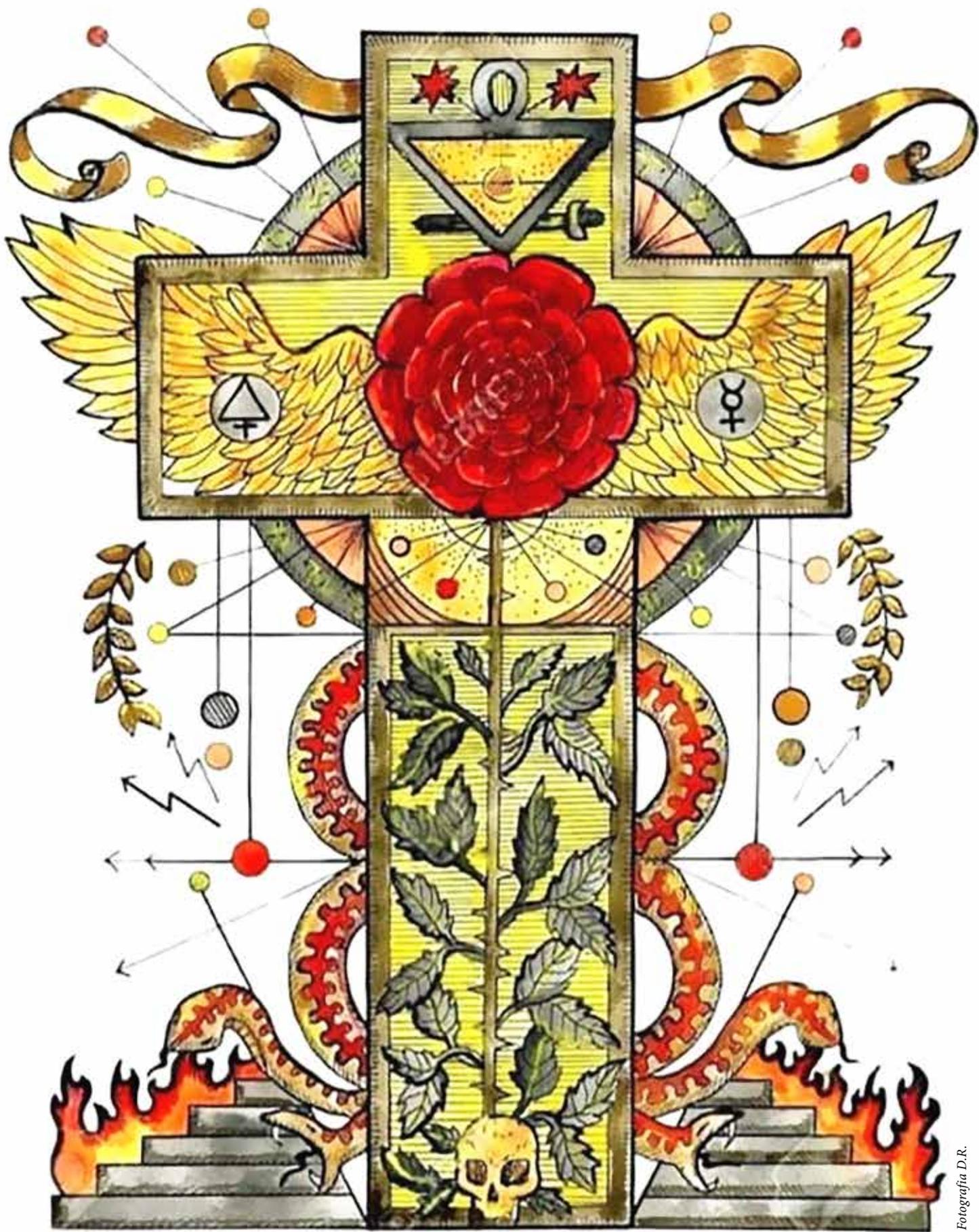
Parresia, sob o ponto de vista maçónico, carrega consigo o poder da proposta de adaptação à velocidade dos acontecimentos, pelo lado da

verdade, pois esta não tem tempos, apenas verdade. A verdade concebida como produto da crença profunda do indivíduo na sua especificidade. Especificidade que, a bem do reconhecimento, que tal como Bourdieu afirmou, é tanto maior, quanto maior é a distância ao objeto de reconhecimento, deve incluir a necessária qualidade moral que advenha de uma ética sustentada na reflexão da aceitação negociada das

respostas aos anseios da comunidade. A *parresia*, vista desta forma, prefigura não só um dos componentes de uma ética maçónica reconstruída, mas sobretudo como catalisador dessa mesma ética. Processo em que todos os Maçons se devem envolver sob pena de vermos diminuir cada vez mais a influência de uma instituição tão importante para o progresso humano e estabilidade social como é a Maçonaria. ■

BIBLIOGRAFIA:

- ARENDETT, Hannah, *A condição humana*, Editora Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2007
- BENTO, António, *Coragem política sem lisonja retórica: do modo de dizer retórico ao modo de dizer parresíastico*, Labcom, Universidade da Beira Interior, 2020
- BENTO, António, *Foi você que disse “populismo” ?*, Praxis - Centro de Filosofia, Política e Cultura, Universidade da Beira Interior, 2020
- EPICETETO, Encheiridon, tradução do grego, introdução e comentário Aldo Dinucci & Alfredo Julien, Imprensa da Universidade de Coimbra 2010
- FOUCAULT, Michel, *A coragem da verdade (curso College de France 1983-1984)*, Martins Fontes, São Paulo 2011
- FOUCAULT, Michel, *A hermenêutica do Sujeito (curso College de France 1981-1982)*, Martins Fontes, São Paulo 2006
- FOUCAULT, Michel, *Discourse and Truth: the problematization of Parrhesia (six lectures at Berkeley) oct-nov 1983*, foucault.info
- FOUCAULT, Michel, *O governo de si e dos outros (curso College de France 1982-1983)*, Martins Fontes, São Paulo 2010
- GALENO, *On the passions and errors of the soul*, translation from the greek by Paul W. Harkins with an introduction and interpretation by Walter Riese, Ohio University press, 1963
- HADOT, P. *Exercices spirituels et philosophie antique*. Paris: Albin Michel, 2002.
- HAN, Byung-Chul, *Do desaparecimento dos Rituais*, Relógio D'água, Lisboa 2020
- HAN, Byung-Chul, *Psicopolítica*, Relógio D'água, Lisboa 2015
- HAN, Byung-Chul, *Sobre o Poder*, Relógio D'água, Lisboa 2017
- HAN, Byung-Chul, *Topologia da Violência*, Relógio D'água, Lisboa 2019
- NUSSBAUM, M. *The therapy of desire: theory and practice in hellenistic ethics*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2009
- PLUTARCO, *Como distinguir um adúltero de um amigo*, tradução do grego, introdução e notas por Paula Barata Dias, Universidade Coimbra 2010
- PLUTARCO, *Vidas Paralelas*, tradução do grego, introdução e notas de Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rodrigues, Imprensa da Universidade Coimbra, 2013
- PLATÃO, *Carta VII*, tradução do grego e notas de José Trindade Santos e Juvino Maia jr., editora PUC, Rio de Janeiro 2008
- PLATÃO, *Diálogos (Tradução por Carlos Alberto Nunes)*, Edições Melhoramentos, São Paulo 2003
- SENECA. *De Ira e De Tranquillitate Animi*, tradução e introdução por José Eduardo Lohner, Editora Schwarz, São Paulo 2014



ANTÓNIO LOPES

RITUAL E RITUAIS: PORQUÊ?

O ritual maçónico encerra em si vários paradoxos que o tornam complexo e impossível de reduzir a fórmulas simplistas.

Em primeiro lugar ele foi o cimento de unidade da Maçonaria durante o período de clandestinidade entre 1935 e 1974, mesmo que reduzido ao mínimo, aligeirado e até parcialmente esquecido ou adulterado. O mesmo ocorreu noutras momentos difíceis mais recuados na História ou noutras geografias, constituindo a razão que manteve a Maçonaria unida, perseverante e resistente. Sendo intrínseco à prática maçónica, o senso comum fora da Maçonaria vê nele algo de estranho ou de desajustado ao tempo, aproveitando-o para atacar a Maçonaria com histórias mirabolantes. É, no entanto, através dele que se reúne a Tradição, com a repetição de gestos, com a inovação, pela novidade que esses gestos, e a consequente interpretação, constituem para cada maçom em cada sessão realizada.

PARADOXOS

Na verdade, o ritual maçónico desde sempre constituiu uma arma de arremesso contra a Maçonaria. Visto como algo de obscuro, secreto ou inacessível, o que não é verdade já que muitos se encontram publicados, é mais verdadeiro vê-lo como de difícil compreensão para quem o encara de forma mais ligeira ou preconceituosa. O ritual

identifica-nos com alguém, com uma entidade, com uma religião, com uma infinidade de pequenos e grandes laços que fazem parte da vida de cada um. O batismo, o casamento e a morte envolvem rituais. Uma prova de doutoramento é também um ritual. Todas as religiões recorrem a rituais. Facilmente o ritual é unificador do indivíduo com algo que é reconhecidamente grupal, desejado, superior ou simplesmente um progresso do indivíduo face a uma situação anterior.

Por outro lado podemos perguntar se tendo em conta a vida agitada dos dias de hoje, se face à democratização do ensino ou se considerando a maior tolerância à diferença vivida hoje por comparação com tempos passados, a função do ritual como disciplinador e como forma progressiva de evolução das capacidades racionais do indivíduo se justifica hoje. A verdade é que já não é tão evidente o seu papel como fator de igualitarismo ou de nivelamento social quando comparamos os dias que correm com a realidade dos séculos XVIII e XIX, mas é certo que ele continua a ser o motor do Livre Pensamento, algo de fundamental na Tolerância e compreensão das diferenças. É, pois, natural que o Homem do século XVIII não “soubesse ler nem escrever”, que precisasse de

ajuda para soletrar, que precisasse mesmo de um auxiliar para evoluir nos seus esquemas de pensamento, mas isso não o torna obsoleto ou desnecessário, antes faz dele um instrumento para novas funções, mesmo que usando “velhos” métodos, cujos resultados foram já provados. E ainda que hoje possa ter novos objetivos, mesmo que o Livre Pensamento nunca seja plenamente conseguido – vemo-lo na vida política e social, os resultados conseguidos na evolução social, política e cultural entre o Homem do século XVIII e o Homem do século XXI demonstram o importante contributo da Maçonaria para o nosso modo de vida e para o progresso da Humanidade e, ao mesmo tempo, o muito que há ainda por fazer.

Na Maçonaria o ritual é o cimento agregador entre os membros da Loja e por isso tem a capacidade de unir. É pelo ritual que se adquire a predisposição espiritual para o trabalho em Loja, se procede com disciplina e se gera a necessária reflexão e abertura de espírito para que os trabalhos sejam profícuos. António Arnaut, a propósito do ritual de iniciação afirma que ele é “*absolutamente necessário para operar no iniciando uma mudança ontológica, a passagem de um estado considerado inferior para um novo estado reputado de superior.*”

*No fundo a iniciação ritualiza o mito cosmogónico da criação do homem, fazendo participar o iniciado, através da iluminação interior, na plenitude do tempo primordial*¹

O facto de nos seus rituais a Maçonaria ter recorrido a inúmeras expressões hebraicas, muitas delas presentes na liturgia católica, visou não apenas justificar lendas e mitos como também conferir ao ritual maçónico um lado sagrado que desagradou à Igreja que as viu como heresia. É verdade também que as expressões hebraicas do ritual maçónico o fecharam perante o exterior, tornando os maçons um grupo mais forte e mais protegido, ao mesmo tempo que abriram as portas para interpretações mais livres, em grande parte com um carácter esotérico e simbólico mais acentuado. Da mesma forma, estas expressões e gestos do ritual proporcionaram uma unidade ritualística que se revelou fundamental na prática maçónica.

A IMPORTÂNCIA DO RITUAL NO ESTABELECIMENTO DA MAÇONARIA ESPECULATIVA

O Rito é a forma filosófica pela qual cada grupo de maçons trabalha e interpreta esse trabalho com vista à criação de uma Humanidade melhor. O ritual é a sua expressão simultaneamente cénica, simbólica e de uma racionalidade que lhe está subjacente e que lhe confere um significado. Por isso se pode afirmar que os rituais de hoje são o resultado de um tronco central de ideias, que conheceram ligeiras diferenças ao longo do tempo, fruto do contexto maçónico, político e cultural então vivido. Esse tronco ancestral, ainda hoje visível, reflete o espírito das Luzes quando da fundação da Maçonaria especulativa, no século XVIII. De qualquer das formas a Maçonaria manteve imutáveis três conceitos que balizam os rituais hoje praticados: uma sequência

ritual coerente do primeiro ao último grau de cada rito numa lógica ritual e filosófica inerente ao Rito, mesmo com algumas alterações sofridas ao longo dos anos, uma gradativa exigência espiritual e um objetivo último de construir uma sociedade mais justa e perfeita, que se exprime na trilogia Liberdade, Igualdade, Fraternidade, expressão com a qual a Maçonaria se identifica já no século XIX.

Por outro lado, uma das funções mais evidentes do ritual é proporcionar ao maçom a predisposição para o seu trabalho no Templo, deixando fora de portas as preocupações profanas, ficando a pairar uma noção de sagrado ou de resguardo por oposição ao público e profano e, ao mesmo tempo, proporcionar uma disciplina e uma sequência de acontecimentos que já há muito provou ser eficaz, geradora de ideias e potenciadora das capacidades de cada um dos membros da Loja. Por isso a ligação estreita entre o ritual e todos e cada um dos trabalhos que os maçons apresentam na sua ou noutras Lojas. Se o ritual permite a predisposição espiritual para o aperfeiçoamento, os trabalhos temáticos são momentos de superação intelectual, ainda que de carácter individual, mas com incidência sobre o coletivo. Trabalho maçónico e ritual completam-se e articulam-se de forma a potenciar o seu método e as suas vantagens intelectuais, em termos de esquemas racionais, quer na acumulação de conhecimentos, quer na articulação da informação, quer ainda no espírito de tolerância gerado face à multiplicidade da informação.

A LOJA E O SÍMBOLO

A transposição para o ritual maçónico de um conjunto de mitos, lendas e símbolos relacionados com a arte da construção e do trabalho da pedra, permitiu uma leitura que chegou aos dias de hoje: a da

construção de um “edifício” ético e moral em cada um, sendo que cada maçom deve ser ilustrado e livre como condição para poder proceder a essa construção. É, de facto, a introdução de uma componente moral na prática maçónica, ao mesmo tempo que a Loja pode assim ser considerada como um laboratório de homens e mulheres, onde despertam as qualidades latentes em cada um, onde elas serão articuladas num todo coerente que passam a refletir a atitude moral do Irmão a partir da qual se deve procurar a perfeitabilidade. Por isso, símbolo, percurso individual e Loja estão ligados por algo comum: a Tradição, sendo que esta não se restringe a um acumular no tempo de ideias e gestos, mas antes deve ser vista como o ponto primordial da cadeia iniciática e o acumular de sentidos espirituais partilhados por todos os que se relacionaram profundamente com ela.

Barbosa Soeiro dizia, em 1921, que o simbolismo constitui a verdadeira instrução da Maçonaria, nele se encontrando condensadas as bases da verdadeira moral e da verdadeira ciência.² Poderíamos igualmente acrescentar que é uma forma de linguagem - a linguagem da Maçonaria - essencialmente simbólica, independentemente dos mesmos símbolos poderem ter significados diferentes, ainda que não contraditórios, que funcionam enquanto portas de entrada para patamares igualmente diferenciados de compreensão da linguagem simbólica. Por isso se diz que o simbolismo maçónico é rico de significados, devendo os símbolos serem vistos como a materialização possível do transcendente. Por isso também não encontramos símbolos exclusivamente maçónicos, mas antes símbolos com um significado maçónico. Ou seja, símbolos que foram usados pelas corporações de pedreiros ou pela Igreja, que nesse contexto tinham um dado

¹ ARNAUT, António, *Introdução à Maçonaria*, 7ª edição, Coimbra, Ed. Coimbra Editora, 2012, pp. 35 e 36.

² SUEIRO, Manuel Bernardo Barbosa, *A influência da Maçonaria em Portugal*, fac-simile, Lisboa, Perspectivas e Realidades, 1984, p. 25;

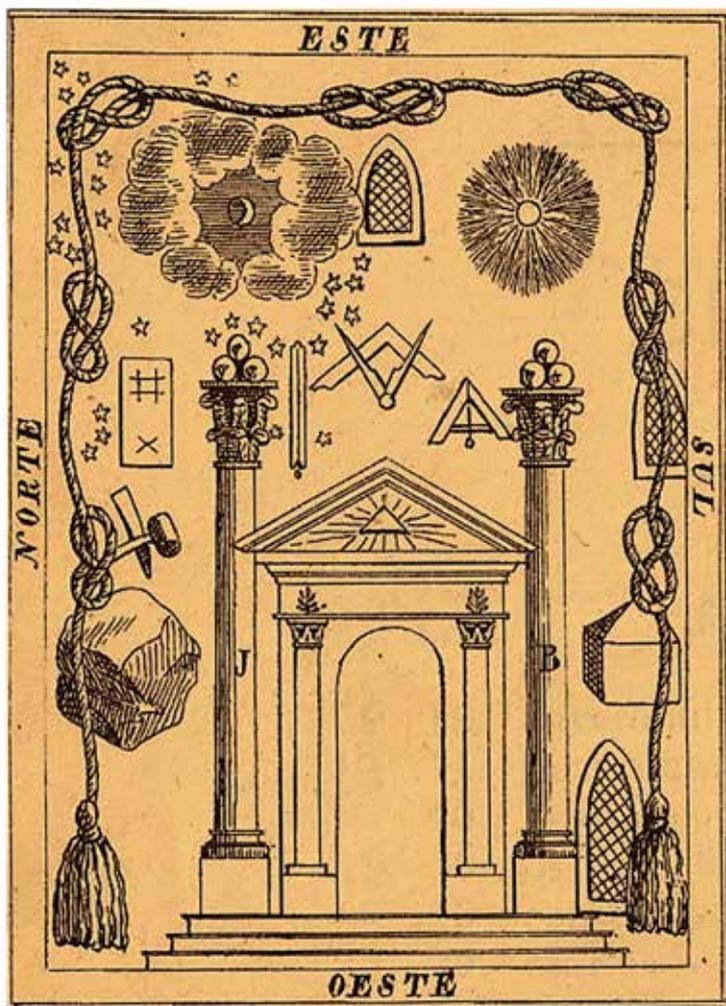


significado, que no contexto maçónico têm um significado diferente ou semelhante. Símbolos que representam uma forma de transmissão apenas acessível aos iniciados e, entre estes, escalonada segundo o percurso maçónico de cada um podendo expressar-se quer num painel de Loja, repleto de símbolos, quer nos objetos presentes no Templo, quer numa lenda inserta no ritual, que encerra um ensinamento, quer ainda num discurso de qualquer um dos Irmãos da Loja. Por tudo isto poderíamos também afirmar que o simbolismo é a alma da Maçonaria, onde as lendas evocadas nos remetem para um imaginário com sugestões mais ou menos claras de ordem moral e filosófica e que constituem a representação mais ou menos visível de uma ideia que transcende aquele momento e aquele espaço. Associadas ao simbolismo surgem-nos então as alegorias, ideias que recorrem a exposições figuradas, com um enredo que por norma transmitem ensinamentos de ordem simbólica, moral ou ética, ou os números com uma interpretação metafísica, quase sempre

associada a uma figura geométrica, ambos vistos como abstrações de um pensamento divino, que não quer obrigatoriamente dizer Deus, mas que são expressão do mundo espiritual e metafísico a que os rituais se referem. Ainda a propósito das alegorias é de sublinhar que estas e as lendas a elas associadas e que estão presentes nos rituais, para além de introduzirem coerência entre os diferentes graus de um dado Rito, conferem aos maçons sentimentos de pertença, de orgulho e de satisfação racional consigo próprio que não são de desprezar, o que constitui uma das razões porque mesmo as sabendo não verdadeiras se continuam ritualmente a utilizar. As alegorias são mais complexas do que parecem e normalmente indecifráveis, para não dizer alvo de chacota por profanos. Textos que devem ser entendidos pelo significado da sua mensagem, escritos ou adotados numa época em que era comum criar ou adotar essas histórias para solidificar uma mensagem, conferindo-lhe uma aura de veracidade e de ancestralidade que na verdade não possuíam

e que, na verdade, todos os maçons reconhecem ao longo da sua vida maçónica. Elas possuem ensinamentos que se escondem por detrás das palavras, permitindo-nos ler nas entrelinhas, um conjunto de mensagens, normalmente de ordem moral, importantes para as nossas atitudes como maçons e como cidadãos e que por isso igualmente mantêm o seu valor primordial.

Essencialmente otimista e recorrendo a símbolos e a alegorias, a Maçonaria pretende, grau a grau, dar ao maçom sucessivos níveis de reflexão, retificação e aplicação prática de ideias que o levem a tirar ensinamentos ou, por outras palavras, que o transformem num espírito livre. Daí a atitude estruturante e formativa do ritual. A educação maçónica, ou o caminho iniciático se assim lhe quisermos chamar, é progressiva, lenta e necessariamente persistente, feita com base numa perfeição intelectual sempre perseguida. Os graus constituem uma aventura espiritual e intelectual no seio do Rito, um modelo ideal, que ajudam o maçom



Fotografia D.R.

a definir metas e um caminho a percorrer e, simultaneamente, a uma posterior reflexão como se de balanços periódicos se tratasse.

Com cada símbolo e cada alegoria a corporizar uma chave no caminho iniciático, a sua interpretação sublinha o trabalho individual em função do nível espiritual e da capacidade de compreensão de cada um. A compreensão plena do ritual ou de um qualquer símbolo, e note-se que isto não quer dizer a imutabilidade do seu significado, depende do estágio percorrido iniciático de cada maçom. Por isso, a função do ritual, e por acréscimo dos símbolos a que ele se refere, é também o de nos revelar algo de indizível, alguma coisa que não se define apenas por

palavras, mas sim compreender um sentir e uma prática espiritual e, ao mesmo tempo, associar ritual e símbolos a momentos diferenciados de compreensão. No entanto, algo os distingue no nosso íntimo. Enquanto que ao símbolo associamos um carácter estático, ainda que o mesmo objeto possa ter significados simbólicos diferentes, o ritual implica a sua utilização no espaço do Templo, junto com a movimentação dos obreiros e com um conjunto de procedimentos individuais e coletivos pré-definidos.

O ritual então ser visto como um sistema que nos pretende dar ferramentas e disciplinar nos planos mental e espiritual, mas que facilmente nos introduz no plano

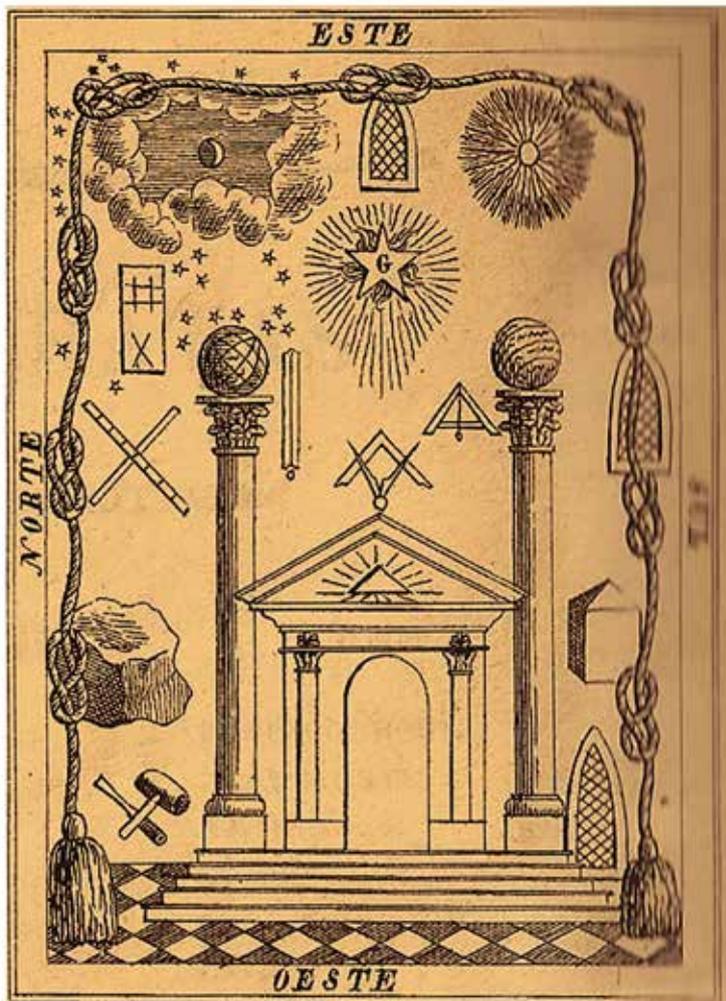
do sagrado, não do religioso note-se, e por isso falamos em Templo ou espaço sagrado. É ele também que nos liga ao transcendente e ao espiritual, recorrendo ao ritual como auxiliar e como materialização deles, traduzindo-se em gestos, passos e palavras significantes, provocando-nos o despertar interior que anteriormente abordamos.

Igualmente, o ritual reúne três patamares distintos de conhecimento e compreensão: um primeiro nível baseado num discurso que recorre ao vocabulário comum e que evolui com o tempo, um segundo nível onde está presente o simbólico, constituído por palavras, expressões, sinais, lendas e alegorias resumidas num “catecismo”, e um terceiro nível, de carácter esotérico que relaciona essas palavras, expressões, alegorias e lendas com o desenvolvimento intelectual e os valores de cada obreiro.

Mircea Eliade traduz, de forma perfeita, a importância da componente simbólica ao afirmar que a função do símbolo é a de “revelar uma realidade total, inacessível através dos restantes meios de conhecimento”.³ Ou seja, a compreensão de aspetos que os não iniciados não conseguem vislumbrar, por mais vídeos que vejam ou livros que leiam. Daí a importância do lado simbólico poder ter significados ou explicações várias em função do grau de conhecimento do maçom. Em resumo, o simbólico é fruto de uma explicação complexa, por vezes até pessoal sem com isso significar a sua relativização, mas onde obrigatoriamente está presente um sentir, que não se explica e raramente se consegue transmitir.

Daí que o ritual é uma afirmação simultaneamente psicológica e intelectual que, com carácter distintivo, deve ser especialmente cultivado pela Loja. Tal como acontece com o ritual, há que lembrar da importância do simbolismo para a criação do

³ VAJDA, Pierre, *Savoir et connaissance – approche herméneutique du Rite Écossais Ancien et Accepté*, Paris, Ed. Dervy, 2009, p. 12;



Fotografia D.R.

ambiente e da harmonia propícios aos trabalhos. Ele é a representação visível de uma ideia oculta. A disposição do Templo e a sua decoração, os símbolos presentes ou o ritual são fatores importantes para o sentir do ritual e para o significado dos atos vivenciados. Não valorizar o simbolismo é negar o carácter filosófico da própria Maçonaria. Por outro lado, o recurso ao simbólico e ao ritual são formas de identificação entre os maçons pelo recurso a uma linguagem comum, permitindo em qualquer país e em qualquer língua compreender o andamento dos trabalhos em Loja.

O RITUAL HOJE

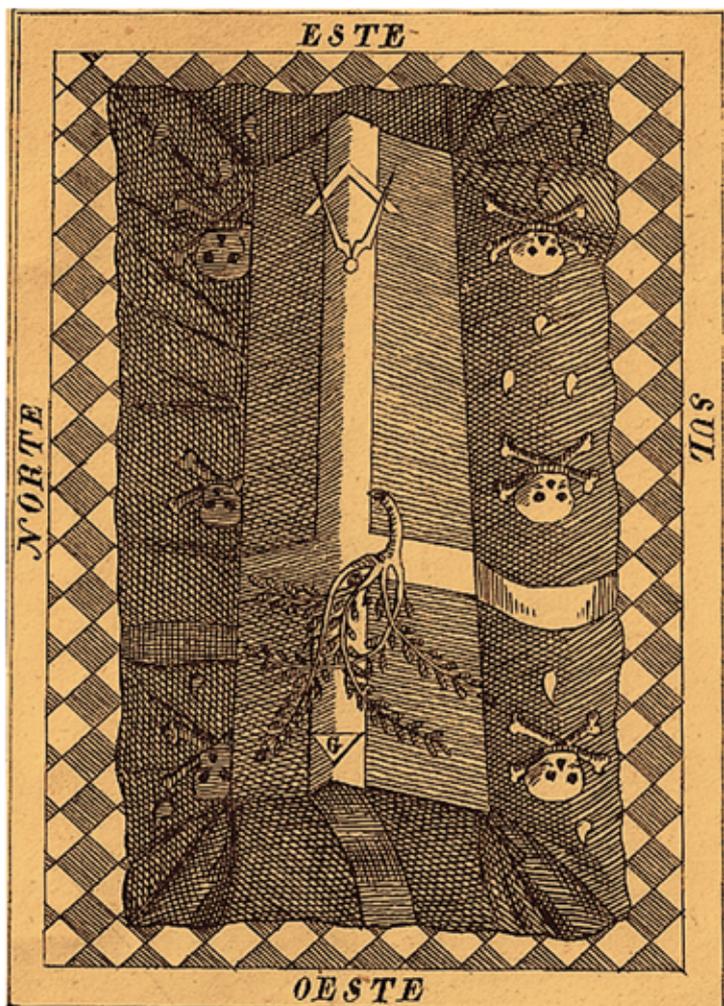
Ainda que o Saber fosse uma necessidade do século XVIII numa sociedade onde a ciência trinfava sobre a superstição, se tenha tornado uma

paixão em finais do século XIX e inícios do século XX, ele é hoje, na Maçonaria, e tal como no passado uma questão mais profunda e estruturante. Mais do que o acumular de pequenos conhecimentos, hoje a sociedade exige a autonomia racional, o espírito de iniciativa e a articulação de conhecimentos. Por isso o desenvolvimento dos esquemas mentais inerentes ao ritual continuam a ser importantes.

Se é certo, como referimos atrás, que estamos longe do exigido no século XVIII, onde o “não sei ler, nem escrever, mas apenas soletrar”, era um facto mais comum do que poderemos hoje imaginar, bastando recordarmo-nos que frequentemente as elites, até alguns reis e parte da nobreza de facto não sabia ler nem escrever, a verdade é que essa expressão mantém hoje um carácter simbólico, apontando-nos

o caminho da constante ilustração e sábia modéstia de não impormos as nossas certezas face a outras perspectivas. Do ponto de vista social, a burguesia ascendente social e economicamente, transportará para a Maçonaria o reconhecimento do valor do trabalho, frequentemente referido no ritual, afirmando que a preguiça leva os espíritos a manterem-se na menoridade. Mas hoje, tal como no início do século XX, o Saber é essencial não estando restrito ao ritual ou à intervenção da Maçonaria em associações e entidades várias. A transmissão do Saber deve ser vista como um ato de Amor e de cidadania em prol do Bem Comum. Ao mesmo tempo o Saber da cultura, o Saber que se adquire ao longo da vida ou o Saber que a vida maçónica desenvolve são algo que se identifica com a progressão iniciática, fundamentalmente porque é algo que se dá, renovado e mais enriquecido por comparação com aquilo que recebemos anteriormente, ou seja, renovado e enriquecido pelo estudo, pela reflexão e pela experiência de cada Obreiro.

Nesta abordagem não deixa de estar presente a grande mutação social ocorrida entre o século XVIII e atualidade, com a emergência da burguesia citadina, empreendedora e cosmopolita, por oposição a uma nobreza ociosa, dependente da terra e das benesses reais. Uma mutação que se estende à economia com o declínio do valor da terra em detrimento da indústria e da Revolução Industrial que a motiva. Já em pleno século XIX, após 1830, assinala-se a derrota definitiva da aristocracia, vencida por uma burguesia de banqueiros, grandes industriais e funcionários públicos. É um período de desenvolvimento significativo da Maçonaria, com uma base de aderentes que pensam o Estado de forma inovadora. Só que os equilíbrios de poder vão traduzir-se em mudanças, mais ou menos subtis, nos rituais maçónicos. Na realidade, o século XIX assiste à convivência de quatro tendências políticas predominantes: os conservadores profundos, cuja dimensão varia em função da situação política,



provenientes da antiga nobreza e da Igreja conservadora, os liberais moderados, oriundos principalmente da aristocracia liberal e de uma classe média alta, os radicais, correspondendo a uma classe média baixa, à pequena nobreza e a muitos intelectuais, e ainda os socialistas, mais tardios, oriundos de classes assalariadas pobres e franjas intelectuais. À medida que avançamos no século XIX assiste-se a uma crescente identificação dos mais pobres com uma cada vez mais visível classe operária e ao afastamento entre moderados e radicais. Alguns confrontos políticos do século XIX em Portugal, e recorde-se a oposição entre cartistas e

setembristas na primeira metade do século, espelham esta realidade, quase sempre com repercussões, nem sempre positivas, no seio da Maçonaria. Algumas mudanças na escrita, ou mesmo no conteúdo, dos rituais, revelam também realidades políticas diversas, sendo as mais visíveis as decorrentes das revoluções europeias de 1848, que acentuam a adesão ao ascendente positivismo, ou a época vitoriana que sofisticam os rituais e as decorações dos Templos.

Por seu lado, a educação, complementada pela reflexão e pelo debate, passa a ser vista como uma forma de transmissão de valores

e comportamentos, úteis à vida do indivíduo em sociedade. Desta herança Iluminista chegamos ao ritual maçónico onde no 9º grau do Rito Escocês Antigo e Aceito se atribui aos Mestres Eleitos dos Nove a tarefa de investigar os meios mais adequados para proceder com acerto à eleição dos representantes encarregues de cumprir a vontade dos povos e à forma mais prudente de limitar as suas faculdades.⁴ Remonta, esta questão, à representatividade do poder, exercido diretamente ou por delegação, que tanta polémica levantou durante o século XVIII, nomeadamente durante a Revolução Francesa. Recorrendo ainda ao Ritual do 4º Grau deste rito, pode ler-se que o governo de uma instituição não deve estar vinculado a uma só pessoa, mesmo quando esta possua as melhores qualidades, afirmando-se ainda que as pessoas em que haja de se depositar o poder devem ser eleitas por todos os governados, atendendo unicamente à sua maior sabedoria e aptidões.⁵ Encontramos as origens desta referência ritual no século XVIII, quando os governantes deixam de ter direitos inalienáveis de governo, passando este a depender do consentimento dos governados. É a negação do poder absoluto dos príncipes, tal como encontraremos mais tarde a negação do poder dogmático dos pontífices e é, para os que acham que a Maçonaria intervém pouco na sociedade, uma inequívoca resposta, uma confirmação da mudança social sem recorrer a revoluções ou a expedientes óbvios.

Constituindo uma forma de interiorizar valores pelo recurso ao ritual, a Maçonaria é também mais do que um depósito de saberes que passa de mão em mão. Por isso é tão errado praticar o ritual como um momento teatral, como ler os textos acriticamente, lendo simplesmente. Por outro lado, sublinhando a complexidade deste assunto, os

⁴ *Ritual de Mestre Eleito dos Nove*, 9º grau do REAA, Lisboa, Supremo Conselho do 33º Grau do REAA para Portugal e sua Jurisdição, 1994, p. 3;

⁵ *Ritual de Mestre Secreto*, 4º grau do REAA, Lisboa, Supremo Conselho do 33º Grau do REAA para Portugal e sua Jurisdição, 2017, p. 27;

mitos e tradições, apesar de tudo, não podem ser vistos como espaços imutáveis. São antes momentos que em Liberdade nos proporcionam uma revisitação do Saber.

Através do ritual, através do uso da Razão e do livre pensamento há que garantir aos diferentes públicos o acesso ao debate democrático. Habermas afirma que os cidadãos se comportam como um público quando dialogam sem restrições, ou seja, quando em liberdade exprimem as suas ideias acerca do interesse geral.⁶ Esta é mais uma ponte entre o século XXI e o século XVIII, ao criar-se um ambiente propício ao debate, em liberdade e sem preconceitos de espécie alguma, como de resto lembram os rituais, vamos fazendo escalar a complexidade do pensamento. Mas pode-se ir mais longe nos dias que correm e lembrar Hannah Arendt que afirmava que para se preservar o espaço público este deveria ser alimentado pela prática da cidadania e pelo direito e exercício dos direitos, no que naturalmente se incluir o fazermos-nos ouvir e ouvir os outros.

Relacionando o progresso social com a evolução das estruturas de pensamento, desde o primeiro momento, a Maçonaria converteu-se numa escola de formação humana, útil à ascensão política, social e económica da burguesia comercial e cidadina. Mas se esta afirmação se adequa perfeitamente ao século XVIII onde os que possuíam estudos eram poucos, cerca de trezentos depois a Maçonaria e o trabalho ritual em Loja continua a ter um papel importante. É a disciplina da prática e do debate, é a elaboração de um raciocínio argumentativo ou não e é ainda o desejo de perfeição pelo recurso à sugestão metafórica de lendas, alegorias e símbolos, complementados pela capacidade de debate, de intervenção em assembleias e em atos cívicos ou simplesmente pela cultura adquirida. É verdade que tudo isso envolve um

pensamento complexo, esforçado, cheio de relações com outros factos e ideias, incompatível com a simplicidade da ligeireza com que nos confrontamos em alguns escritos nas redes sociais ou em populismos.

A ATITUDE PERANTE O RITUAL

Sendo a Maçonaria dotada de uma componente dual racional e espiritual, reflexo das ideias e do sentir, acabamos por dar corpo a um conjunto de sistemas filosóficos, sociológicos, estéticos e, porque não, políticos, que reconhece no mundo a existência de algo para além da matéria. Em regra geral, a espiritualidade é um sistema filosófico oposto ao materialismo, que admite o princípio da alma ou do espírito como base e ponto de partida das suas afirmações doutrinárias. Mas poderemos ser mais abrangentes e ver na componente espiritual um instrumento de auxílio na difícil tarefa de temperar o coração ou da nossa vontade de perfeição. Poderíamos até dizer que a Maçonaria comporta laivos de religiosidade sem ser uma religião. A espiritualidade não requer uma interpretação. Ela é do domínio do sentir e está na nossa relação com o Outro e, também por isso, é para ser vivenciada.

É o ritual que nos permite refletir sobre Nós e a nossa relação com o Outro, é o ritual que nos permite reconstruirmos em permanência o nosso Ser num outro tempo e num outro espaço com renovadas ferramentas e por fim, é ele que nos permite ter uma linguagem comum e comparativa entre todos os maçons. Sem ritual a Maçonaria não passa de uma vulgar associação, com princípios nobres é certo, mas com um cimento mais frágil a unir os seus membros. Béresniak segue igualmente esta linha de pensamento ao afirmar que o simbolismo permite que o maçom se conheça melhor, recorrendo a um trabalho

com base no imaginário, e consiga abordar de forma mais objetiva o Conhecimento. Simultaneamente entendeu-se desde sempre em maçonaria que o Conhecimento não se dá nem se recebe. Ele é fruto de um trabalho continuado baseado no estudo, na reflexão, na transmissão de saberes, mas muito especialmente, em simultâneo com uma crescente elaboração dos esquemas mentais de raciocínio, o que se revela importante já que a Maçonaria vê o mundo como suscetível de aperfeiçoamento.

Sendo certo que o ritual ajuda a desenvolver uma forma de identidade moral de cada maçom, no melhor objetivo último de gerar um conjunto de atitudes morais balizadas pelos valores da Maçonaria, tem implícita, sempre, a noção de aperfeiçoamento moral e a aceitação da possibilidade do erro, algo que se potenciou no ambiente científico das Luzes e que a Maçonaria incorporou, assim como daí decorrente, na tolerância perante o outro ou face à diferença e à discordância. Ou seja, abre a porta a um percurso de reflexão e de descoberta que pressupõe a hipótese intelectual de outros caminhos, diferentes daqueles por nós inicialmente considerados.

É ainda o ritual que permite ao maçom fazer o seu percurso iniciático durante os anos em que frequenta os trabalhos da sua Loja. É esse ritual que lhe permite a passagem a um estado superior de consciência durante as sessões, estabelecendo um corte com o mundo profano, ao mesmo tempo que Loja torna os procedimentos ordenados, disciplinados e compreensíveis por todos. É também o ritual que induz à partilha fraterna, que congrega as vontades e atenção do grupo, que harmoniza a resposta psicológica e comportamental do grupo, que ensina lições morais inerentes a cada grau e, por fim, que demarca a diferença entre o

⁶ HABERMAS, Jurgen, *O discurso filosófico da modernidade*, Alfragide, Ed. Texto Editora Lda, 2010, p. 115;

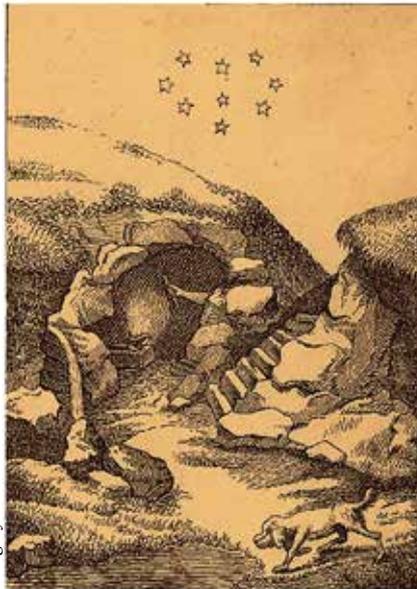
mundo profano e o espaço maçónico⁷. Como se diz nesta síntese “o poder do Ritual acontece então dentro de uma estrutura de ação ou ações que produzem a crença num conjunto de ideias e *modus vivendi* maçónico”, para mais adiante se acrescentar que “no Ritual maçónico, do momento de Abertura até ao Encerramento, instaura-se uma nova realidade, qualitativamente diferente do mundo profano assim como um tempo também diversos”⁸.

A prática ritual tem sempre subjacente a ideia de aperfeiçoamento, através da qual o maçom tem consciência da importância, para si e para a Humanidade, da construção do seu Templo espiritual depois da destruição dos templos materiais ou, por outras palavras, da ascensão ao Conhecimento pela via da Sabedoria, esta fruto do casamento entre Consciência e Ciência, Razão e Sentimento, Inteligência e Intuição, cujos antagonismos permitem solidificar o Templo interior e projetá-lo para o exterior. É, também por isso, um momento de reflexão de cada maçom sobre si próprio.

Neste processo de aprendizagem de cada maçom em se tornar um espírito verdadeiramente livre corresponde ao próprio caminho da razão e da Sabedoria em direção ao Conhecimento. A Sabedoria é uma tomada de consciência da liberdade e do Saber, que se adquire ao longo do percurso iniciático, ou de aprendizagem, permitindo ao maçom almejar a Liberdade de Pensamento ou, recorrendo a Hegel, com o Espírito a progredir pela consciência da Liberdade. Liberdade de pensamento não se restringe então a pensarmos ou dizermos o que quisermos, ainda que também o seja, mas antes deitar abaixo as ideias limitadas por

preconceitos, equacionando todas as hipóteses, libertos de quaisquer influências externas. Será então o Conhecimento utópico e sinónimo de uma Liberdade plena?

Na realidade, o Conhecimento sob o ponto de vista maçónico é por si só utópico porque é um fim último sujeito a um aperfeiçoamento tanto maior quanto maior for o tempo de



Fotografia D.R.

vivência maçónica e de reflexão. Daí que nunca seja impossível ser atingido apenas vendo um qualquer vídeo, obliterando a vivência, ou simplesmente lendo livros, para os quais poderemos não estar preparados para compreender. É por isso que a prática maçónica é gradativa, correspondendo a uma igual gradação intelectual e espiritual.

RITOS E RITUAIS

Quando somos iniciados somos confrontados com um ritual e integrados numa Loja que pratica um dado Rito. Se compreendermos a Maçonaria facilmente concluímos

que não há ritos melhores ou piores, há sim ritos diferentes, que por diferentes caminhos almejam que os Obreiros que os praticam atinjam o Conhecimento, um edifício filosófico.

Claude Guérillot⁹ afirma que o Rito Escocês Antigo e Aceito assenta num sistema de graus que comporta graus de trabalho e graus de comunicação, sendo errado pensar que uns são mais importantes que outros ou que os que são de comunicação serão resquícios de outros efetivamente praticados. Eles representam exigências iniciáticas e ritmos de aprendizagem diferentes, ao contrário de outros ritos, como o de Perfeição, onde se exige um trabalho efetivo em todos os graus. Representam graus onde pertence ao Obreiro a principal tarefa de descobrir ao seu ritmo os ensinamentos desses graus e, como diz Guérillot, convém nunca esquecer que o Rito Escocês Antigo e Aceito foi pensado e estruturado, sublinhe-se o pensado e estruturado, como um Rito que comporta mais graus conferidos por comunicação do que graus efetivamente praticados.¹⁰ Por isso também, o percurso maçónico é algo individual, que não pode ser estruturalmente rígido, medido ou dado pelo simples cumprimento de interstícios.

Ao mesmo tempo a Maçonaria é muito mais do que isso, indo buscar à filosofia socrática o “conhece-te a ti mesmo”, visitando o nosso interior e retificando ou corrigindo, descobrimos a Pedra Oculta que há em nós, por outras palavras descobrimos o Eu profundo que há em nós, afinal o acrónimo V.I.T.R.I.O.L. (*Visita Interiora Terrae Rectificando que Invenies Occultam Lapidem*) que descobrimos na Câmara de Reflexão mas que se mantém ao longo do nosso percurso iniciático,

⁷ As ideias contidas neste parágrafo são transcritas do texto *Poder (O) do Ritual* (síntese simbólica apresentada na V Convenção do Conselho Nacional da Federação Portuguesa do Direito Humano) publicadas na revista *Grémio Lusitano* nº 19, Lisboa, Ed. Grémio Lusitano, 2012, que refletem, de forma exemplar, a importância do ritual na prática maçónica.

⁸ *Idem, ibidem.*

⁹ Guérillot, Claude, *La Rose Maçonnique*, tomo 1, 2ª edição, Paris, Éditions Véga, 2010, p. 12.

¹⁰ Guérillot, Claude, *La Rose Maçonnique*, tomo 2, 2ª edição, Paris, Éditions Véga, 2011, p. 59.

sendo lembrado em diferentes momentos desse percurso.

Consequentemente representa uma particular responsabilidade por parte da Loja um desempenho ritual rigoroso e adequado. Os mitos e lendas da Antiguidade ou da Idade Média, e que os ritos e os rituais expressam, criaram uma construção simbólica e cerimonial que reflete a herança judaico-cristã na Maçonaria e faz apelo a uma prática intelectual que conduz a

um desenvolvimento do obreiro como pessoa e enquanto cidadão preocupado com o Outro.

Poderíamos dizer, e provavelmente isso estaria no espírito dos primeiros maçons, que a ideia da Maçonaria e dos seus rituais é criar um conjunto de homens inteligentes, virtuosos e solidários, que recorrendo a símbolos e lendas, desbastam a sua pedra bruta, transformando-se em bons cidadãos,

seres humanos de referência, que constituem exemplo para outros cidadãos, ajudando assim a construir uma sociedade melhor pela influência sobre um coletivo grupal e respeitando o meio em desenvolvimento, a Vida. Compreendemos assim as mudanças do pensamento humano entre o século XVIII e o século XXI. Compreendemos assim o muito que ainda há por fazer. Afinal a perfeição e o almejar do Conhecimento é utópico. ■

BIBLIOGRAFIA

ARNAUT, António, *Introdução à Maçonaria*, 7ª edição, Coimbra, Ed. Coimbra Editora, 2012;

BAYARD, Jean-Pierre, *Le Symbolisme Maçonnique Traditionnel – Hauts-Grades et Rites Anglo-Saxons*, tomo II, 3ª edição, Paris, Ed. Edimaf, 1993;

BAYARD, Jean-Pierre, *La Spiritualité de la Franc-maçonnerie – de l'Ordre Initiatique Traditionnel aux Obédiences*, St. Jean de Braye, Ed. Éditions Dangles, s. dt;

BÉRESNIAK, Daniel, *Le Cabinet de Réflexion – la démarche initiatique technique de l'éveil*, Paris, Ed. Detrad, 2011;

CORREIA, João Carlos, *A fragmentação do espaço público: novos desafios ético-políticos in www.bocc.ubi.pt*, Universidade da Beira Interior;

GÉRARD, Alain, *Tradition et Modernité in Joaben, Revue du Grand Chapitre Général du Grand Orient de France*, nº 2, dezembro de 2004, Paris, Ed. Grand Orient de France, 2004;

Guérillot, Claude, *La Rose Maçonnique*, tomos 1 e 2, 2ª edição, Paris, Éditions Véga, 2011;

HABERMAS, Jurgen, *O discurso filosófico da modernidade*, Alfragide, Ed. Texto Editora Lda, 2010;

HAZARD, Paul, *O pensamento europeu no século XVIII*, Lisboa, Editorial Presença, 1989;

LEBBE, François, *Le Message Maçonnique ao XVIII Siècle – contribution à l'histoire dès idées*, Paris, Ed. Dervy, 2006;

LOPES, António, *Da rosa, da fénix e do pelicano – compreender o ritual do 1º ao 18º grau do Rito Escocês Antigo e Aceito*, Lisboa, Ed. Campo da Comunicação, 2013;

Poder (O) do Ritual (síntese simbólica apresentada na V Convenção do Conselho Nacional da Federação Portuguesa do Direito Humano) publicadas na revista *Grémio Lusitano nº 19*, Lisboa, Ed. Grémio Lusitano, 2012;

Ritual de Mestre Secreto, 4º grau do REAA, Lisboa, Supremo Conselho do 33º Grau do REAA para Portugal e sua Jurisdição, 2017;

Ritual de Mestre Eleito dos Nove, 9º grau do REAA, Lisboa, Supremo Conselho do 33º Grau do REAA para Portugal e sua Jurisdição, 1994;

SUEIRO, Manuel Bernardo Barbosa, *A influência da Maçonaria em Portugal*, fac-simile, Lisboa, Perspectivas e Realidades, 1984;

VAJDA, Pierre, *Savoir et connaissance – approche herméneutique du Rite Écossais Ancien et Accepté*, Paris, Ed. Dervy, 2009;

MUSEU MAÇÔNICO PORTUGUÊS



Jarro em faiança branca inglesa de bordos recortados, com representações simbólicas em ambos os lados. Num dos lados apresenta uma referência à Grande Loja de Inglaterra, tendo ainda um delta radiante e alusões à justiça, à sabedoria e à lei, além do sol e da lua. No outro lado pode ver-se o Templo, o pavimento de mosaico, a escada, o sol e a lua, as colunas, o esquadro e o compasso, a cruz e a bíblia. Refira-se que a decoração não é estampada, mas antes pintada. A peça contém a referência à cidade de Dukinfield (Cheshire), no centro de Inglaterra. Cerca de 1820. Alt. 23 cm.

Fotografia Ponto de Vista



MUSEU MAÇÓNICO PORTUGUÊS



Prato de bordo recortado em porcelana chinesa Companhia das Índias. Decoração com esmaltes em tons de castanho, “grisaille”, dourado e da família rosa, tendo ao centro brasão de armas e símbolos maçónicos (jóia de venerável, 1º e 2º vigilante, livro e sol. Aba com um leão e borboletas. Diam. 22,5 cm. Finais do século XVIII.

Fotografia Ponto de Vista

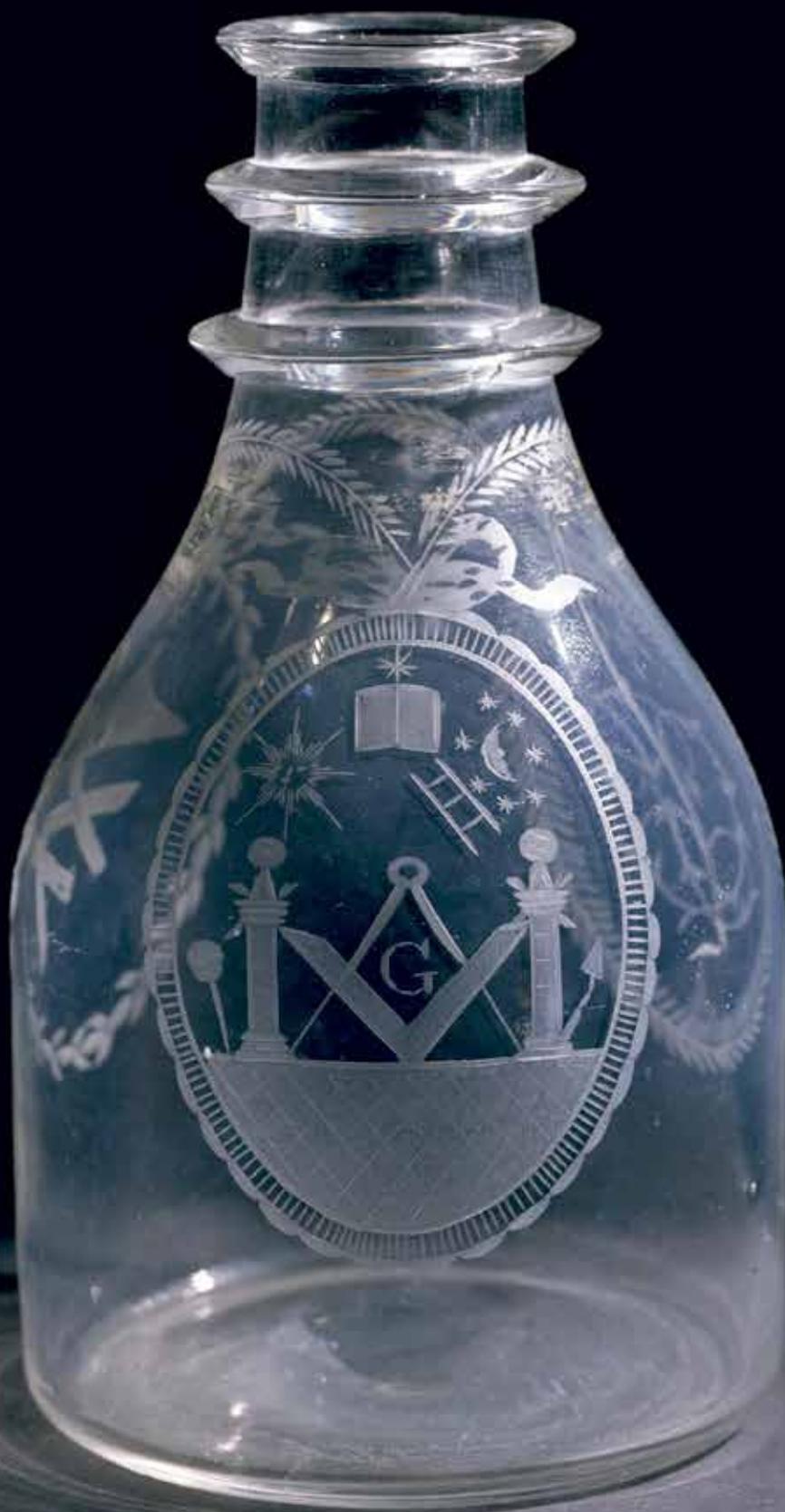


MUSEU MAÇÓNICO PORTUGUÊS



Garrafa em vidro lapidado e despolido na gravação com motivos maçónicos. Provavelmente de origem francesa. Meados do século XIX.

Fotografia Ponto de Vista



MUSEU MAÇÓNICO PORTUGUÊS



Copo em vidro lapidado e despolido na gravação com motivos maçónicos. Finais do Primeira metade do século XIX.

Fotografia Ponto de Vista



MUSEU MAÇÓNICO PORTUGUÊS



Copo em vidro lapidado azul e despolido na gravação com motivos maçónicos. Primeira metade do século XIX.

Fotografia Ponto de Vista



JOAQUIM GRAVE DOS SANTOS

Pode o método maçónico ajudar-nos a compreender melhor o mundo?

Desde o dia da nossa primeira entrada em Loja, somos confrontados com a ideia de que *“Aqui tudo é Símbolo”*, e convidados a mergulhar num gigantesco imaginário, que constitui o cerne da Tradição Maçónica.

No Templo, cuja decoração figura uma representação simbólica do Cosmos, estabelece-se um sistema de comunicação particular, que constitui a base da elaboração individual de outros imaginários, nos quais cada Maçon pode, na sua liberdade interior, construir-se a si próprio, no autoconhecimento do seu Eu profundo, e na compreensão da natureza fraternal da sua relação com o outro, seu semelhante.

É percorrendo as vias da prática do Ritual, da hermenêutica dos Símbolos, e da procura do sentido da ritualística das Cerimónias Maçónicas, nas suas dimensões verbal, visual, gestual, sonora, e espacial, que o Iniciado enfrenta as suas Trevas, em demanda de um estado ontológico mais elevado. Para que toda esta transmutação se processe, torna-se necessária a vivência repetida do Ritual, o qual não só se assume como transmissor dos Símbolos e dos Mitos, como assegura a espiritualização dos Trabalhos Maçónicos, materializando as roturas espaço-temporais

necessárias à criação do universo mítico, e do *“tempo fora do tempo”*, nos quais os mesmos decorrem.

O Ritual é, assim, o mediador para conferir à decoração do Templo, aos Símbolos, aos gestos, e aos valores evocados um surrealismo que, para lá da objetividade, e do explícito, os impregna de um carácter secreto, e íntimo. Isto faz com que as Lojas não tenham entidade física, e que os Trabalhos Maçónicos não se realizem em Templos permanentemente sacralizados, tal como nos edifícios destinados aos cultos religiosos. São, assim, os Maçons que criam, em cada Sessão, o seu mundo separado, no qual os Trabalhos se realizam numa forma ritualizada, que constitui um modelo particular de comunicação.

Até que ponto, este modo específico de trabalho pode favorecer uma mudança da perspetiva do Eu?

A Irmã Céline Bryon-Portet, investigadora no domínio das Ciências da Comunicação, realizou um interessante trabalho sobre o

método Maçónico, no qual concluiu que *“o Ritual Maçónico assenta na intuição que o Homem consiste numa vasta estrutura de relações externas e internas, cujo aperfeiçoamento depende de uma alquimia comunicacional a vários níveis. Propondo um modelo de interação global, fundado não apenas no “dizer”, mas também no “ver”, no “fazer”, e no “sentir”, utiliza o princípio de triangulação da utilização da palavra, da gestualidade assim como da gestão espaço-temporal, que visa produzir uma dialética visível-invisível, transcendência-imanência, teoria-prática. In fine, este deve engendrar uma triangulação do agente ele próprio (...) quer dizer uma transmutação do indivíduo pela reconciliação dos contrários que opera o modelo ternário, prelúdio à unificação final do Ser”*.

O método maçónico não tem, pois, por missão transmitir conceitos, mas destina-se acima de tudo a colocar os seus adeptos num estado de recetividade, de intuição, e de reflexão filosófica, permitindo-lhes a realização de um trabalho sobre si próprios, que os levará, progressivamente, a construir a sua Ética



Fotografia Ponto de Vista

peçoal, e a interiorizar Valores, que lhes possibilitarão regular tanto as suas ações, como a sua relação com os outros. Todavia, este auto-aperfeiçoamento, pela libertação dos preconceitos, e dos efeitos das distorções do Ego, bem como pela conversão do olhar, resultará insuficiente na demanda de uma relação mais humanizada com o Mundo, se não for complementado com uma perspectiva mais alargada, e plural desse mesmo Mundo. E, desta ascese maçónica, nada de profícuo resultará para a Humanidade, se a mesma não se vier a traduzir numa ação na Cidade, em prol de objetivos progressistas, e solidários.

Daí que se deva colocar esta questão essencial: em que medida podem os Mitos, Símbolos, e Alegorias Maçónicas, bem como a prática dos Rituais, influenciar a forma como vemos o Mundo ?

A cultura é um espaço simbólico de interação entre os indivíduos e os povos. Alguns filósofos relativamente recentes, tais como Gilbert Durand ou Mircea Eliade,

demonstraram que o imaginário e a racionalidade não são propriamente antagonistas, e que toda a razão se elabora a partir do terreno da imaginação criativa, que é uma dimensão constitutiva do humano. A abordagem simbólica introduz, assim, uma via de descoberta progressiva, ao mesmo tempo que um método de interiorização, resultando o aparecimento de uma nova cultura, da capacidade de um determinado grupo em produzir símbolos. Este conceito, sustentado por Lévi-Strauss e Castoriadis, é complementado por Habermas, quando diz: *“É precisamente a vantagem de uma ação simbólica que, agindo por ela mesmo, pode receber múltiplas interpretações e dizer a cada um, de acordo com o seu ponto de vista, uma coisa nova”*. Ora, a cultura é o que sustenta toda a socialização, e o que permite a vida em comum.

É precisamente a cultura maçónica quem confere à Maçonaria a sua identidade, sendo todavia esta permanentemente submetida a uma lógica e a uma dinâmica de alteração, resultante de uma reflexão

livre e coletiva. Esta incessante renovação, pela livre reinterpretação dos seus Mitos fundadores, nomeadamente do mito Hiramita, permite à Maçonaria manter-se intemporal.

:

- Em primeiro lugar, o da Construção do Templo, que é simultaneamente um espaço, e um conjunto de ideias. Um espaço onde os homens podem aceder ao Sagrado, o que lhe confere um caráter de analogia da Perfeição. A mesma associa-se a ideias tais como a da Ordem do Mundo, e a da ordem social, que os Maçons assumiram por missão aperfeiçoar, ou mesmo alterar. Trata-se também do Templo Interior, que é próprio a cada Maçon, chamado a *“vencer as suas paixões, submeter as suas vontades”*, entendendo-se por tal as suas pulsões menos racionais, e mais egoístas. Não menos importante, é o conceito da unidade na diversidade, também presente neste mito.

- De seguida, o da Lenda de Hiram, que dá uma imagem transcendental

do humano, destinada a suscitar a emancipação de cada um, numa via de completude de todas as suas potencialidades.

- Enfim, o das virtudes que a Maçonaria incita a praticar, na tradição cavaleiresca europeia, tais como o sacrifício por uma causa justa, o respeito da palavra dada, ou a coragem para enfrentar o legítimo combate, tudo isto assente num valor bem característico da tradição judaico-cristã, que é o Trabalho.

Poderemos, todavia, questionar se esta cultura tão “*sui generis*”, para além de ser um conservatório do imaginário de uma dada época, ainda tem algo para oferecer, enquanto ferramenta de compreensão do Mundo atual. Mesmo tendo em conta a intemporalidade dos Mitos Maçónicos, face à aceleração, e liquefação do presente, continuarão as Lojas a ter capacidade de continuarem a assumir-se enquanto laboratórios de ideias, com efeitos benéficos na organização das Sociedades do futuro ?

A Maçonaria, para além de ser uma demanda ética individual revestese, pelo Trabalho Maçónico, igualmente de uma dimensão coletiva, cujo sentido decorre da sua capacidade em conceber os princípios de uma sociedade mais justa, e mais esclarecida, na qual os Maçons, iluminados pela sua prática em Loja, possam ser construtores ativos. Daqui decorre que a Maçonaria não se destina a ser reativa à sociedade, como o são os partidos políticos, ou os sindicatos. Os seus Trabalhos inscrevem-se num tempo que ultrapassa o da atualidade, e o dos seus membros, inserindo-se numa Cadeia de União, que “*vem-nos do Passado e tende para o Futuro*”, pois é sempre no futuro que os Maçons projetam o desejado Progresso da Humanidade. O âmbito da reflexão maçónica é, pois, de natureza ontológica, no que concerne a esse mesmo Progresso, e de antecipação dos seus efeitos, por via de uma avaliação ética das premissas envolvidas, com vista a uma evolução social futura de sentido Humanista.



Fotografia D.R.

Pela sua vertente Construtora, os Maçons discutem, no Aqui e Agora, a sociedade do Futuro, não perdendo contudo de vista, pela sua natureza Cavaleiresca, o combate contra todas as formas de subjugação dogmática, e os seus inerentes retrocessos civilizacionais. Combate esse que cada um trava, na Cidade, por via do exercício de uma cidadania ativa e esclarecida.

Daí que todo o trabalho maçónico deva assentar numa leitura distanciada temporalmente dos textos dos rituais, que não impõem nada,

mas que fazem pensar aqueles que se disponham a tentar interpretá-los de uma forma menos literal. A hermenêutica do texto maçónico é, assim, uma via de reflexão sobre o mundo contemporâneo, e a natureza humana, permitindo ao Maçon encontrar um sentido filosófico, social, e ético para a sua demanda. É, pois, nesta procura, que se deve fundar o trabalho do Maçon do século XXI, numa lógica de Modernidade, que integra a admissão da possibilidade do erro, o adogmatismo, e a plena liberdade de consciência, como pressupostos absolutos de base.

Muitas das histórias que compõem os Mitos Maçónicos evocam aspetos suscetíveis de promover uma perspetiva social útil à Humanidade, apelando a conceitos tais como a valorização da vontade do povo, o desejo de imanência, ou a liberdade de escolha segundo uma ética racional, e solidária. Daí que a vivência dos psicodramas das sucessivas receções, nas quais os recipientários são chamados a reviver as peripécias de personagens lendárias, tais como Hiram, Joaben, ou Zorababel, permite despertar neles a sensibilidade para a utilização de novas ferramentas simbólicas, que lhes irão alargar as possibilidades de reflexão sobre o mundo atual. O Simbolismo, para o Maçon, não é mais do que um microscópio, que lhe permite observar a realidade segundo uma dada perspetiva, que poderá estar orientada de acordo com pontos de vista distintos, tais como o Dever, a Justiça, o Progresso Científico, a necessidade de Laicidade, ou a Liberdade, consoante o patamar do percurso iniciático em que o Irmão se encontre. Os sucessivos Graus permitem alterar os pontos de vista, com que se observa o mesmo facto social.

Todas estas investigações da realidade, focadas segundo diferentes perspetivas que se complementam, integram a procura da Verdade, inerente a todos os Ritos Maçónicos, e à natureza filosófica da Maçonaria. Em geral, a síntese destas reflexões orientadas faz-se nos Graus últimos dos Ritos, que configuram mensagens de fim de Rito coerentes com o percurso percorrido, e inerentes a cada sistema específico. Tal sucede porque os Ritos Maçónicos são coerentes em si próprios, mas não são exatamente coincidentes nos seus objetivos últimos.

Os percursos Maçónicos continuam, pois, a fazer sentido, nos tempos presentes, enquanto instrumentos de libertação de todas as formas de subjugação mental, oferecendo aos Maçons um vasto domínio de Pensamento e de Ação, em prol de um Mundo melhor.

A Simbólica pode, todavia, converter-se em “*Simbolatria*” para alguns, e tornar-se um deserto de sentido, se a abordagem dos mesmos carecer da reflexão necessária para se ir ao limite da liberdade, da liberdade de pensar, e de agir por si próprio. Daí que os Símbolos Maçónicos não possam nunca deixar de ser

entendidos enquanto ferramentas, e meios de aceder ao mundo e a si-próprio, e não como fins em si, ou até como objetos divinizados, pois não é neles que se encontra o essencial. Essência e forma não devem ser confundidas. E a essência estará sempre na busca de um novo homem, esclarecido, bem instruído, emancipado, dotado de um forte sentido crítico. Um homem que tenha o Humano como perspetiva, a razão como instrumento, e o facto social como objeto da sua reflexão.

Longe de todo o ritualismo sem sentido, e de toda a “*Simbolatria*”, o Maçon do século XXI posiciona-se livremente na Loja, enquanto atmosfera intelectual, e espaço de Liberdade, Igualdade, e Fraternidade, na qual coloca o Mundo e o Homem sob observação, para saber como estar na sociedade. Colocar o Mundo e o Homem numa perspetiva nova, reinventá-los, transmutá-los ao abrigo dos sectarismos e das suas falsas certezas, este é o verdadeiro desafio que se apresenta aos Maçons, e às Obediências Maçónicas, no paradigma atual, no qual a dúvida, e a humildade são mais do que nunca necessárias. ■

BIBLIOGRAFIA

- BRYON-PORTET, Céline, *Le principe de triangulation dans les rites maçonniques: un modele de communication originel et ses effets*, *Communication*, Vol 27/1, 2009;
- CASTIORIADIS, Cornelius, *A instituição imaginária da sociedade*, Paz e Terra, 2007;
- DURAND, Gilbert, *As estruturas antropológicas do imaginário*, Martins Fontes, São Paulo, 2012;
- ELIADE, Mircea, *Rites and Symbols of Initiation: The Mysteries of Birth and Rebirth*, New York, 1958;
- HABERMAS, Jürgen, *O discurso filosófico da Modernidade*, Martins Fontes, São Paulo, 2002;
- LÉVI-STRAUSS, Claude, *Antropologia Estrutural*, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1985;
- LÉVY, Jean-Bernard, *Mites et rites: à quoi ça sert*, Dervy éditions, Paris, 2013;
- NEHR, Jean-Charles e PORSET, Charles, *Symbolisme et Franc-Maçonnerie, À l'Orient*, Paris, 2008;
- VINCENT, Frédéric, *Les Symboles Maçonniques: à quoi ça sert*, Dervy Éditions, Paris, 2013.

MANUEL PINTO DOS SANTOS

Ritual Maçónico - um exercício de estilo

Em 21.01.2012 a Respeitável Loja Graal realizou uma conferência sobre “Ritual - Estrutura, Conteúdo e Simbolismo”, para a qual recebi um convite para participar. Aceitei, tendo escrito sobre “A Génese dos Rituais Maçónicos Especulativos e a Tradição”, matéria que ao ser relida, mantém a sua atualidade, motivo pelo qual me baseei parcialmente nesse artigo.

Na maior parte das vezes, quando um candidato à admissão na maçonaria é recebido não sabe a diferença entre rito e ritual. A maioria das lojas maçónicas não têm o salutar hábito de dar a conhecer ao candidato à iniciação as linhas mestras do que ele virá a encontrar. Falo, é claro, de noções básicas, da estrutura, dos direitos e deveres que devem ser assumidos conscientemente - e friso este nível de conhecimento - por quem pretende entrar numa obediência maçónica, sob pena de, na ignorância dos factos, quando o candidato entra, este vir a ficar defraudado pelo que encontra.

É sabido que esta ausência de elementos mínimos informativos se reflete mais tarde, numa das seguintes posturas:

- deceção, porque o que o neófito encontra não corresponde às suas expetativas; e se tivesse conhecimento prévio, provavelmente não se teria candidatado;

- desinteresse ou desmotivação, porque o que o tipo de conhecimento que ele vem a encontrar e - eventualmente - a adquirir, não é aquilo que ele pretendia;

Tal não aconteceria se aos candidatos fosse fornecido alguns apontamentos prévios sobre o que é a maçonaria, a obediência em que pretendem entrar, e as características da loja - nomeadamente o rito nela praticado - de modo a que o candidato não tome um passo na sua vida na completa ou parcial ignorância.

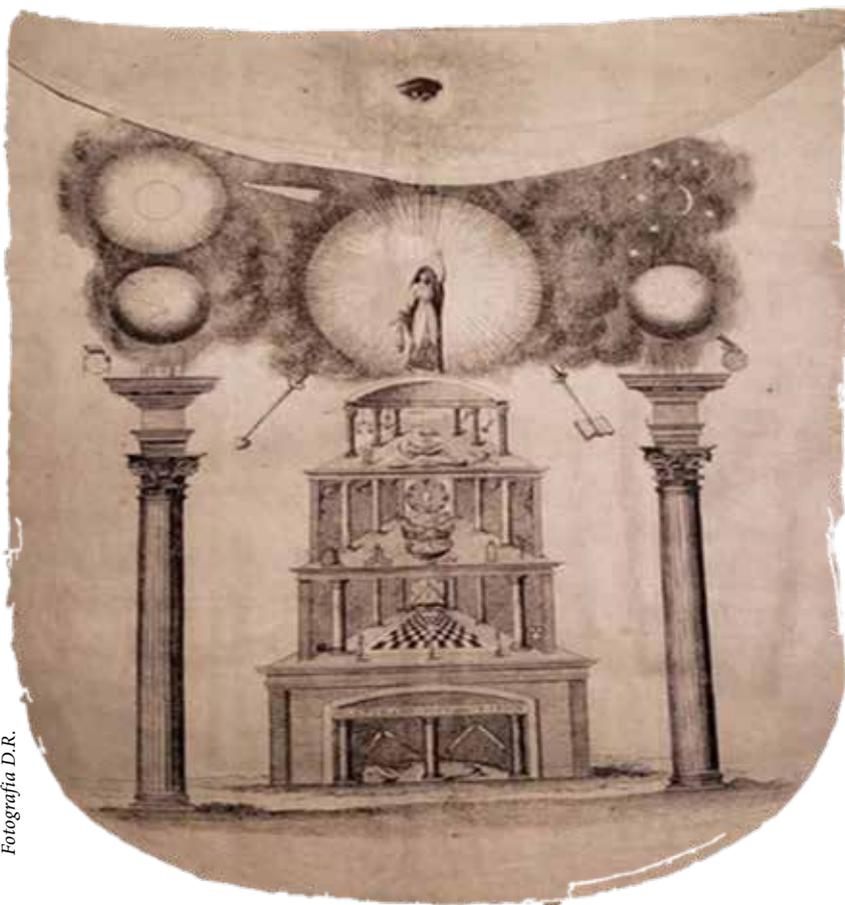
O opúsculo de António Arnaut - “Introdução à maçonaria” - poderá ajudar a suprir esta deficiência, mas relativamente a alguns aspectos, podendo, todavia, revelar-se insuficiente noutros, nomeadamente no campo dos ritos praticados e nos rituais seguidos.

Daqui ser aconselhável a qualquer obediência (se as Câmaras de rito assim o entenderam de forma centralizada, ou numa perspectiva

descentralizada, cada loja - porque uma loja é um universo específico) que tenha um pequeno manual que elucide os candidatos sobre aspetos que terão de vivenciar se forem admitidos na organização através da cerimónia da iniciação.

Cada rito corresponde a uma sequência de graus ascendentes num determinado sistema de conhecimento, graus esses que têm uma série de catecismos - se considerarmos que a maçonaria alberga em si uma certa religiosidade -, ou rituais, que contêm regras, normas, cerimónias, as quais devem ser seguidas pelos membros pertencentes a cada grau, quer em sessões de trabalhos ordinárias, quer nas ditas cerimónias de admissão (v.g. iniciação) em cada grau do rito praticado.

Mas o que é o ritual maçónico? Como é que deve ser encarado pelos maçons? Que importância formativa contém? Será necessária a sua prática? Deve ele basear-se na tradição e costumes ou deve sofrer as adaptações ao tempo em que é



praticado? Estas e outras perguntas são pertinentes, mas por regra só surgem posteriormente ao conhecimento do ritual em si, ou seja, por regra e oficialmente só é dado a conhecer os rituais praticados em cada rito ao maçom no dia em que ele é admitido no novo grau, o que significa a completa ignorância sobre o que lhe vai acontecer e no qual ele é ator participante.

Será isto pertinente nos tempos que correm? Se alguns ritos consideram que os rituais devem ser considerados na sua pureza inicial, “dogmas” intocáveis na sua letra e essência, outros há que os consideram simples instrumentos de trabalho maçónico, e conseqüentemente, devem acompanhar a evolução dos tempos.

Desde já há que dizer que os textos ritualísticos não são segredo para ninguém, e quer os textos históricos e até os que são atualmente praticados podem ser

encontrados na internet, como é o caso do site holandês *Rituelen Stichting Argus*, onde se encontram os rituais emulação, do rito francês, do rito de York, do rito Memphis-Misraim, do rito escocês antigo e aceito, e muitos outros relativos a sociedades esotéricas como a Sociedade Rosacruziana, Templários, etc., etc. Os mais antigos rituais maçónicos do século XVIII acham-se igualmente publicados em sites franceses e ingleses como os “Rituels” do século XVIII e XIX em *reunir.free.fr*.

Dir-se-ia que muito apregoado é o segredo maçónico, mas em matéria de rituais, ele não se verifica.

O ritual maçónico é essencialmente um conjunto de regras comportamentais que são adotadas e que se manifestam em palavras e gestos a que se atribui um certo simbolismo ou valor simbólico e que devem ser seguidas em determinados atos.

A vida está repleta de comportamentos sociais ritualizados dos quais a maioria das pessoas não tem a menor consciência; exemplificando, vemos num jantar o convidado ficar à direita do anfitrião, o modo como estão dispostos os talheres, como são utilizados durante a refeição, etc., etc.

A maçonaria defensora de uma determinada ordem não deixou de seguir este processo organizativo de uma certa ordem nas reuniões que os seus membros têm, estabelecendo normas comportamentais precisas e definidas.

O ritual não é algo que apareça já feito, resultando antes de um processo gradual de construção, experimentação prática e adoção de regras, o que foi feito ao longo dos séculos XVIII a XX. Há, portanto, uma escolha do melhor *modus operandi*, o que significa que o ritual é um conjunto das melhores práticas adotadas em determinado momento histórico, que podem ser sujeitas a alterações.

Deste modo, o ritual é um produto histórico, e como tal deve acompanhar os tempos em que é praticado. Diz-se muita vez que o ritual se deve basear na tradição e antigos costumes, e que deve recusar ou evitar eventuais atualizações de acordo com o tempo em que é praticado¹.

Do ritual maçónico de certos ritos, faz parte entre outras coisas, acender as luzes do templo; inicialmente os rituais falavam de arcos para iluminar a sala, depois a iluminação passou a velas, e hoje a maioria das lojas, por uma questão securitária, usa lâmpadas elétricas. Pelo percurso foi-se construindo, alterando e extinguindo o valor simbólico da vela como suporte da luz material e espiritual.

Nada é imutável e muito menos um ritual que tem a obrigação de estar a par do tempo histórico em que

¹ Vd. o artigo *Rever rituais*, de Fernando Marques da Cista em *à Ordem. Intervenções*, Lisboa: ed. Outra Perspetiva, Autor, Lisboa, 2019, 86-126.



se pratica e vive, a fim de manter a sua modernidade e principalmente, se projetar no futuro.

Perguntar-se-á como é que o maçom vive ou deve viver o ritual. A resposta é estritamente pessoal, ou seja, dada a natureza simbólica de muitos dos seus aspetos, cada ritual tem de ser sentido, entendido, compreendido e interpretado no plano individual.

Diz-se que em maçonaria tudo o que se faz tem uma explicação. A afirmação é real e tem razão de ser. Mas ninguém nasce ensinado e o aprendiz mergulha de chofre no ritual, sem perceber absolutamente nada. Tem ele de escavar (“Si foderis, invenies” (se procurares no fundo, encontrarás) para entender o que se passou na sua entrada. Ainda atarantado quando lhe dão “a Luz” ouve uma série de ensinanças que lhe parecem sem sentido. Porque o vendaram quando entrou? Que razão para ter a camisa aberta do lado do coração? E a calça subida até ao joelho? E a corda ao pescoço? e porque lhe tiraram todos os valores, dinheiro e metais? o venerável dá algumas respostas, mas que só permitem – quando permitem – um supérfluo entendimento;

e o porquê e a razão dos sinais, dos toques e das palavras que se dizem sagradas e de passe, que mais tarde toma conhecimento que são palavras hebraicas? e porque motivo se começa a andar com o pé esquerdo ou direito, consoante os ritos? e a prova da água? e do fogo? qual a razão das batidas com o malhete? e porquê? e porquê? incessantes perguntas invadem o cérebro que requerem respostas.

O responsável por elas é o segundo vigilante em loja, mas muitas das vezes nem os aprendizes perguntam - o que se mostra ridículo, quando nenhum maçom nasce ensinado e em maçonaria não há perguntas idiotas – nem o segundo vigilante toma a iniciativa de se reunir com os aprendizes, o que se revela deveras lamentável.

Entra-se então naquilo que não devia existir num ritual, ou seja, a sua prática por automatismo, sem perceber os seus fundamentos: a abertura e o encerramento dos trabalhos de uma sessão ordinária são feitos de forma inconsciente, mecânica, o que sempre me fez lembrar a missa em latim, em que os crentes respondiam uma lengalenga em latim sem saber o que se dizia.

Gestos e palavras repetem-se, sem conhecimento por grande parte dos presentes do seu significado, sem interiorização nenhuma da sua importância na criação do espaço que é a loja ou o templo, consoante os ritos, seja a ele atribuído o caráter de sagrado ou sacralizado, ou não.

E mesmo aqueles que acreditam trabalhar num espaço “sagrado”, muitas das vezes não se apercebem que o ritual de abertura dos trabalhos começa exatamente pela construção do espaço profano que é “sacralizado” por movimentos executados, atos realizados, palavras proferidas.

Muitas das vezes dei-me a pensar que o comportamento dos irmãos era mais de profanação do sagrado, do que propriamente uma exaltação deste. É claro que só nos ritos mais teístas é que tal se passa, mas essa visão filosófica requer previamente uma fé ou vivência religiosa adequada à sacralização do espaço.

De alguma forma é adequada aqui a afirmação de Roger Dachez que “la franc-maçonnerie est une religion de substitution”, um sistema onde pode ter lugar a hierofania do cosmos, inerente aos ritos maçónicos, enquanto sistemas de conhecimento.



Mas o ritual é algo que vai mais longe do que a mera construção de uma loja ou templo onde os maçons trabalham, é o instrumento que nos permite “elevar a patamares de percepção espiritualmente superiores”², o que significa o abandono de preconceitos quanto à forma de pensar tradicional, ou aquela que nos foi inculcada.

Se o maçom não tem consciência do que é o ritual, enquanto instrumento ou mecanismo da sua forma de se comportar em loja e do seu pensamento elaborado segundo as regras do esquadro, da régua e do compasso, então dificilmente ele poderá desempenhar um papel ativo e positivo em loja/templo, porquanto para ele, a loja não passará de um local de tertúlia de café.

A consciencialização de que o maçom na loja deve superar a sua própria dimensão profana, sendo uma pedra em transformação, remete-o muitas vezes para o silêncio, que funciona como mecanismo de aprofundamento, de reflexão sobre a sua própria forma de pensar e de se exprimir, pondo em causa certezas adquiridas, dando margem à expressão da dúvida, do oposto, da diferença, o que nunca seria permitido na sua vida “profana”. E quando intervem, o que diz é (ou deve ser) qualitativa e quantitativamente diverso do

que está habituado a defender por regra, pondo em causa as “certezas” que alimentou até então.

Perguntar-se-á se cada rito deve possuir um ritual para cada grau, ou se este pode ser adaptado a cada loja. A minha resposta e de quem defende uma maçonaria liberal: antes de 1717, quando quatro lojas se juntaram em Londres, formando uma Grande Loja, a Grand Lodge of London and Westminster, formando a primeira organização coletiva de lojas, enfim, uma obediência, havia nesse mesmo tempo e espaço londrino, outras lojas maçónicas operativas e especulativas de inglesas, de irlandeses e de escoceses que não se identificavam com essa Grand Lodge. Cada uma tinha as suas regras, embora coletivamente houvesse as mesmas raízes e fundamentos maçónicos, havendo respeito e reconhecimento entre elas.

O desejo que criação dos altos graus, quando só existia lojas simbólicas com dois ou três graus no século XVIII, correspondeu historicamente a um mecanismo reativo da nobreza aristocrática face à adesão às lojas de uma burguesia ciosa da sua filosofia das luzes e do princípio da igualdade. Criaram-se sistemas de rito hierarquizados dentro da defesa e de um discurso de igualdade, o que se transferiu para os rituais, estabelecendo-se

por exemplo, um Venerável onde antes existia um Mestre da Loja, escolhido todos os companheiros.

Ora um ritual não pode na minha opinião, ser encarado como instrumento de controle, domínio ou disciplina das lojas onde ele é praticado, e da liberdade dos maçons que o exercem, na medida em que cabe a cada loja - salvaguardado aquilo que é fundamental, as raízes tradicionais da maçonaria -, definir as suas regras de trabalho, construir a sua própria unidade estrutural que é aquela que é praticada através dos seus obreiros, porque só desta forma se pode obter uma mais valia dos trabalhos da loja, cada uma possuidora de idiossincrasias próprias que impedem a aplicação uniforme de um mesmo ritual, pelo menos no que toca à sua exegese ou eventual hermenêutica, consoante o rito praticado.

Como disse acima, cabe aos membros de cada loja decidirem dentro do rito que adotaram trabalhar, escolher qual o ritual que devem seguir, quais as regras que devem ser revistas, discutidas fundamentalmente dentro da essência maçónica, e adaptadas de modo a que se crie em loja o objetivo determinante do ritual para a boa execução dos trabalhos: a Harmonia.

No final trata-se de um exercício de estilo. ■

² Digo Cão, Estrutura do ritual maçónico, Lisboa, Grémio Livre Pensamento, 2003, s.p..

ROMAN (N.S.) / LOJA SALVADOR ALLENDE

A Geometria e o Templo A Mente e a Consciência

A ordem de um nome é também a ordem das coisas, porque elas são transcendentais no plano da consciência, mesmo que diminutas no lugar da mente. A coexistência do Maçon com a sua realidade profana, existe em simultaneidade com a vivência no Templo da Fraternidade, que é ao mesmo tempo o da sua Interioridade. Este é um percurso longo que o Maçon percorre, e que representa uma linha espaço temporal na história dos homens, e ela perde-se na noite dos tempos, desde as longas noites da última glaciação de Würm, à volta dos fogos do grande inverno, quando as primeiras histórias e as primeiras iniciações, começaram a ganhar uma geometria.

A construção levantou-se com as primeiras pedras, feitas pináculos e menhires, imitando o ciclo do sol e da lua ao longo do ano, mimetizados pelo ritmo da vida, do nascimento e da morte, imprimindo na mente dos primeiros homens que pensaram uma ordem possível, uma eternidade desdobrada pela complexidade da sua mente.

O sonho, o espaço, as estrelas, os ciclos, em fim, a intuição e a descoberta da Razão, são o corolário da preceção última e primeira de uma Consciência abrangente, tão complexa como a rede neurónica do cérebro. Esta complexidade neuronal, semelhante em desenho ao micélio dos cogumelos, e em geometria irregular aos filamentos

intergalácticos, o homem viu nos sonhos. E viu que era possível à sua semelhança, entender e desenhar o que via acordado e a dormir.

Foi, a partir desta constatação, de uma interrogação genuinamente simples, solitária e confrontada com a sobrevivência, que o homem saiu da sua Caverna, e deixou de ver as sombras do mundo. Ver-se a si mesmo, descobrir que pensa e que desenha, que levanta templos aos deuses sonhados, próximos e longínquos, foi o ponto de partida para uma geometrização da vida social, mas simultaneamente onírica, iniciática e espiritual.

O Segredo nunca foi mais do que o silêncio dos sonhos profundos, onde essa geometria sagrada, dada

à partida como guia e mapa dos labirintos desenhados nos primeiros templos, passou a ser repetida por todas as gerações; melhorada, redesenhada até à exaustão, ampliada numa rede intuitiva, mais tarde redescoberta na sucessão dos números primos e nas sequências algorítmicas. Em fim, no dia chegado, a humanidade, principalmente os primeiros construtores, levantaram as majestosas pirâmides, e depois deles, outros reinventaram com planos de filigrana de pedra em toda a bacia do Mediterrâneo.

O famoso Segredo contagiava como uma virose a cultura Europeia, e num fenómeno epigenético, cruzado com a cultura céltica, lançou a primeira pedra de um Templo à Virtude. Um Templo que nunca foi acabado, sempre interrompido



pelo mundo profano das guerras, das pestes e das pandemias virais e ideológicas. Apesar de tudo, o Segredo de uma Geometria Perfeita (a do Pensamento e a da Construção da Ética e da Sociedade), mantiveram-se através de bolsas de sobrevivência, aqui e ali. Em redutos de Sabedoria Tradicional, em Alexandria, em Bizâncio, no Lácio, em Marselha, em Paris, na Irlanda, na Escócia... em qualquer lugar onde resistiram homens livres e de bons costumes.

O Mistério, ou o Segredo sobre uma Geometria Perfeita, do pensar ao construir, entre o sonho e a realidade, foi primeiramente escrito no livro da memória dos homens, num tempo em que a escrita ainda não existia. Esta memória prodigiosa dos homens bons, só foi possível graças à criação de Irmandades de Mestres de Artes. Pois de Artes se trataram, da Arquitectura à Matemática, da Medicina à Botânica, da Astronomia à Arte de Navegar em mar aberto.

Só uma corrente fraterna e inquebrável permitiu que todo este conhecimento chegasse até nós, e que evoluísse ao ponto de explorarmos o espaço externo do Cosmos, e o infinitamente pequeno da Nano escala das nossas células. A todos os Mestres que nos antecederam devemos o Método de um pensar, não arcaico, não ultrapassado, mas transcendente, para além da linha espaço-temporal da nossa efêmera existência. Só assim se pode explicar que o mesmo método, puramente geométrico e redesenhado vezes sem conta nos rituais dos templos, tenha tão grande influência na mente dos Irmãos em Loja, quando o praticam com sinceridade, com coração e com Razão.

Este Método é vazio de palavras, mas tem um guião, é desenhado à Esquadria e ao Prumo, mas tem uma Ética, tem Silêncio e introspecção, mas permite o esclarecimento entre irmãos. Imita o paradoxo do mundo, pretende seguir uma possível construção do Universo, e a toda essa força criadora que ordenou o visível e o invisível, têm-na como o Grande Arquitecto do Universo.

Tal como o antigo construtor de pirâmides e de templos, o Maçom

constrói o seu Ser a partir de uma mente esculpida em filigrana e perfeita. Não para se vangloriar ao mundo e aos outros, Mas para se melhor que si mesmo no serviço aos outros. Este é, em fim o Segredo da Grande Geometria, e ao mesmo tempo a mais difícil de realizar. O peso dos graves, que é a personalidade, teima em destruir a construção do nosso Templo, porque a vaidade e a inveja minam a Grande Obra da Vida, a construção de uma Sociedade Perfeita feita de Homens e de Mulheres justos.

A Geometria do Templo é assim, a própria Geometria de um pensar perfeito e equilibrado, sem mácula. A repetição do Ritual e do Rito, permitem o treinamento de uma mente sã. O seu objectivo, revelar ao Iniciado a sua verdadeira essência, se para isso for honesto na prática e entender os símbolos que os Mestres deixaram desenhados ao longo dos séculos. A Geometria do pensamento maçónico, é a geometria da Construção do Templo invisível à Virtude, uma fisicalidade necessária à reeducação de uma mente profana.

Naturalmente que a Filosofia é próxima a este Método, pela sua própria natureza, como os pré-socráticos expuseram à vez e tematicamente, e como receberam dos egípcios e dos filósofos judaicos, dos babilónios e dos indianos, as ciências e as concepções filosóficas mais pessoais.

A Maçonaria é, justamente, herdeira desta tremenda tradição, desta Cadeia de União que une não só todos os Irmãos Maçons mas todos os outros de outras Ordens que continuam irmanados connosco.

Dos primeiros construtores de Templos, os Operativos guardaram a Geometria visível das catedrais, igrejas e outros templos. Na Arte da Pedra usaram o saber para explicar a Criação e a Natureza, acima e abaixo da linha do horizonte, assim como o céu infinito. Cada Obra foi uma expressão do pensamento equilibrado, filosófico, ordenado, que imprime ainda hoje no espírito de quem medita, um profundo estado modificado de consciência, e isso é exactamente o efeito que os nossos antigos Mestres

buscaram, abstrair da mente a essência que nela se pode manifestar quando não tem oposição, algo que está além da rede neurológica, que é transcendente, que é Razão pura, que é Consciência.

A cultura do Mediterrâneo Oriental, foi sem dúvida importantíssima, para a elevação da Maçonaria tal como a conhecemos hoje. Os métodos da verdadeira construção e da especulação filosófica nunca se separaram, tal como a ostra da sua concha. O que é a Ostra?

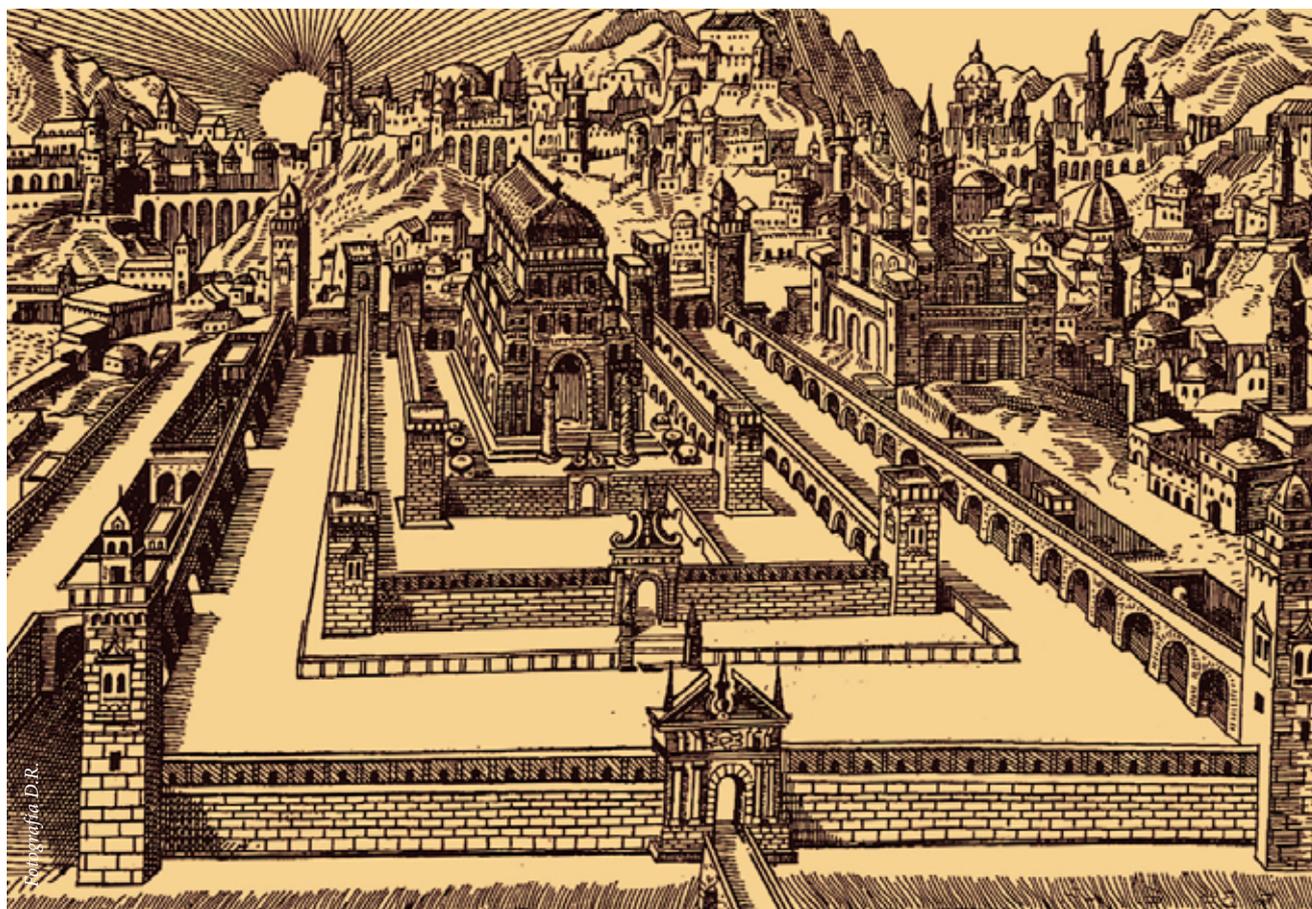
Apenas a opção de seguir uma operacionalidade física como a do Pedreiro, do Carpinteiro, do Padeiro, ou do Alquimista, e a do Filósofo especulativo, Maçom de Loja Regular (ou Irregular). As tendências multiplicaram-se como fractais dendríticas na linha do tempo, eis a evolução do pensamento em Loja, resultado da descoberta que emerge em cada Homem de Bons Costumes, quando a mente se abre à Razão, à Consciência.

Os ciclos da Vida e da Natureza, que antes de nós os antigos Mestres descobriram, e que encontraram geometricamente plasmados na mente comum, foram tal como conhecemos, desenhados em arquitectura no complexo ritual em Loja. Um sortilégio do qual o Iniciado só se libertará depois de chegar ao fim do labirinto, o 33º Grau do compasso da existência maçónica.

Entre muitos construtores míticos, o nome de Pitágoras é sem dúvida o mais importante, na definição da Geometria Sagrada como da Matemática. E ele, Mestre por excelência do Segredo, ainda hoje é exemplo entre Maçons, Rosacruses, Martinistas, etc.

DA GEOMETRIA DO MEDITERRÂNEO AO TEMPLO NA EUROPA

As tradições do Mediterrâneo Oriental, das escolas gregas e latinas (gnósticas, pitagóricas e cristãs) encontram-se no fundo do pensamento espiritual e filosófico da identidade europeia. Este é o facto que reconhecemos consensualmente, mas não sabemos exactamente como se desenvolveram as agremiações, já que elas por natureza,



sempre mantiveram uma discrição própria ao labor iniciático.

Porém, a literatura greco-latina, como a medieval e a renascentista, descrevem exaustivamente todo o universo iniciático, com ou sem alusões pagãs, mas igualmente num ambiente judaico-cristão, demonstrando assim uma continuidade de tradição e de ritos.

Dante Alighieri — a apresenta todo um simbolismo alquímico, pitagórico e gnóstico que se praticava na altura — como Petrarca, e até nas comunidades espiritualistas do Languedoc, é notória a proximidade com as tradições neopitagóricas e neoplatónicas. Tradições, que apesar das perseguições religiosas, contribuíram para a formação espiritual e filosófica do Renascimento e para a criação da Academia Platónica de Marcilio Ficino (1433-1499). Giordano Bruno e Tomás de Campanella foram igualmente influenciados pelos preceitos de Pitágoras e vários monges igualmente se deixaram contagiar

pela gimnosofia pitagórica. É aliás pela via do hermetismo, da alquimia e da filosofia neoplatónica, que vamos encontrar muitos eclesiásticos em Lojas e Fraternidades a partir dos séculos XVI-XVII.

Anterior a este período conhecemos apenas intelectuais que individualmente emergiram e publicaram estudos e tratados, supostamente baseados nas traduções latinas e em textos árabes, sem suspeita de terem pertencido a alguma Irmandade, embora isso seja pouco credível nalguns casos. Roger Bacon, Basil Valentin, Ramon Llull, George Ripley, John Hollandus, Geber e Paracelsus encontram-se entre os maiores intelectuais que igualmente foram influenciados por Pitágoras, não só através dos conhecimentos da matemática como da filosofia.

Entre a fundação da primeira escola em Crotona por Pitágoras e o surgimento da Maçonaria no século XVIII, vão aproximadamente 1221 anos, contados desde

a morte do Mestre grego em 496 a.C., até ao surgimento tradicionalmente reconhecido do Rito Escocês Antigo e Aceito em 1733.

Mas entre o advento da Fraternidade Rosa-Cruz e da Maçonaria, um outro acontecimento transformou o horizonte europeu. E esse foi a Reforma Protestante (1517), que iria ter repercussões em todos os níveis da sociedade civil e religiosa, e cujo impacto ainda se faz sentir nos nossos dias.

É de facto a partir deste evento que começam a surgir as primeiras edições de textos clássicos ligados às tradições neopitagóricas e neoplatónicas. Em 1583 é publicado pela primeira vez o texto grego dos, com comentários de Hiérocles, numa tentativa de demonstrar a concordância doutrinal entre Platão e Aristóteles, refutando os sistemas dos epicuristas e dos estoicos. Este e outros textos atribuídos à Escola de Pitágoras já tinham aparecido efemeramente em duas edições anteriores, mas em latim, a de 1471 (em Pádua) e a de 1475 (em Roma).

O Pitagorismo aparece assim de forma pública, embora reservada apenas aos eruditos que “sabiam ler”, entendidos como religiosos, académicos, alguns nobres e burgueses, assim como cristãos-novos. Os preceitos de Pitágoras foram assumidos por várias irmandades num espectro alargado da sociedade europeia, incluindo alguns grupos distintos de ordens e de congregações religiosas, como de academias de artes e ofícios.

Aproximadamente um século depois da Reforma, e após um outro acontecimento com impacto ao nível das cortes e das academias de artes, surgem novas traduções dos Versos de Pitágoras e respectivas notas clássicas.

Esse outro acontecimento é a publicação da (1614) e da (1615) em Kassel, pela Fraternidade Rosa-Cruz. Dois panfletos que dão início a uma transformação sem precedentes. Em 1611 já circulavam versões manuscritas dos dois documentos, o que indica um trabalho preparatório e uma rede de contactos que se espalhava por toda a Europa e que mostra uma longa tradição iniciática.

Em consequência da sua imensa influência, a Fraternidade Rosa-Cruz, assim como a Maçonaria, ostentam ainda hoje marcas simbólicas e visíveis do pitagorismo e ambas têm orgulho em nomear o Mestre grego nas suas Lojas. É natural, portanto, que a partir do século XVII, depois da publicação da e da , Pitágoras e o pitagorismo tenham ressurgido numa metamorfose humanista, e que alguns conselheiros de Estado, educadores e religiosos tenham dedicado aos seus protectores (reis e nobres) reedições traduzidas do grego e do latim, para as línguas vernáculas, dos , da e do .

Porém, o movimento da Reforma (1517), se por um lado fez reverdecer as fraternidades cristãs e gnósticas da Europa, por outro e com a Contra-Reforma, principalmente a partir do Concílio de Trento (no ano de 1545 e depois em

1563), provocou uma reacção entre os tradicionalistas pitagóricos, levando a uma separação sensível na interpretação dos textos fundadores da Fraternidade Pitagórica na Europa e no seu relacionamento com a cultura mediterrânica.

A primeira e grande cisão que deve ter-se operado no seio desta irmandade, envolveu precisamente aqueles que se mantiveram fiéis ao Catolicismo Apostólico Romano e os que se agruparam em torno do Movimento Protestante. Devem ter passado a existir, portanto, duas irmandades gémeas pitagóricas: uma de fundo Apostólico Romano e outra Protestante, ambas com um certo perfil gnóstico cristão.

E isso é o que justamente podemos observar nas traduções e anotações feitas entre finais do século XVII e meados do XVIII, nos textos pitagóricos, ou tradicionalmente atribuídos a Pitágoras. Na edição portuguesa de 1795 percebe-se a preocupação que Luís António de Azevedo tem ao referir a sua filiação apostólica e fiel ao Concílio de Trento, muito embora a filosofia que expõe, as explicações que dá e as anotações que faz, não iliba o Opúsculo de pertencer à melhor tradução gnóstica do Mediterrâneo oriental. É que Azevedo, embora se defenda, com todo o fundamento cristão, em São Jerónimo e São Paulo, prefere citar entre outros autores (gregos e latinos) o Padre António Vieira.

A tradução original de que se valeu para fazer a sua, tirou-a certamente e na maioria de André Dacier (1651-1722), um emérito membro da Academia de Letras de Paris e seu secretário perpétuo, mas protestante assumido e conhecido nos meios académicos e sociais da França. OS cotejos de Azevedo em todo o opúsculo são maioritariamente retirados deste comentador francês.

A tradução portuguesa realizada por Azevedo e publicada em 1795, encontra-se dentro da tradição iniciática e revela uma filiação europeia. Noutros países e à mesma altura

em que Azevedo dava à estampa os famosos , também se fez publicar Pitágora com a mesma forma editorial e com os mesmos objetivos: educar e cativar os reis e os nobres e talvez iniciá-los nalguma Loja. De facto, a edição de Dacier (com as notas de Hiérocles) serviram de exemplo a vários editores.

Seriam estas publicações uma resposta ao apelo lançado pelos Rosa-Cruzes na e na , um século antes, e uma resposta ao movimento da Contra-Reforma, que no caso português atingiu a sua maior expressão com a “Viradeira”?

Nestas edições descobre-se constantemente a afirmação do horizonte moral e ético, como especulativo, alusivos ao julgamento e ao discernimento: “vivendo no nível e pelo esquadro”.

A narrativa da Fraternidade Pitagórica estende-se por toda a história da Europa e do Mediterrâneo, o que implica reconhecer que houve Lojas pitagóricas na orla do mar interior, incluindo Marrocos, onde se existiu igualmente em Fez uma Irmandade Pitagórica com texto traduzido para o Árabe.

Este facto é de extraordinária importância para a história da Maçonaria e da Rosa-Cruz em geral, mas igualmente para a história da implantação da Maçonaria em Portugal.

Embora não se saiba ainda como as irmandades ibéricas e particularmente portuguesas sobreviveram e se mantiveram antes do advento da Maçonaria, podemos fazer uma ideia de como os elos e as fraternidades entre elas e outras irmandades na Europa possam ter-se mantido.

É ainda um mistério a forma como a Maçonaria foi implantada “sem acolhimento” em Portugal, se pensarmos que as ordens militares e de cavalaria, mesmo estando já em decadência e muitas sendo apenas honoríficas, mantinham ritos oriundos da Ordem de Cristo,



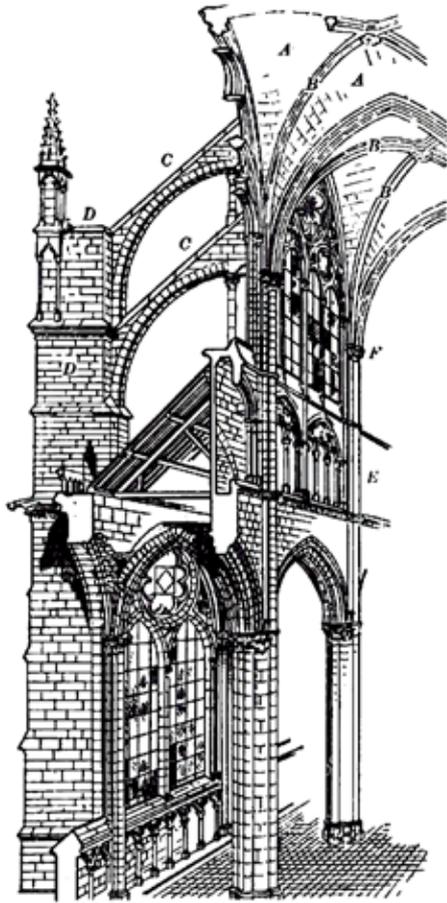
O RITO PITAGÓRICO NA MAÇONARIA

Foi em Crotona, cidade helénica da Itália meridional, que Pitágoras fundou a sua escola iniciática conhecida posteriormente pelo nome de “Fraternidade Pitagórica”. Ali reuniu-se um grupo de discípulos, a quem iniciou nos conhecimentos de matemática, música e astronomia, consideradas como base de todas as artes e ciências.

Para entrar na Fraternidade, o candidato era submetido a rudes provas, tanto físicas como de ordem psicológica. Se essas provas eram ultrapassadas, então o neófito era aceite como “acusmático”, o que significa que deveria fazer o voto de silêncio durante os cinco primeiros anos. Os ensinamentos nunca eram escritos, mas transmitidos de boca a ouvido àqueles que estavam prontos a assimilá-los.

Pitágoras, na sua linguagem numérica, que vamos encontrar igualmente entre os hindus, persas e mais tarde entre os árabes, designava Deus pelo número 1 e a Matéria pelo 2; exprimia o Universo pelo número 12, resultante da multiplicação de 3 por 4; quer dizer, Pitágoras concebia o Universo composto por três mundos particulares que, encaixando-se uns nos outros através dos quatro princípios ou elementos da natureza, desenvolviam-se em 12 esferas concêntricas. Ao Ser Inefável que inundava estas esferas sem ser captado por nenhuma delas, o Filósofo de Samos chamava-lhe Deus (Theos). Pitágoras conheceu e aprendeu no Egipto (e talvez na Pérsia) a aplicação do número 12 ao Universo, tal como assumiam os Caldeus que a faziam derivar da divisão do céu astrológico no mesmo número de casas zodiacais.

Pitágoras aprendera no Egipto que os astros são corpos vivos que se movimentam no espaço. Obedecendo a uma lei de harmonia universal, à qual estão inexoravelmente sujeitos no tempo, como todas as coisas manifestadas. Nas



Fotografia D.R.

antiga Ordem do Templo, e que algumas podem ter oferecido resistência à sua entrada em Portugal.

Não se explica facilmente como em 1727 a primeira e única Loja maçónica, de mercadores ingleses fosse interdita pela Inquisição, a não ser por motivos religiosos e políticos (anglicanismo e protestantismo). Em 1733 fundava-se em Lisboa a primeira Loja genuinamente portuguesa, “Casa Real dos Pedreiros-Livres da Lusitânia”, na qual Carlos Mardel era Obreiro, para logo em 1738 abater colunas por imposição da bula condenatória de Clemente XII.

Qualquer outra Fraternidade que mantivesse neste período uma Loja activa em Portugal, certamente teria de mover-se com a precaução necessária para não ter que adormecer.

Em 1743 a Loja Coustos era denunciada à Inquisição, levando à prisão e à tortura os seus Irmãos.

Só mais tarde, entre 1760-1770, é que a Maçonaria adquiriria mais liberdade e força em Portugal, derivada da acção esclarecida do marquês de Pombal. Porém, com a sua morte e a partir de 13 de Março de 1777, a “Viradeira” dava origem a novas e ferozes perseguições que se prolongariam até 1797, após a chegada a Lisboa do corpo expedicionário inglês.

É no contexto da “Viradeira” e da expulsão de vários alunos e professores da universidade de Coimbra, acusados de heresia e de serem “enciclopedistas”, que vemos surgir em 1795 a edição de Azevedo, dedicada a D: João VI.

Esta publicação representa um esforço por parte de algumas Irmandades europeias, para “esclarecer” a realeza portuguesa, e assim tentar travar a perseguição, ou pelo menos aliviar e retardar o seu andamento.



suas formas esféricas, o Mestre de Samos via a figura geométrica mais perfeita. Considerava o Homem um Universo à escala reduzida, e o Universo uma grande Homem. Ele chamou-lhes respectivamente Microcosmo e Macrocosmo. Assim, o Homem como uma célula contida no Todo, seria um reflexo de ternário universal constituído de Corpo, Alma e Espírito.

Foi esta geometria clássica da Antiga Grécia, passada à península itálica, e supostamente derivada do conhecimento egípcio e oriental persa e hindu, que influenciou profundamente as Irmandades do Renascimento, que e mais tarde deram origem ao Rito Pitagórico europeu. Este Rito surgiria na Alemanha em 1616 com a finalidade de propagar os ensinamentos de Pitágoras, possuindo três graus: Ouvinte, Iniciado na Ciência e Mestre Pitagórico.

Desde sempre que a Maçonaria considera o simbolismo geométrico com a maior importância, sendo o teorema de Pitágoras amplamente representado na arte Maçónica. Foi sugerido por vários Obreiros e investigadores, que sobreviveu

através dos tempos certa forma de iniciação Pitagórica, primeiro no Império Bizantino e depois (Istambul, Marraquexe e Fez), à medida que os turcos otomanos avançaram, em Itália, donde a elite intelectual grega encontrou refúgio.

O Tito Filosófico Italiano, do qual Reghini foi um dos seus fundadores, realizou um intento para promover a unificação dos Grupos Maçónicos dispersos, através do retorno às raízes espirituais da Arte (o nome trás à memória o Rito Filosófico Escocês, considerado como tendo ligações com os Pitagóricos Britânicos). O Rito Italiano teria sete graus e foi descrito como uma mistura de elementos Pitagóricos e Gnósticos. Em 1911, Arturo Righini (1878-1946) e Armentano reescreveram os estatutos do Rito., determinando que deveria pôr-se no templo uma cópia dos Versos de Ouro de Pitágoras, junto com os demais objectos usados na trabalho de loja.

Esta experiência foi interrompida pela Primeira Guerra Mundial, que desfez os contactos fraternais internacionais, quando Reghini se alistou no exército. O Rito Filosófico teve o seu fim

em 1919, quando se fundiu com a Grande Loja do Rito Escocês. Daí em diante Reghini passaria a ser mais cauteloso com qualquer “reforma universal” da Arte.

Através de todas as suas actividades Reghini foi um pitagórico. E o que significava isso em termos operativos? Ele dicou-se à recolta diária dos seus actos — uma prática que remontava a Pitágoras — assim como ao “extae filosófico”, que é na realidade um tipo de meditação. O Irmão tem que sentar-se comodamente num lugar tranquilo, esvaziando a mente de todos os pensamentos e emoções; deverá estar em obscuridade ou ter apenas uma luz por detrás dele.

O Rito Escocês Antigo e Aceito conserva ainda hoje traços do antigo pitagorismo, quer na geometria do Rito, quer no próprio Ritual. Mas é no pensamento e na forma de o ordenar, como na síntese da tradição judaico-cristã que ele demonstra essa geometria transcendente da Razão, suportada pelos três pilares da Sabedoria, da Força e da Beleza, de grau em grau, do 1º ao 33º ■

BIBLIOGRAFIA

(1834). . Seignot-Plancher. Rio de Janeiro.

(1875). . Lisboa.

Abbagnano, Nicola (1976). , vol I. Editorial presença. Lisboa

Azevedo, Luiz Antonio (1795). . Regia Officina Typographica. Lisboa.

Etchegoin, Marie-France; Leneoir, Frédéric (2009). . Robert Laffont. Paris.

Garcia, Emygdio (2005). . Barbosa & Xavier. Braga.

Grainha, Manuel Borges (2011). . Nova Veja. Lisboa.

Lopes, António (2013). . Campo da Comunicação, Lisboa.

Marques, A.H. de Oliveira (1990). , Editorial Presença, Mafra.

Naudon, Paul (1977). . Publicações Europa-América. Póvoa do Varzim.

Reghini, Arturo (1935). . Basilisco. Genoa.

_____ (1978). . Edizioni di Studi Iniziaticce. Napoli.

_____ (1986). . Società Editrice Mantinea. Messina.

Smit, Frans (2001). . Fundación Rosacruz. Zaragoza.



DDM

A importância do Ritual para o conhecimento do Maçon no século XXI

“(...) os rituais exigem que se tenha fé neles antes que se possa começar a compreendê-los”. (Fernando Pessoa)

A presente reflexão pretende responder a quatro questões (em bom rigor são apenas duas, posto que a terceira versa sobre a mesma temática da segunda e a quarta apenas é colocada de forma implícita), pois que um tão grande título não se basta com menos do que isso.

Primeira questão: o que leva alguém a querer ser maçom?

Antes de ser iniciado, quando ainda se encontra na Câmara das Reflexões, o candidato a maçom é desafiado a refletir sobre a frase latina *Visita Interiora Terrae, Rectificando, Invenies Occultum Lapidem*. É, pois, logo, *ab initio*, convidado a refletir sobre si mesmo, sobre o seu interior, até que encontre o seu “eu” oculto, que haverá de melhorar por via do conhecimento.

Mais tarde, se digno for para tal, já iniciado, haverá de ouvir, durante a abertura dos trabalhos, uma das perguntas que o Venerável Mestre faz ao primeiro Vigilante: “o que vimos procurar em Loja?” E ouvirá a resposta que este tem para dar: a Luz.

A Luz, na maçonaria, mais não é do que o estado de esclarecimento iluminado que acompanha a razão do maçom ao longo do seu percurso maçónico com vista a permitir-lhe obter conhecimento e sabedoria.

Perceberá então, que todas estas perguntas e respostas são acompanhadas por gestos, percursos e movimentações pré-determinadas seguidas e perseguidas por maçons paramentados, tudo contribuindo para o irradiar de uma carga simbólica cujo significado será, por enquanto, impercetível na sua quase totalidade.

Em suma, não há enganos, engodos ou falsas expectativas para o candidato a maçom sobre aquilo que lhe é oferecido e que haverá de corresponder, se disso for digno, ao que é por si procurado: conhecimento por via do simbolismo que compõe e está agregado no ritual.

Segunda questão: assumida como certa a pretensão do maçom, o que o leva a escolher um caminho com vista ao conhecimento através de um sistema assente em simbolismo ritualizado?

Vivendo no séc. XXI, o nosso maçom usufrui dos frutos recolhidos da Sociedade de Informação iniciada no século anterior, em que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) lhe proporcionam o acesso a Yobibytes de informação, disponível à distância de um clique para ser transformada em conhecimento. Se, porventura, quiser obter informação sobre a Ordem em que acabou ser admitido e dominar o inglês, poderá recorrer ao motor de busca desenvolvido pela Google que, em 0,65 segundos, lhe devolverá nada mais, nada menos, do que 204 milhões de resultados sobre a *freemasonry*. Mais de 5 mil milhões de resultados em 0,67 segundos se a busca for sobre o COVID-19.

Terceira questão (segunda repetida): porquê, então, estar a sujeitar-se a um processo de obter um conhecimento de forma mais mediata, mais reflexiva, mais lenta, renunciando à velocidade e à hiperatividade proporcionada pelas TIC de que dispõe no smartphone que lhe cabe na palma da mão?

Voltando umas linhas atrás, o conhecimento que o maçom busca

tem por fim a sua melhoria interior, pessoal, implica uma base sedimentada, estabilizada, que encerre em si mesma um grau de certeza, segurança e de riqueza paulatinamente acumulada. Este tipo de conhecimento não se compadece com a cascata informativa que nos passa pelos ecrãs dos nossos dispositivos móveis, que pouco ou nada nos permitem reter e que nos impele para a novidade sem curar de apreender o que já não o é.

Já o conhecimento que nos advém do ritual simbólico, da sucessão e repetição dos movimentos, dos gestos, das palavras e da constatação das disposições, permite-nos conhecer e voltar a conhecer na vez seguinte, ou seja reconhecer. E de cada vez que reconhecemos acrescentamos algo que não apreendemos nas vezes anteriores, capturamos uma camada de novo conhecimento.

Acresce que a sucessão e a repetição previstas no ritual conferem segurança e tranquilidade e afastam o tumulto e o sobressalto associados ao inesperado, condições que propiciam sedimentação indelével do conhecimento.

E esta é a resposta à quarta questão sobre a importância que o ritual desempenha para o maçom do século XXI, que não chegou a ser feita de forma explícita. ■

MUSEU MAÇÓNICO PORTUGUÊS



Talha em faiança portuguesa, fabrico do Porto ou Gaia, século XIX. Decoração de vidrados em tons de azul e branco com símbolos maçónicos e a inscrição MARTELIALDe.: Or.: DL.:

Fotografia Ponto de Vista



JORGE SOUSA MOTA

Ritual e formação de entendimento: uma visão pessoal

«Todo o trabalho de construção é feito a partir de uma diferença essencial e o seu objetivo é desenvolvê-la em todos os planos até alcançar a semelhança com o incomparável inerente ao movimento de construção e por isso mesmo oculto e inacessível»
(In O Aprendiz Secreto, António Ramos Rosa)

O Diretor da revista Grémio Lusitano, M.:.Q.:.I.: António Lopes, convocou o meu contributo para este número através de uma reflexão sobre a importância do Ritual nos nossos modelos de pensamento, tarefa complexa para quem, como eu, prefere a experiência maçónica à sua verbalização. Deixem por isso que me centre mais naquele lado pessoal e menos na teorização do processo que outros farão bem melhor.

Devo, porém, e previamente, assinalar que a vivência maçónica é única para cada maçom ou maçon; vivida de forma particular e irrepetível, condicionada a um contexto pessoal prévio, mas seguramente determinado pelas perguntas para as quais pretende obter respostas. Por tal razão qualquer outra visão distinta daquela que aqui expendo é tão igualmente certa como válida.

Um outro aspeto a considerar é que, na nossa tradição e prática,

o recrutamento é essencialmente feito “em mancha”, com base nas relações profissionais ou sociais dos Obreiros, com a finalidade concreta do ingresso na Loja a que estes já pertencem. Apesar de existirem, são raros os casos em que se apresentam aos candidatos as diferentes opções Rituais, para não falar de outras que aqui não cabem, e muito menos lhes é facultada uma explicação sobre as características de cada um deles de forma tenha a possibilidade de optar por aquele que melhor se adequa à forma como pretende trabalhar no seu processo de aperfeiçoamento.

Como bem sabemos os Ritos não são iguais; têm subjacente uma visão ética e ideológica distinta, uma dimensão espiritual própria, acentuam características diferenciadoras desde logo litúrgicas que impactam na forma como cada um se deixa tocar por eles. Para uns é excesso, para outros essência. Os diferentes Ritos, por assim serem,

oferecem formulas rituais distintas com base em alegorias ou mitos que, podendo divergir na sua raiz, se dirigiram à mesma finalidade, propondo percursos diferentes em ritmo, em gesto, em oralidade e mesmo em dimensão espiritual.

Todas estas dimensões do Ritual só se materializam por via na Iniciação. Não estão acessíveis a quem, tendo tido acesso aos textos do Ritual, não seja sujeito às provas que constituem a Iniciação. Por ela se acede à compreensão do símbolo e deste ao reconhecimento, no sentido em que significa “conhecer algo como aquilo que já se conhece”. E este reconhecimento constitui o processo de “instalação-num-lugar” - *Einhausung* - como diria Hegel. Sem iniciação não se pode viver o Ritual. É pela Iniciação, usando uma expressão tão usual quanto verdadeira, que se acede aos Mistérios da Maçonaria. É a chave que abre todas as portas do conhecimento de si mesmo com vista a uma





Fotografia D.R.

melhor compreensão do mundo, agindo na sua transformação.

Como refere M. Vilas “esquecemos frequentemente que o que nos é transmitido na iniciação e nos aumentos de salário são sinais, toques e palavras de passe e sagradas, passos, aclamações e aterias, e uma instrução pelo método catequético – mais nada. esses sinais, toques e palavras, juntamente com a prática dos ritos de abertura e encerramento dos graus, dos ritos de admissão, passagem e elevação, e dos catecismos que os completam, são o ensinamento maçónico.”

Para o Iniciado os sinais, toques e palavras são suficientemente simples para que possa compreender

os ensinamentos de cada grau, não significando que à simplicidade da forma corresponda superficialidade. Pelo contrário. Se bem compreendidos eles remetem para a construção do segredo maçónico enquanto forma individual de entendimento da Maçonaria, mais sentida que pensada e nesse sentido indizível.

Continua dizendo: “os sinais ensinam-nos como aplicar os instrumentos a nós próprios, os toques ensinam-nos a fraternidade iniciática, as palavras ensinam-nos a chave que nos permite entrar num grau – é esta a instrução maçónica essencial. Ou seja, a Maçonaria não ensina modos de estar na vida que (não) outros que estão contidos nos sinais, toques e palavras,

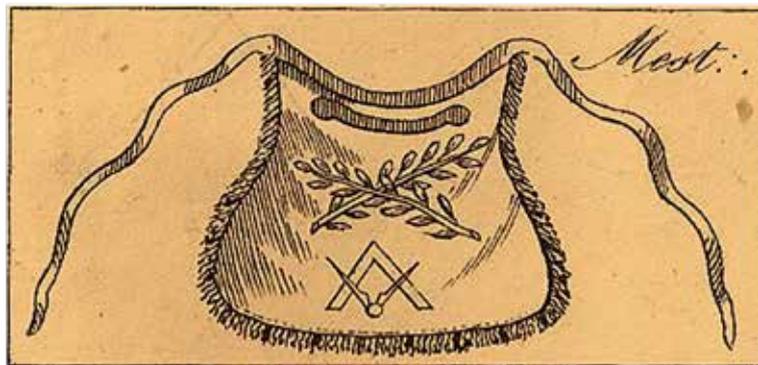
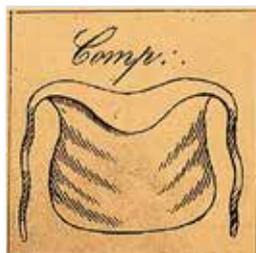
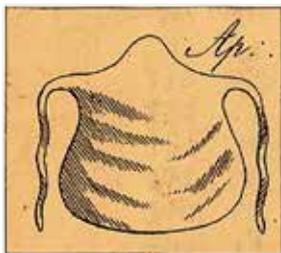
nem ensina divisas nem opiniões sobre o mundo. Os princípios que insiste que maçom pratique, são o aperfeiçoamento dos que lhe permitiram ser iniciado: ser livre e de bons costumes. “

Este desiderato, utopia constante, exige um contexto em que se possa materializar, construir e atualizar, um espaço-tempo necessário, único e irrepitível que apenas se constitui em Loja, na presença dos Irmãos e que não acontece sem o Ritual.

É nessa fonte que refrescamos os afetos e nos despimos de pré-conceitos para nos enrouparmos melhor, mais cientes de nós e do mundo, mais preparados para o aceitar e compreender melhor os outros. Há quem defina estas duas dimensões como Ritual interno e Ritual externo. Escolho, contudo, preferir Rémi Boyer que estabelece as duas grandes funções do trabalho iniciático. A primeira, a função *restauradora* que se manifesta pelo Ritual que estabelece uma Aliança e a função *despertadora* que exige um distanciamento e a autonomização que habilita e reabilita o Maçom no seu processo de melhoramento e auto conhecimento.

Aqui chegados voltamos inevitavelmente ao início e aos instrumentos que nos foram dados a conhecer no dia da iniciação pois que, como refere Fernando Marques da Costa quando responde à pergunta para que servem os instrumentos, “*não, (...) estes instrumentos não servem para te dar certezas sobre a realidade. Servem, antes, para medir a dúvida, para avaliar a incerteza, para trabalhar a imperfeição, isto é, para esclarecer a dúvida, ultrapassar a incerteza e corrigir a imperfeição*”

O Ritual uniformiza os comportamentos, igualiza (apesar das qualidades), pondo no mesmo plano todos os Irmãos de tal forma que todas as manifestações de pensamento surgem chãs em validade ao espírito que se abre à sua compreensão. E é deste chão fértil da total abertura de espírito, que brotam os abalos às convicções ou ideias instaladas, pela simples razão



Fotografia D.R.

de que descemos, interiormente e em silêncio, do patamar da certeza para o terreiro da dúvida, colocando a palavra do Irmão em paridade com todas as outras, pondo, portanto, em crise a nossa própria.

É desse modo, nesse tempo e nesse lugar que o Maçon estabelece uma relação com o que o ultrapassa, com o novo ou um olhar novo sobre a coisa velha, e é neste estado que lhe é possível sentir-se ligado com o cosmos, com o divino, com o sagrado. Como refere Pierre Simon “...o ritual desencadeia uma disposição particular do indivíduo, criando um ambiente particular no qual psiquismo e fisiologia modificam o seu funcionamento banal no sentido de uma nova organização, mais flexível e mais aberta.”

É essa abertura, só possível no contexto que a Loja e o Ritual propiciam, que pelas mais diversas formas este produz efeitos no pensamento de cada maçã. É a energia da sessão ritual vivida em

verdadeira egrégora que nos debilita para nos fortalecer, nos modifica entre o cortejo de entrada e o fecho dos trabalhos, e nos enche.

Para terminar realçar dois aspetos para consideração suplementar.

O primeiro é o rigor ritual e a importância da formação de cada iniciado desde o primeiro dia. A noção de que existe uma relação entre a qualidade de uma sessão de iniciação e o percurso do profano. Assim como necessidade de haver Vigilantes capazes de levar a bom termo e capazmente as suas funções de acompanhamento e instrução, processo permanente de renovação. Volto a M. Vilas quando nos lembra que “esta instrução fundamental, se for praticada conscientemente e aprofundada, é iniciática: permite o homem regressar ao seu início, àquilo que era antes de se afastar de si próprio”.

O segundo aspeto é o do recrutamento. Salto o recorrente tema da

qualidade do recrutamento não por não ser importante, mas por ser inerente a cada Loja. Não nos podemos culpar a todos pelas opções que cada Loja faz, sendo que é justamente aí que tal qualidade se define. Falo antes do recrutamento orgânico e da necessidade de recrutarmos para a Obediência em função de critérios mais gerais e objetivos que, no essencial assegurem por um lado que os postulantes serão capazes de deixar que o Ritual atue sobre si mesmos e por outro que contruem para uma melhor interligação na sociedade. Falo se um recrutamento não egoísta que reclama novas formas de acesso ao “caminho do meio”.

Termino como comecei lembrando Ramos Rosa quando nos diz que “a infinidade da construção concentra-se em cada momento construtivo, porque a energia do ser está toda dirigida para o único ponto de aplicação em que o desejo se atualiza e se inaugura na liberdade da sua inocência descoberta”. ■

BIBLIOGRAFIA:

- Boyer, R. (2017). *A Tradição Maçônica e o Despertar da Consciência*. Zéfiro.
- Costa, F. M. da (2019). *À Ordem*. Edição de Autor
- Han, Byung-Chul (2020). *Do desaparecimento do Rituais, Relógio D'Água*.
- Simon, P. (2002). *A Franco-Maçonaria*. Edição Instituto Piaget.
- Vilas, M. (2019). *Fazer o Reboot ao Rito*. Edição de autor.

FERNANDO MARQUES DA COSTA

A queda da Jerusalém terrestre ou da importância do ritual nos esquemas de pensamento dos maçons

Quando me deram o tema para este número da *Revista do Grémio Lusitano* veio-me de imediato à memória uma cena do filme *Kingdom of Heaven*, de Ridley Scott, de 2005, que tinha como ator principal Orlando Bloom a desempenhar o papel de Balian d'Ibelin (-1193), um barão que com a rainha Sibylle e o patriarca Héraclius organizou a defesa de Jerusalém cercada por Saladino em 1187.

A pesar de toda a sua astúcia e coragem militar, Balian não tinha capacidade para defender a cidade de um cerco prolongado e Saladino, deparando-se com uma resistência feroz e perdas consideráveis, concorda em negociar uma rendição. No fim do encontro para acertar os termos da rendição Balian pergunta a Saladino: Qual o interesse em Jerusalém? Ao que Saladino responde «Nenhum» e vira-se para partir, ao fim de alguns passos, sem parar, rodando apenas a

cabeça diz: «Todo». A diferença entre a forma e o símbolo.¹

Ocorreu-me que a mesma pergunta se pode colocar em relação ao ritual em Maçonaria: Qual o seu interesse? Ao que alguns responderão: «Nenhum» e outros «Todo». Os primeiros desvalorizam-no e praticam-no em formas minimalistas e sem centralidade nas reuniões, ou como uma especificidade organizacional distintiva, erigindo a «prancha» na essência da reunião. Os outros valorizam-no como essencial, e

alguns mesmo, como razão única da forma de sociabilidade maçónica.

A virtude, neste caso, não está no meio termo. Pelo contrário, o «meio termo» é o pior de todos os espaços entre «nenhum» e «todo»; pois é o território do «algum» que apenas conduz a uma existência aligeirada, a uma espécie de peculiaridade identitária sem substância: sem alma, só forma. Infelizmente um caminho que muitos maçons e não poucas Lojas e organizações trilham.

¹ Antes de rezarem virados na direção de Meca os muçulmanos fizeram-no virados para Jerusalém.

Não podemos esquecer, para decidirmos qual das respostas de Saladino é a mais genuína, que entre a história da ritualística e a prática ritual há uma enorme diferença.

A história dos rituais, e a da sua evolução, tem recebido nos últimos anos uma atenção especial por parte dos investigadores, em grande medida graças à descoberta de nova documentação e a um ressurgimento de um novo ciclo² de procura de versões primitivas, que, por razões de antiguidade histórica, se julgam mais genuínas e corretas³. Essa vasta produção bibliográfica, espalhada por livros e inúmeros artigos de revistas especializadas, permite-nos conhecer a evolução dos rituais e das influências, tantas vezes cruzadas, que foram conhecendo ao longo dos últimos 300 anos.

Esses estudos posicionam no tempo os diversos textos, identificam influências e, não poucas vezes, descobrem os seus autores. Sejam os rituais dos diversos graus, sejam os sistemas de ritos em que se organizaram depois, estão hoje abundantemente estudados, o que não acontecia há 30 anos, e continuam a aparecer novas descobertas e interpretações. Mas, esta é a história dos rituais e da sua evolução, não a da sua função, coisa bem distinta e matéria mais delicada que tem, também, o seu percurso específico. Menos estudado, infelizmente, quer pela dificuldade própria de se saber como ele era efetivamente vivido – para lá da doutrina que a literatura consagra e que nem sempre corresponde à realidade praticada, tal como hoje acontece – quer porque entre a teoria e a prática há um espaço de embaraço doutrinário que muitos preferem não evidenciar.

Não há, todavia, um ano zero na Maçonaria, nem um ritual primitivo; adâmico se quiserem. As origens da Maçonaria continuam em disputa entre os adeptos da «transição» entre operativos e especulativos, em numero cada vez menor reconheça-se, e os adeptos da «apropriação» que defendem que uma elite hanoveriana se apropriou de umas defuntas tradições de pedreiros para «criar» uma nova forma sociabilidade masculina que tinha como objetivo uma reconciliação baseada numa tolerância religiosa e o apoio à causa da casa

beau. J'avais en main une règle et un compas pour m'aider à mesurer les proportions de cet art dans la construction de mon être moral, afin de le maintenir toujours en harmonie.⁴

Qualquer que seja a opção que se faça entre a tese da «transição» e a da «apropriação», qualquer que seja o ano que se escolha para a criação da primeira Grande Loja, que hoje se disputa entre 1717 e 1721, uma coisa é certa: o ritual



Fotografia D.R.

de Hanover, e, como forma, uma apropriação simbólica de instrumentos operativos aos quais, agora, se atribuíam um significado moral reforçado. Um exemplo recente.

era minimalista, a cerimónia de «admissão» - e não de «iniciação», inicialmente – de curtíssima duração, Vejam-se, por exemplo as atas da Loja Coustous-Villeroy ou da Loja jacobita de Roma⁵: Na generalidade dos casos as sessões rituais propriamente ditas demoravam poucos minutos e eram, sobretudo, para admitir novos candidatos. Era essa, alias, a função, do pouco que se sabe dos rituais praticados pelas antigas corporações de pedreiros. O essencial na prática maçónica moderna (após 1717) era o banquete

D. Que faites-vous dans le deuxième voyage ?

R. Avec les cinq ordres d'architecture, on me montra l'un des premiers arts par lesquels les hommes commencèrent à manifester leur sentiment du

² Talvez o primeiro ciclo com dimensão académica se possa centrar na figura de René Guilly (1921-1992) e no aparecimento, em 1970, da revista *Renaissance Traditionnel*. A revista é atualmente dirigida por Roger Dachez et Pierre Mollier e editada pelo Instituto Maçónico de França e atribui-se como objectivo : «susciter et publier des études, apporter des documents qui fassent mieux comprendre et mieux aimer la tradition maçonnique dans sa double dimension historique et spirituelle.» Ver : <https://rt.fmtl.fr/>

³ Não cabe aqui discutir esta interpretação.

⁴ Grande Loge de France, *Deuxième degré symbolique écossais : Grade de Compagnon*. Paris : Grande Loge de France, 1971, 17.

⁵ William James Hughan, *The Jacobite lodge at Rome 1735-7*. Torquay: Loge of Reserch No. 2429, Leicester, 1910. Existem várias versões em «print on demand» e em free download em : [The Jacobite lodge at Rome, 1735-7 ... with a complete reproduction of the Minute book .. : Hughan, William James, 1841-1911 : Free Download, Borrow, and Streaming : Internet Archive](#)

e o catecismo, no sentido correto da palavra: ensinamento através de um processo de perguntas e respostas.

O consumo de bebidas, frequentemente imoderado, como é referido na época, e a entoação de cânticos, de poesia de duvidosa qualidade, mas entoados com o fulgor do álcool, preenchiam o essencial do tempo e da conceção da forma dessa sociabilidade masculina; dessa Maçonaria primitiva. Não se pense que a alusão ao consumo de álcool é (ou era à época) depreciativa da Maçonaria. O alcoolismo era



Fotografia D.R.

um problema da sociedade inglesa do início de setecentos «It was estimated that in the year 1730, 10 million gallons of gin were produced. The average Londoner got through 14 gallons of gin a year or two pints a week [...]». Um pouco mais tarde, em 1743, as estatísticas indicam que se consumiam-se 10 litros de gin per capita por ano em Inglaterra.⁶ As descrições dos preparativos

para a Celebração anual da Grande Loja delimitavam, cautelosamente, o número de garrafas por pessoa e as críticas aos excessos do álcool são recorrentes. As duas gravuras aqui reproduzidas de William Hogarth (1697-1764)⁷: Gin Lane e Times of the day: night, retratam esses excessos na sociedade em geral e na Maçonaria em particular. É preciso compreender que o Reino Unido da primeira metade de setecentos, não é vitoriano; a imagem que mais temos gravada na nossa memória, bem pelo contrário, a moral pública vitoriana é fruto de um acumular de reações aos excessos da sociedade da primeira metade do século XVIII⁸.

As sociabilidades masculinas eram de taberna ou casa de café, praticavam-se no espaço público e tinham, cada uma à sua maneira, um modo, mais ou menos complexo de admissão. O «clubismo»⁹ inglês (mais especificamente) era uma moda que na transição do século XVII para o XVIII podia ir dos propósitos mais circunspectos ao «Farting Club».¹⁰ A elaboração ritual da Maçonaria moderna, e a sua função, não é uma herança, mas uma construção, perpetuamente evolutiva, seja na forma, seja na função.

Com o tempo, e sobretudo com a passagem das ilhas britânicas para o continente, as sessões vão-se tornando mais complexas: quer na forma, algumas passam a dispor de locais fixos, permitindo uma maior elaboração espacial do aparato simbólico e deixam de se reunir em tabernas, onde a transportabilidade dos adereços simbólicos era

necessária e a sua materialidade menos elaborada e mais precária; quer nas sessões que se organizam, em que o ritual se vai «aprimorando», e se apresentam já alguns «trabalhos» de natureza essencialmente simbólica, na generalidade dos casos, com exceções naturalmente. Sobretudo, desde muito cedo, no lado de cá do Canal da Mancha, os três primeiros graus parecem cada vez mais insuficientes (não poucas vezes conferidos no mesmo dia), desprovidos de um certo «glamour» que caracteriza e atrai as cortes europeias continentais por oposição à britânica. E, é claro, as tradições de «pedreiros» eram pouco apelativas a uma sociedade de ordens fortemente estratificada. É pela porta do aparato e do «mistério» por revelar que a Pandora dos ditos «altos graus» irromperá na Europa continental.

A segunda metade de setecentos e a primeira de oitocentos correspondem a uma centena de anos em que a criação de rituais e sistemas de ritos atinge proporções gigantescas (muito mais de um milhar estão hoje identificados), fruto, em grande medida da necessidade de ultrapassar a limitação dos três graus iniciais, numa vaidade ritualística de afirmar mais um «segredo» e dar precedência de um ritual em relação a outros, até ao extremo de se consagrar num sistema criado em Rennes: «Les Sublime Élus de la Vérité» o conceito de P.P.F, usado muitas vezes a seguir aos nomes dos maçons, isto é «parvenu au point final»¹¹. O detentor do grau de Sublime Eleito da Verdade tinha precedência sobre todos os outros, tinha atingido o nec plus ultra dos rituais maçónicos.

⁶ Para uma abordagem sintética ver o artigo: <https://academic.oup.com/alcalc/article/36/5/401/233726>

⁷ As duas gravuras de William Hogarth são famosas. A primeira Gin Lane foi editada conjuntamente com Beer Street em 1751 (na realidade são um díptico) como forma de mostrar as consequências sociais do consumo de álcool na altura em que se discutia o célebre Gin Act desse mesmo ano. Leia-se o artigo clássico de Peter Clark: <https://www.cambridge.org/core/journals/transactions-of-the-royal-historical-society/article/abs/mother-gin-controversy-in-the-early-eighteenth-century/>. A segunda, mostra um venerável-mestre ébrio após uma sessão de Loja. É uma das mais conhecidas, comentadas e interpretadas gravuras de Hogarth pelos historiadores da Maçonaria. A interpretação mais recente encontra-se na obra de John Dickie, *The Craft. How the freemasons made the modern world*. London, Hodder & Stroughton, 2020, ainda que na reprodução fotográfica a gravura apareça invertida.

⁸ Veja-se sobre isto: Karl Shaw, *Mad, bad and dangerous to know*. Londres: Robinson, 2017 e Ben Wilson, *Decency & Disorder 1789 - 1837*. London: Faber and Faber, 2007.

⁹ Peter Clark, *British Clubs and Societies 1580-1800: The Origins of an Associational World*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

¹⁰ Ver o curioso artigo sobre o «Farting Club»: <https://www.geriwalton.com/a-georgian-farting-club/>

¹¹ *Les Sublimes Élus de la Vérité, s/1: s/ed., 000,0000[1780]*.

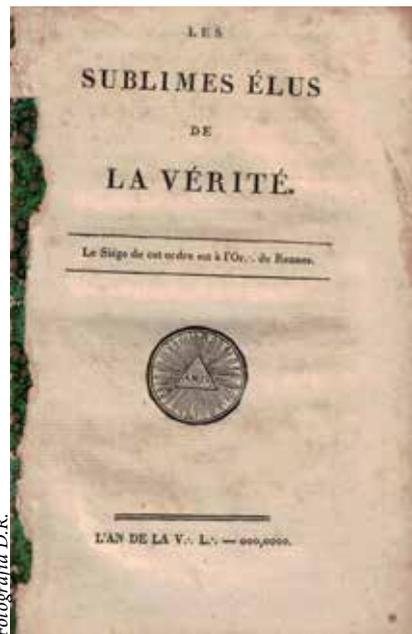
Durante estes 100 anos irromperam sobre o milhar de rituais praticados tradições de todo o tipo; herméticas, alquimistas, esotéricas, filosóficas, espiritualistas, cabalistas etc. etc., fazendo da Maçonaria um ponto de convergência de um conjunto de tradições de conhecimento e interpretação do mundo que o desenvolvimento da ciência tinha destronado da sua centralidade e relegado para uma marginalidade como forma de conhecimento e interpretação do real, que se transformaram, por isso, em «tradições» que são vertidas em substância ritual. Mas, uma vez mais, o essencial desses rituais reside na forma e na narrativa, de matriz cristã como era normal, com raríssimas exceções, e não no instrumento ritual como meio de enformar o pensamento. A forma era ainda método, apenas, e não se lhe atribuía função.

A maçonaria passa de simbólica a esotérica. Da admissão à iniciação. As revelações públicas de rituais são coevas da criação da maçonaria moderna e nunca deixaram de existir (hoje está tudo na internet), criaram de início problemas de exposição da forma dos trabalhos. Porém, quando a maçonaria se torna «iniciática» a forma tem pouco interesse em si. Uma publicação da Grande Loja Feminina de França explica com clareza esta passagem:

« Le formalisme du rituel maçonnique n'est point d'ailleurs resté secret. Il a été divulgué dans de nombreux ouvrages. Mais on ne peut faire connaître sous ce rapport que le côté matériel de nos pratiques. L'Esotérisme n'est pas susceptible de divulgation. »¹²

Assim, de uma ritualização de uma sociabilidade, passou-se a substanciação da forma. O processo, nesses anos, foi o inverso; foi a evolução do pensamento filosófico e científico que ocorreu na sociedade que influenciou a Maçonaria. O pensamento vinha de fora para dentro

(mais tarde nem sempre foi assim) o que diferenciava as Lojas de uma tertúlia ou de um «salão» era o método de trabalho e o conteúdo filosófico e esotérico que agora se lhe conferia. A isso voltaremos adiante. O que se fazia com o método que o ritual ditava, era ainda autónomo da conceptualização do método como instrumento ritual de aperfeiçoamento pessoal. A vivência tinha moralização sobre os símbolos, mas não conteúdo programático.



Fotografia D.R.

As formas de sociabilidade do iluminismo conhecerão uma profunda transformação com o dealbar do século XIX.¹³ Não são apenas amantes da ritualística maçónica e escritores ávidos de ganhar algum dinheiro que se dedicam à criação, ou reformulação, de rituais. As profundas transformações sociológicas ocorridas na Europa continental, sobretudo na última metade do século XIX, provocam o aparecimento, e, depois, o domínio das Maçonarias por novos grupos sociais, já não pertencentes à aristocracia – que há muito debandara das Lojas –, nem à alta burguesia,

que procurarão conferir ao ritual um outro significado. Herdam uma tradição, mas, tal como a sua realidade sociológica é nova e subverte o tecido social, também aos rituais querem impor uma modernidade que os represente, ou, melhor dito, que represente as suas correntes de pensamento para que neles se reconheçam. Acrescentam conteúdo, onde antes dominava sobretudo forma, e ideologia, onde imperava apenas sã e cândida moralidade.

É neste confluir de processos históricos e sociológicos que se começa a diluir a fronteira entre o ritual – independentemente da narrativa que comporta ou do rito – como forma consagrada de um espaço que transforma uma sala – uma qualquer sala, por mais decorada que esteja com simbologia –, numa Loja maçónica – para um ritual enunciador de um programa específico, seja ele de natureza mais política, filosófica, ou mais esotérica. É esta diferença que é preciso primeiro detalhar, para se poder qualificar a «importância do ritual nos esquemas de pensamento»; o tema que me foi proposto: no fundo identificar a dimensão formativa que o ritual possa conter, para além das virtudes morais conferidas aos símbolos.

O ritual tem uma função primitiva: criar e exprimir a forma identitária de uma nova sociabilidade que se manifestava quer no espaço privado – a sala das reuniões dos maçons –, quer no espaço público – procissões, funerais, lançamentos de primeiras pedras de edifícios, etc. A essa função identitária inicial, uma outra se vai juntar: a da consagração de um espaço criado para uma qualquer outra função numa Loja maçónica. É importante não esquecer que a Loja são quer os maçons quer o espaço em que se reúnem, como desde o século XVIII, James Anderson bem sublinhou na edição de 1738 das Constituições: «3.º Dever. Sobre as Lojas: Uma Loja é um local onde

¹² Grande Loge Féminine de France, *Instruction au grade d'Apprentie*. Paris : Grande Loge Féminine de France, 1955, 24

¹³ Ver, James Van Horn Melton, *The rise of the public enlightenment Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

os maçons se encontram para trabalhar. Consequentemente, a assembleia, ou corpo devidamente organizado de maçons, chama-se Loja, do mesmo modo que o termo igreja, pode significar congregação, ou lugar de culto».¹⁴

Assim, o ritual consubstancia um local numa Loja (espaço) onde uma Loja (grupo de maçons) se reúne. Espaço e seus ocupantes são retirados da sua quotidianidade para se converterem numa realidade

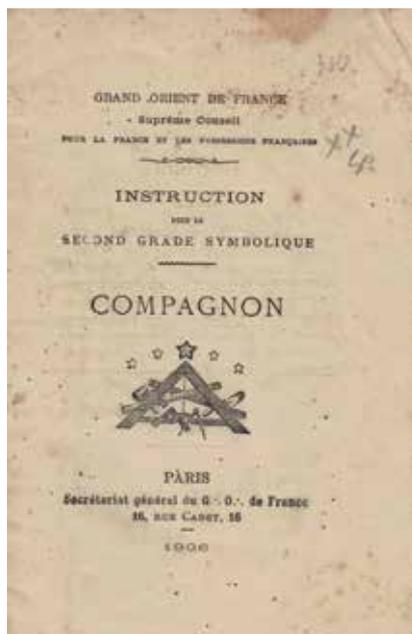


Fotografias D.R.

material e espiritual distinta: numa Loja maçónica¹⁵. Este é o primeiro momento em que o ritual tem uma função formativa. A passagem de uma realidade a outra: do temporal ao intemporal; de um quadro interpretativo a outro.

Este processo, porém, não se desenvolve de forma autónoma dos dogmas constitutivos que a Maçonaria moderna impõe para o funcionamento dentro desse espaço

criado pelo ritual; isto é, os procedimentos rituais têm de assegurar também um conjunto de elementos essenciais; em primeiro lugar, a reflexão sobre a moralização dos símbolos (fio-de-prumo = símbolo da verticalidade e retidão, por exemplo); em segundo lugar, uma igualdade «indistintiva» dentro do espaço da Loja entre todos os seus membros, seja qual for o seu estatuto¹⁶ e em terceiro lugar ritualizar uma metodologia de trabalho que permite afirmar diferenças mas



eliminar conflitos. É esta função que abordaremos com maior detalhe adiante. No século XVIII estes elementos são inovadores e distinguem a Maçonaria de todas as demais formas de sociabilidade organizada.¹⁷

A reflexão sobre a moralização dos símbolos, presente em gravuras de maçons sentados numa mesa a interpretar o painel das Lojas, foi caindo desuso, os «Tuileur» e mais

tarde as «Instruções e os «Memento» dos diversos graus vão-se transmutando em resumos pró-memória dos rituais e a reflexão coletiva sobre a moralização simbólica transforma-se nuns trabalhos individuais «simbólicos» (na ambiguidade desta expressão aqui usada) para passagem de um grau a outro, hoje, na maioria dos casos, de inspiração wikipediana. Sinal dos tempos.

O trabalho coletivo sobre a função formativa do símbolo através da re-



petição catequética e formação em Loja é remetido para o trabalho do primeiro e do segundo Vigilantes sobre os aprendizes e companheiros, das suas respetivas colunas.

A ideia de que os trabalhos de aprendiz não se discutem é a negação da função formativa do coletivo da Loja sobre o aprendiz maçom. Uma daquelas bizarras conceptuais que decorre do desvirtuamento da função do silêncio

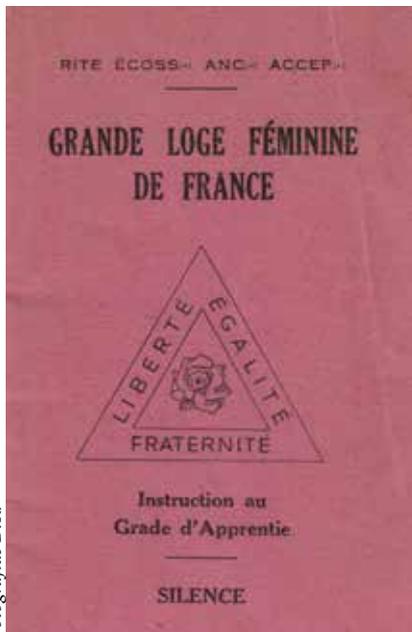
¹⁴ James Anderson, Fernando Marques da Costa (introd. e revisão) Marta Dias e Áurea Resoluto (trad.), O novo Livro das Constituições da Antiga e Honorable Fraternidade dos Franco Maçons Aceitos 1738. Lisboa: Outra Perspetiva, 2021, no prelo.

¹⁵ Ver sobre isto Fernando Marques da Costa, «A Loja maçónica: um lugar não lugar», in, *Atlântida*, Angra do Heroísmo, Instituto Açoreano de Cultura, vol. LXV, 2020, 425-442.

¹⁶ O Grão-mestre Duque de Warthon, por exemplo, tinha como Grande-vigilantes da Grande-loja Joshua Timson, um ferreiro e William Howkins, um pedreiro.

¹⁷ Ver sobre isto os diversos trabalhos de Margaret C. Jacob.

na aprendizagem, transformando-o no silêncio dos mestres sobre os aprendizes, delegando a palavra (a formação) exclusivamente nos Vigilantes. Toda a conceptualização que é feita sobre a virtude – real, porque encerra a lição de aprender a ouvir – do silêncio dos aprendizes, é desvirtuada pela consagração de que a formação do maçom, nos seus anos iniciais não é função, e até obrigação, do coletivo. Neste sentido o efeito de aprendizagem ritual e simbólica perde a riqueza que a diversidade do grupo tem sobre o trabalho singular dos vigilantes. Se não se discorda de que existe (ou



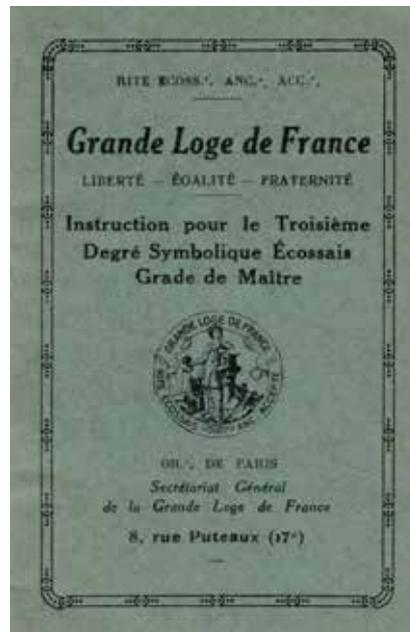
Fotografias D.R.

deveria existir) um impacto sobre «a forma de pensamento» do novo maçom, ele é limitado e empobrecido, por este método. Neste estrito sentido a formação ficou empobrecida; a imagem dos maçons sentados a volta da mesa a discorrer sobre o painel da loja desvaneceu-se.

A igualdade dentro do espaço da Loja entre todos os seus membros, seja qual for o seu estatuto, é assegurada quer pelo tratamento entre todos por irmãos, quer pelo caráter eletivo democrático dos seus membros com o grau de mestre, a partir do momento em que os veneráveis, nas Lojas continentais deixaram

de ser «ad vitam», no último quartel do século XVIII. A igualdade foi dos conceitos que mais inovações rituais introduziu na Europa continental, onde a estratificação social rígida de uma sociedade organizada por ordens concedia à aristocracia privilégios de que mais ninguém dispunha: o uso de espada dentro dos limites das cidades e o uso do chapéu, já que um nobre só se descobria perante um nobre de estatuto superior ao seu.

A igualdade impôs no século XVIII que em Loja todos pudessem usar espadas e chapéus. Introduzindo nos rituais uma

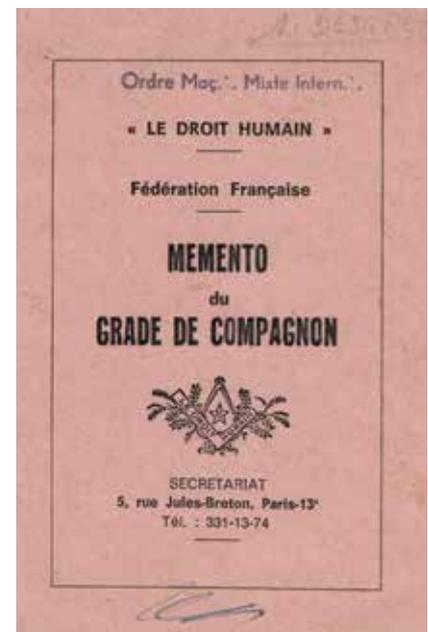


parafernália gesticular onde o uso de espada – com forte inspiração militar – acrescentou ao aparato, mas pouco à função simbólica tradicionalmente ligada apenas ao juramento, como símbolo da honra.

As «abóbadas de aço», numa elaborada hierarquia funcional, nada têm de simbólico, nem de formativo, são apenas a invasão do ritual – que é de Loja – de manifestações de cortesia – e subordinação – institucional para com as organizações a que a Loja pertence. Consagram a hierarquia da organização, sem nenhuma função ritual. Porém, ampliam de forma mais solenizada o conceito

de hierarquia funcional que é um elemento estruturante do trabalho de loja. A estrutura hierarquizada (entre mestres todos iguais em direitos) e o funcionamento formal (se bem praticado o ritual) são elementos formativos essenciais. Igualdade a ordem são elementos que o maçom cedo interioriza como estruturantes da loja como centro de união.

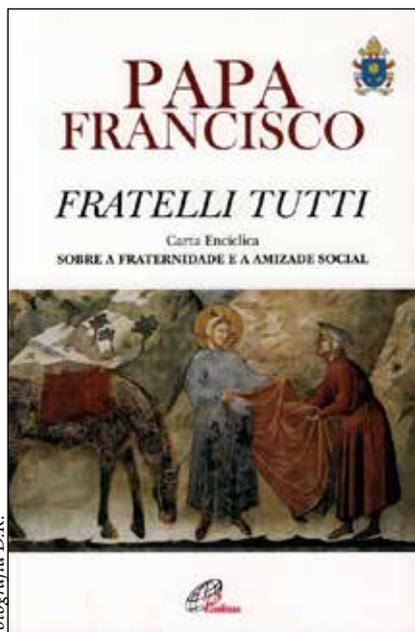
A igualdade em Loja, porém, não se manifesta apenas na igualdade de estatuto dos mestres, seja qual for a sua origem ou formação. Do ponto de vista formativo a igualdade exprime-se no conceito de «irmão». Aquele coletivo de des-



conhecidos, tão diversos nas suas características e na sua sociologia passa a ser, desde o primeiro dia do recém-chegado, uma fraternidade onde todos são «irmãos»; como tal se tratam entre si, e como tal se respeitam. É verdade que no século XVIII e mesmo XIX, a igualdade de estatuto: de direitos e deveres – dos mestres, claro –, introduziu uma prática democrática que teve grande impacto na forma de pensamento do seu tempo. Hoje, porém, vivemos em sociedades democráticas e a igualdade de direitos eletivos já não é, nem novidade, nem distintiva. O conceito de fraternidade, pelo seu lado, permanece como um valor formativo essencial. Ele não é distintivo da Maçonaria, mas é (ou

devia ser) um dos elementos formativos fundamentais e condicionadores do pensamento dos maçons, por permitir interiorizar o conceito (e desejavelmente a prática) da fraternidade humana universal.¹⁸

A ritualização de uma metodologia de trabalho que permite afirmar diferenças, mas eliminar conflitos é a forma de transformar a Maçonaria num centro de união. Não falar sem pedir a palavra, falar numa posição incómoda, à ordem, para manter a concisão e só poder, em regra, usar da palavra uma única vez sobre um mesmo tema, e a criação na Maçonaria continental da figura do Orador, para tirar «as conclu-



Fotografia D.R.

sões», isto é fazer uma síntese que harmonize as divergências, são, a par da proibição de discutir política e religião (nem sempre praticada) as formas metodológicas de preservar o «cimento» da Loja. É sobre esta parte que deve incidir agora esta heterodoxa reflexão.



Fotografia D.R.

«Manner of opening a lodge, and setting the man to work»¹⁹

- Q. What is the chief care of a mason?
 A. to see that the lodge is tyled
- Q. Pray do your duty
 A. Worshipful, the lodge is tyled.
- Q. Pray where the junior deacon's place in the lodge?
 A. At the back of the senior warden; or at his right hand, if he permits him.
- Q. Pray where is the senior deacon's place in a lodge?
 A. At the back of the master; or at his right hand if he permits.
- Q. Your business there?
 A. To carry messages from the master to the senior warden.
- Q. The junior warden place in the lodge?
 A. In the south.
- Q. Why in the south?
 A. The better to observe the sun at high meridian, to call men off from work to refreshment, and to see that they come on in due time, that the master may have pleasure and profit thereby.
- Q. Where is the senior warden's place in the lodge?
 A. In the west.

- Q. Your business there brother?
 A. As the sun sets in the west, to close the day, so the senior warden stands in the west, to close the lodge, to pay the men their wages, and dismiss them from their labour.
- Q. The master's place in the lodge?
 A. In the east.
- Q. His business there?
 A. As the sun rises in the east to open the day, so the master stands in the east to open his lodge and set the men to work.
- [Master:] This lodge is open, in the name of the Holy St. John, forbidden all cursing, swearing, or whispering, and all profane discourse, under no less penalty than what the majority shall think proper. »²⁰

Os rituais dos séculos XVIII e primeira metade do XIX são, no essencial rituais de abertura de Loja, de admissão e de funcionamento, como no exemplo acima. Não são rituais programáticos, isto é, a abertura e o modo de funcionamento não têm conteúdo programático, são funcionais, independentemente de o ritual ter uma narrativa, por exemplo, mais

¹⁸ Ver sobre este importante tema o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido pela Associação Humana Fraternitas: <https://humanafraternitas.org/objectivos/>, bem como a recente Encíclica Papal: Francisco, Fratelli Tutti, carta encíclica sobre a fraternidade e a amizade social. Lisboa: Editora Paulinas, 2020.

¹⁹ Em todas as citações rituais retirou-se a parte em que se descreve os procedimentos de cada um dos membros intervenientes por não serem aqui relevantes, bem como a descrição de a quem são dirigidas as perguntas.

²⁰ Jachin and Boaz London, Printed for Crosby and CO. Stationers', 1812, 25ª ed. A primeira edição é de 1750. Escolhi este texto porque tem muitas semelhanças com partes ainda usadas nos rituais portugueses e permite, assim, ver a diferença para os acrescentos que o século dezanove trouxe a estas versões primitivas.

<p>veterotestamentária, mais cabalística ou mais hermética. «Cavar masmorras ao vício e elevar templos à virtude» é um enunciado muito antigo, que corresponde às obrigações morais de um maçon consagradas nas Constituições, não mais do que isso. Era, na generalidade dos casos o «mais» até onde se ia em termos de proposta de função dos trabalhos de Loja. Não encerra um «programa» de trabalhos, apenas virtudes morais a praticar e a tradução nos catecismos dos princípios contidos nas normas constitucionais.</p>	<p>D. Que vous a-t-on fait faire en Loge, pendant que vous aviez le bandeau sur les yeux ? R. On m'a interrogé à trois reprises et l'on m'a fait faire trois voyages. D. Quelle est la signification de ces voyages ? R. Ils représente les trois phases ascendantes de la vie humaine et le développement pratique du principe de la solidarité. Ils marquent aussi que la découverte de la vérité exige des efforts répétés, inlassables. »²⁴ D. Que signifie donc l'histoire d'Hiram ? R. Je pense que, dans la vérité, cette histoire est une figure de la marche apparente du soleil dans les signes inférieurs pendent les trois mois que s'écoulent depuis l'équinoxe d'automne ; que ces trois mois sont les trois conspirateurs, cause immédiate de la fin apparente du solstice d'hiver.²⁵</p>	<p>Assim, a segunda metade do século XIX trouxe consigo profundas mudanças. Os rituais ganharam dimensões de poema épico: se as aberturas e encerramentos se mantiveram sucintos, os rituais de iniciação tornaram-se cada vez mais complexos e palavrosos, com «provas» rebuscadas e inúteis.</p>
<p>D. A quoi travaillent les Maçons ? R. Á élever des temples à la vertu, et à creuser des cachots pour les vices. D. Que doit faire un maçon ? R. Fuir le vice et pratiquer la vertu. »²¹</p>	<p>Os rituais transmitem a riqueza e diversidade das transformações filosóficas e sociológicas do seu tempo, do revivalismo de tradições esotéricas, e da crescente valorização do pensamento científico, alvo de uma campanha (aqui no bom sentido) de divulgação junto da população em periódicos de toda a natureza.</p>	<p>Le Vénérable dit : Qu'on le saigne De quelle partie du corps voulez-vous être saigné, il est ordinaire que ce soit du bras. R. Qu'on le saigne donc au bras D. Frère Expert, arrêtez ... ils est des circonstance, monsieur, ou une saignée peut-être très dangereuse : dites-nous si vous êtes en état de la supporter ? R. Oui. Le Vénérable dit : Frère Expert, continuez votre office ; faite-lui une incision, et ne l'estropiez pas comme vous avez fait au dernier.²⁷</p>
<p>«D. «Quel est le devoir d'un maçon en loge ? R. Obéir, travailler et se taire. D. Quell est le devoir d'un maçon hors de la loge ? R. De remplir ceux de l'état dans lequel le ciel l'a placé.»²²</p>	<p>«D. Que signifie le 3eme voyage ? R. Par la règle, emblème du jugement droit, et par le levier, emblème de la puissance du travail, il symbolise l'étude de la nature. – A cette étude se rattache les différentes sciences, dont les données principales ne doivent pas rester étrangères au Comp.: »²⁶</p>	<p>Sobretudo ganham uma carga ideológica (no sentido mais amplo da palavra) em todos os passos dessas cerimónias. A teatralização do ritual é por vezes levada a um ponto que desvirtua a sua função simbólica. O positivismo, o racionalismo, o materialismo, o socialismo e nalguns casos o republicanismo transformaram a essência e a forma em programa: em intensão, mais do que função. O delírio ritualístico, para usar uma expressão de Roger Dachez, subverteu os rituais e é contra essa herança que o primeiro ciclo de revisitação dos rituais «primitivos» surgirá.</p>
<p>Era nas cerimónias²³ de admissão, elevação e exaltação onde os rituais continham alguma matéria «programática», sofisticando-se progressivamente o modo como era transmitido o significado de cada um dos passos da cerimónia. De descrições sucintas a alegorias à natureza, ou às idades da vida, a variedade é grande.</p>		

²¹ Recueil d'instruction sur divers grades de Maçonnerie. s/l : s/ed., 1802, 96.

²² Recueil d'instruction sur divers grades de Maçonnerie. s/l : s/ed., 1802, 13.

²³ Refiro-me apenas aos três graus simbólicos e não mais.

²⁴ Grand Orient de France, Instruction pour le premier grade symbolique : Apprenti. Paris : Grand Orient de France 1962, 26

²⁵ Grande Loge de France, Instruction pour le troisième degré symbolique écossais : Grade de Maître. Paris : Grande Loge de France, 20.

²⁶ Grand Orient de France, Instruction pour le second grade symbolique : Compagnon. Paris : Grand Orient de France, 1887,16.

²⁷ Recueil d'instruction sur divers grades de Maçonnerie. s/l : s/ed., 1802, 42.

D. Après les cinq voyages que vous fit-on faire ?
 R. On me fit contempler l'étoile flamboyante.
 D. Que signifie cet emblème ?
 R. C'est notre étoile polaire, l'astre de la libre pensée. »²⁸
 « D. Après les cinq voyages que vous fit-on faire ?
 R. On me fit contempler l'étoile flamboyante.
 D. Que signifie cet emblème ?
 R. C'est notre étoile polaire, l'astre de la libre pensée, symbole essentiel du grade de Comp.:
 [...] Elle signifie aussi la permanence de l'Idéal dans la vie par le travail. »²⁹
 « D. Après les cinq voyages que vous fit-on faire ?
 R. On me fit contempler l'étoile flamboyante.
 D. Que signifie cet emblème ?
 R. C'est notre étoile polaire, l'astre de la libre pensée, symbole essentiel du grade de Comp.: Elle indique que l'initié du deuxième degré est destiné à devenir lui-même une sorte de foyer ardent, source de chaleur et de lumière, de compréhension et de propagande.»³⁰

Com o tempo, nalgumas organizações o conteúdo passa das novas interpretações dos símbolos e das provas de iniciação, elevação e exaltação para os próprios rituais de abertura:

- Para que se reúnem os maçons em Loja?» [Pergunta o venerável ao primeiro vigilante.]
- Para combater a tirania, os preconceitos e os erros e glorificar o direito a justiça a verdade e a razão.»

Esta é a versão ideológica e virada para o exterior da primitiva fórmula «cavar masmorras ao vício e erigir templos à virtude. Os rituais dogmatizaram-se e as Lojas, que por regra deviam ser independentes na diversidade dos seus propósitos e trabalhos, tendem a alinhar numa fixação de «conteúdos» rituais. A tradição vem de trás, desde que as organizações e os ritos começam a ganhar estruturas mais duradouras e consistentes. A diferença, agora, é que a homogeneização ritualista é feita com um conteúdo programático, que corresponde, em si, a uma dimensão redutora da liberdade dos trabalhos de Lojas e do propósito que leva a que um determinado conjunto de maçons se reúna. Já me irrita, confesso que o enunciado programático se defina por um «combate» e não por uma afirmação de valores e princípios; isto é, se defina pela negação e não pela afirmação dos valores próprios, simbólicos se quiserem da Maçonaria. Glorificar o Direito, a Justiça, a Verdade e Razão, não é um enunciado de valores (no sentido maçónico), mas sim a sua aplicação prática na sociedade. Não se trata de uma discordância com o conteúdo, pelo contrário, mas uma divergência quanto à sua imposição como regra universal no ritual de abertura de todas as lojas, mesmo daquelas, que no seu direito próprio, queira dedicar-se apenas a temas esotéricos ou espiritualistas.

Independentemente do meu gosto (neste caso desgosto) pessoal por tal dogmatismo a verdade é que ele corresponde a um momento de forte afirmação ideológica da Maçonaria, sobretudo franco-belga. O texto dos rituais e a prática da Maçonaria passam a ter uma intenção, que as organizações querem que sejam assumidas por todas as Lojas e maçons. A Maçonaria quer-se interventiva na sociedade e é interventiva na sociedade

em toda a 2ª metade do século XIX e até à Grande Guerra, e os seus rituais servem esse propósito na substância que lhes é acrescentada. Neste estrito sentido o ritual pode ser formativo, mas essa formação já é «restritiva» ou, dito de outra maneira «orientada» e não livre dependendo de um trabalho interior individual sobre a interpretação do ritual e dos símbolos.

O que é que opõe estes dois momentos: o da densificação programática e o da procura de uma pureza primordial?

Ao primeiro corresponde uma lenta evolução da centralidade da Loja como prática maçónica, com toda a diversidade de programas que isso comportava, com distintos ou nenhuns propósitos sociais, consoante a vontade dos seus membros, para uma centralidade organizacional; isto é a Maçonaria, sob a forma de um Grande Oriente ou Grande Loja, passa não apenas a ser a expressão pública formal, mas, sobretudo, a ter um «programa comum»³¹ que era transmitido ao coletivo das Lojas através de novos discursos ritualísticos. A função formativa do ritual estava agora condicionada à visão maioritária da organização. Assim foi, grosso modo até à década de vinte do século passado, tornando as Maçonarias em organizações mais, quando não exclusivamente, viradas para o exterior, mas sofrendo, em contrapartida, uma diminuição da sua função de «centro de união» da diversidade. O caso das Maçonarias francesa ou belga, por exemplo, são disso eloquentes.

Ao segundo, que começa a desenvolver-se após 2ª Guerra Mundial, corresponde à visão de uma função formativa do ritual baseada no simbolismo e na função intrínseca da prática ritual. Isto não quer dizer que as Lojas não reflitam sobre nada. Não, o que quer dizer é que a

²⁸ Grand Orient de France, Instruction pour le second grade symbolique : Compagnon. Paris : Grand Orient de France, 1887,17.

²⁹ Grand Orient de France, Instruction pour le deuxième grade symbolique : Compagnon. Paris : Grand Orient de France, 1963, 23-24.

³⁰ Grand Orient de France, Instruction pour le deuxième grade symbolique : Compagnon. Paris : Grand Orient de France, 1978, 21-22.

³¹ Cada organização o seu, consoante a sociologia e a política dos diversos países em que estavam inseridos.

centralidade do trabalho regressa às Lojas e à sua forma diversa de trabalhar extra-ritualmente, sem que a organização imponha «um programa comum», plasmado numa interpretação do ritual. Por isso, essa progressiva procura de rituais primários, que se tem vindo a acentuar, ganhou uma dimensão tão importante. A formação do maçom é feita pela reflexão sob a forma e função do ritual e sobre a compreensão do simbolismo intrínseco aos significantes que adornam a Loja no seu funcionamento. O signo, obriga a reflexão sobre a significação e é esta que é formativa do pensamento dos maçons e, como tal, desejavelmente, da prática, também.

Os instrumentos operativos sobre esse trabalho ritual são de fácil listagem: A organização espacial da Loja e os seus adereços simbólicos; a interpretação do painel da Loja, o ritual propriamente dito; os catecismos e, a formação dos aprendizes e companheiros.

A organização espacial da Loja e os seus adereços simbólicos são um instrumento importante como alicerce onde assenta a estrutura do conhecimento do maçom recém-admitido. Cito apenas três exemplos: pedra bruta/pedra polida a pontas, símbolo do trabalho que sobre si tem de desenvolver o maçom; a organização espacial simbólica da Loja, símbolo da sua universalidade; as romãs, símbolo da fraternidade. É sobre o profundo conhecimento que lhe confere o domínio dos referentes estruturais que depois assenta o conhecimento adicional que vai adquirindo.

Conhecer e saber interpretar o significado profundo do ritual e do simbolismo é um elemento estruturante da compreensão da prática maçónica e da apreensão da sua função formativa. Todos o praticam nas sessões de Loja, poucos o estudam aprofundadamente e, por isso, poucos o compreendem na sua essência e função. Há uma diferença abissal entre praticar o

ritual – como uma teatralização – e compreender o ritual. A primeira é relativamente inútil com meio de formar o pensamento do maçom. A segunda exige estudo orientado – a dispersão bibliográfica é enorme –, a existência de mestres que orientem esse trabalho aprofundado e não apenas os Vigilantes, e a existência de uma Biblioteca com as necessárias obras de referência, o que lamentavelmente não existe. Estes são elementos determinantes para que o ritual seja formativo.

A Maçonaria exige estudo, para que a sua forma própria de funcionamento seja operativa sobre o maçom. O painel da Loja é uma representação sintética do espaço da Loja e o seu estudo e conhecimento complementam-se depois na formação dada pelos catecismos e pelos vigilantes. Mas, quantas vezes se faz hoje em Loja uma reflexão sobre o painel da Loja?

Aos poucos os catecismos vão entrando em desuso, como prática regular da Loja. Em França, o entre guerras e sobretudo o pós-2ª Guerra Mundial é um período de desleixo ritual, de descuido com o uso de paramentos, de degradação dos espaços das Lojas, onde, aliás, se fumava na maioria. Os habituais longos catecismos são substituídos por «Instruction rituelle (résumé)»³². Continuaram a ser impressos uns «Memento» que era suposto o novo admitido, elevado ou exaltado estudar, mas a preocupação com o efetivo conhecimento, e, por maioria de razão, com a sua compreensão, vai deixando de ser prioritária como trabalho em Loja. O «pranchismo» societário tornou-se hegemónico e quase mesmo razão exclusiva de existência em muitas Lojas e organizações, relegando para um plano menor, ou mesmo irrelevante, o estudo do ritual e da simbologia, como motivação individual e prática complementar de Loja.

Desde o positivismo sobretudo, que a «prancha» ganha uma função central na essência do trabalho de Loja. Torna-se quase na essência e razão de ser do seu funcionamento. Tem, nesse sentido, uma função formativa. Mas quando os trabalhos se restringem a isso a Loja apenas difere de uma tertúlia, pela sua forma ritualizada de trabalhar, nada mais. A formação específica da Maçonaria não é a que se aprende através dos trabalhos de matriz societária, em si, antes naqueles que tratam esses temas incorporando neles, seja a essência do conteúdo ritual e simbólico, sejam os valores intrínsecos da Maçonaria. Só dessa conjugação virtuosa pode nascer a função formativa, porque só assim o maçom interioriza os referenciais de atitudes, princípios e valores que devem enformar o modo de interpretação diversa que o maçom deve ter sobre o mundo que o rodeia: princípios e valores éticos, morais e políticos que através da prática ritual e interpretação simbólica adquiriu. Um trabalho apresentado em Loja que não tenha a componente interpretativa à luz dos valores da Maçonaria é inútil do ponto de vista formativo. Só juntando essas duas componentes se dá substância a frase:

Meus Irmãos, que estas luzes sejam colocadas ao abrigo dos olhares profanos, mas continuem a iluminar o nosso caminho para podermos prosseguir, no exterior, a obra iniciada neste Templo.

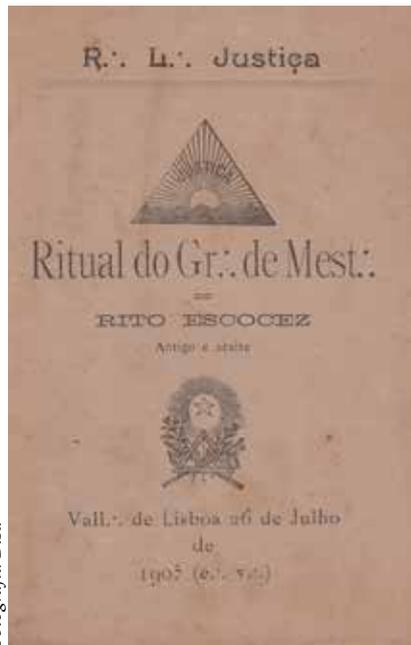
Os ágapes tradicionais após sessão e devendo ser dela parte integrante – também são pouco praticados, reservando-se agora apenas para as datas solsticiais. Convive-se, é certo, depois das sessões, mas é apenas convívio entre os que têm um pouco mais de tempo livre e não um Ágape, onde a existência de ritualização tem também uma função formativa. É um ato convivial que transpõe a ritualidade da

³² Memento du Grade de Compagnon. Paris : Gloton, 1949, 6.

Loja para uma sociabilidade, sendo função dessa transposição, entre outras, recordar que os mesmos princípios e métodos se devem aplicar na nossa vida quotidiana e que devemos celebrar por um conjunto de saúdes os deveres do maçon para com o Estado em que se insere, a organização a que pertence, a sua Loja e os maçons espalhados por toda a superfície do globo. A ritualização da convivialidade do Ágape é o elemento que completa a passagem do «espaço» da loja para o «espaço» quotidiano e que consolida a fraternidade na partilha dessa refeição. Por isso ele devia ser parte integrante (e obrigatória) da sessão de Loja.

Assim, para responder à interrogação «a importância do ritual nos esquemas de pensamento dos maçons» é preciso ter presente esta realidade que em traços toscos foi acima retratada para identificar essência e forma, separando-as da prática que é, por vezes, de uma desnecessariamente palavrosa vulgata pseudo-identitária.

No princípio era o verbo, isto é, a nomeação dos símbolos e a sua interpretação moralizadora. Daí se evoluiu por caminhos diversos, mas todos eles, qualquer que seja o rito praticado, assentam em dois elementos: a prática ritual e a interpretação dos símbolos. Sem



Fotografia D.R.

uma formação ritualista sólida – o que é diferente de transformar o ritualismo na essência exclusiva do trabalho em Loja – o ritual e os símbolos não têm efeito enformador do pensamento dos novos maçons. Não apenas dos novos, aliás, já que a repetição dos catecismos tinha essa função de manter o coletivo da Loja recordado da função do espaço e da interpretação dos seus elementos, evitando a deriva para a mera teatralização de uma tertúlia.

A reprimatização de rituais sem carga programática e palavreado desnecessário é uma evolução necessária, dando às lojas a possibilidade de acrescentarem a esse tronco comum a sua forma identitária de praticar a Maçonaria. Nem todos somos espiritualistas, nem esotéricos, nem ávidos de refletir sobre a realidade em que nos inserimos, mas temos direito a todos esses caminhos, Essa é a escolha distintiva que compete às lojas.

O ritual em Maçonaria implica quer profundidade interpretativa, quer rememoração permanente dessa interpretação. Sem o seu estudo e interpretação o ritual transforma-se numa simples forma e, nesse sentido, é pouco provável que tenha alguma influência nos esquemas de pensamento dos maçons para além de umas regras procedimentais de funcionamento de uma reunião, destinadas a dissipar potencial conflitualidade entre um coletivo dispare nas sua origem social, profissões e convicções.

Quando Saladino respondeu, como militar, «Nenhum» referia-se à forma: à cidade. Quando respondeu, como muçulmano, «Todo» referia-se àquela cidade como símbolo.

Sem símbolos e rituais a Maçonaria é uma cidade de pedra. Nada mais. ■



Facebook | Instagram
Museu Maçónico Português



MUSEU MAÇÓNICO
PORTUGUÊS



Grémio Lusitano

WWW.GREMIOLUSITANO.PT